

CAPA
ASSIM MORREU TANCREDO

Antônio Britto
Depoimento a Luís Cláudio Cunha
Edição LPM

CONTRACAPA

A agonia de Tancredo Neves contada pelo único repórter que atravessou os limites da UTI

Um povo inteiro de 130 milhões de pessoas sofreu a dor e agonia dos últimos 38 dias de vida de Tancredo Neves, o Presidente que fez e não viu a Nova República. Neste drama político que mereceu a maior cobertura da imprensa, do rádio e da TV do Brasil, um único repórter atravessou os limites da UTI: Antônio Britto, o porta-voz que, como Tancredo, nunca seria empossado na Secretaria de Imprensa do Palácio do Planalto.

O país se habituou a tentar decifrar na expressão fechada de Britto aquilo que não era dito no rigor dos boletins médicos. Aqui, neste livro, Brito relata o

que a ética da Medicina e os compromissos do poder não lhe permitiram. Neste depoimento de 23 horas gravado em 13 encontros em Brasília, entre junho e agosto de 85, com o repórter Luiz Cláudio Cunha, o porta-voz Antônio Britto fala sobre os bastidores da república sobressaltada, a véspera da posse que não houve, a guerra dos médicos, as relações governo-imprensa, o conflito entre a ética do jornalista e a do médico, o lento mergulho rumo ao fim, a emoção da morte e o milagre da fé.

Quatro dias antes da posse que jamais aconteceria, Tancredo disse a Britto: "Vamos sofrer juntos". Neste livro você vai saber por quê.

capa: Caulos

foto da capa: Ricardo Chaves (ISTO É)

revisão: Sérgio Bandeira Karam

ISBN 85-254-0076-9

produção: Jó Saldanha; Carlos Sérgio Saldanha; Antonio Aliardi

composição: PROLETRA (S. Machado e Lindoberto Santos)

edição de texto: Luís Claudio Cunha

edição gráfica: Ivan G. Pinheiro Machado

coordenação de produção: Jó Saldanha

impressão: Artes Gráficas Guarú S.A.

© Antonio Britto e Luis Claudio Cunha

Todos os direitos desta edição reservados à L&PM Editores

Av. Nova Iorque, 306 - Porto Alegre

Rio Grande do Sul

Impresso no Brasil

Verão de 1986

Nota do editor

Neste livro, o leitor conhecerá os bastidores da agonia do Presidente Tancredo Neves em Brasília e em São Paulo através do testemunho do único repórter que teve acesso ao palco dos acontecimentos. Para contar esta história, para restaurar a emoção, a esperança e a tristeza daqueles 38 dias de angústia foram necessárias 23 horas de conversas gravadas entre os repórteres Luís Claudio Cunha e Antônio Britto. O primeiro, o entrevistador, o segundo o observador privilegiado; o homem que exercia o cargo de porta-voz da



Presidência justamente no momento em que a recém-nascida Nova República sofria seu pior golpe e passava pela mais dura prova. O que está aqui publicado é o resultado desta longa conversa, que acumulou cerca de 800 laudas que foram por fim editadas em 200 páginas de texto ágil, tenso, informativo, revelador. Antônio Britto, o Secretário de Imprensa escolhido pelo Presidente Tancredo e que, como ele, não tomou posse, teve assim o seu trabalho analisado pela imprensa brasileira:

"O que tem sido estes 30 dias de atuação no novo cargo, só ele poderá revelar dentro de algum tempo. Louve-se a sua conduta cor-
Pág 7

reta, digna, equilibrada, com moderação e habilidade, atendendo sempre com boa vontade às centenas de jornalistas que o acossam, dentro e fora do Instituto do Coração, atrás daqueles microfones, exigindo informações e esclarecimentos."
(Murilo Melo Filho, Revista Fatos)

"O rosto mais conhecido do País passou a ser o do porta-voz da Presidência da República, o jornalista Antônio Britto. Quando ele aparecia, a Nação parava, preocupada, para ouvi-lo."
(Nubia Silveira, Zero Hora)

"As pessoas dirigiam-se a ele com intimidade, corriam atrás dele e falavam de suas expressões faciais como se comentassem as de um amigo: 'O Britto está nervoso', dizia um; 'Pobre do Britto, não dormiu e está cansado', observava outro.
(Zero Hora)

"Britto resgata a credibilidade do assessor de Imprensa."
(O Globo)

"Sua seriedade não lhe impedia de transmitir eflúvios otimistas quando Tancredo realmente melhorava, assim como sua sobriedade não ocultava jamais momentos de profundo desânimo, quando a vida do Presidente estava por um fio."
(O Globo)

"Sério, preciso, competente, Antônio Britto foi sobretudo um profissional que conquistou a credibilidade e o respeito de todos, do público e da Imprensa. Além de demonstrar que é perfeitamente possível servir bem a um Governo transmitindo com precisão as informações, sem esconder a verdade em subterfúgios."
(Correio Braziliense)

"A bravura e a serenidade com que Antônio Britto está enfrentando esta barra fazem dele um motivo de orgulho para todos nós, seus colegas. Antônio Britto administra este momento com absoluta
Pág 8

correção, equilibrando muito bem a sua função profissional e a sua condição de ser humano. O seu desempenho tem sido de craque."
(Sergio Cabral, o Globo)

"Esse gaúcho de Livramento, de 32 anos, está lutando por um objetivo muito difícil: ser um porta-voz que fala a verdade. Britto está estreando um

novo estilo de relação entre a imprensa e o governo, a do comportamento leal e franco junto à opinião pública."

(Gazeta Mercantil)

"Em Antônio Britto, a Nação aprendeu a ler como nos atores as mensagens emotivas por dentro, além, adiante e através das palavras dos boletins oficiais. Ele estabeleceu, ao longo de quase um mês, um pungente porém rico intercâmbio afetivo com o público, aprendendo a dizer verdades emocionantes paralelas a "objetividade" subjetivíssima dos boletins médicos."

(Artur da Távola, O Globo)

"O Antônio Britto, obrigado a enfrentar o pior teste que um porta-voz da Presidência poderia ter antes mesmo de assumir o cargo, me lembrou aquela história do jogador de Batatais. Eu já contei a história, mas vou repetir porque ela cabe e porque gosto dela. É verdadeira. Um jogador de futebol que nunca tinha saído de Grande Batatais, interior de São Paulo, foi contratado por um grande time da capital. Assim que chegou ao clube, foi incluído numa delegação que partia para jogar na Europa. Foi direto de Batatais para Paris. E, em Paris, no dia mesmo da chegada, andando boquiaberto pela cidade num grupo, foi abandonado, numa cruel brincadeira, pelos companheiros sob o Arco do Triunfo. Ali onde se cruzam doze avenidas que ele não conhecia nem de nome. Ele voltou logo para o hotel, para surpresa dos companheiros e se queixando deles. "Pó, fazer aquilo com ele? Abandoná-lo bem no meio de uma cidade desconhecida e dar no pé? Se não fosse ter passado um conhecido de Batatais..." Deixaram o Britto debaixo do Arco do Triunfo e ele não se perdeu. E não passou ninguém de Batatais. Não foi sorte. Foi capacidade. Deus, só para enriquecer a biografia do Sarney, lhe jogou um abacaxi

Pág 9

e ele amaciou no peito, dominou na coxa e pôs no chão. Pelo menos um gaúcho no País que sabe a quantas anda."

(Luis Fernando Veríssimo, Zero Hora)

"O Britto se comportou muito bem, limitando-se a transmitir as informações, sem dar palpites."

(Carlos Castello Branco, Jornal do Brasil)

Pág 10

Apresentação

Este depoimento era uma obrigação. Escolhido pelo Presidente Tancredo Neves para Secretário de Imprensa e Divulgação do Governo da Nova República, fui transformado pelas circunstâncias em porta-voz do maior drama já vivido no Brasil.

Quatro meses depois, recordar aqueles 38 dias é, antes de tudo, emoção representada por uma cena em especial: atravessar a rua em frente ao Instituto do Coração, em direção ao auditório e aos boletins, perseguido por aqueles olhares patéticos e cúmplices, que suplicavam boas notícias que nunca pude dar. Em muitos momentos, quando dentro do hospital não havia otimismo, nem forças, descera a rua, apesar do ritual e do silêncio, era uma forma de pedir ajuda para tornar a subir e continuar acompanhando o drama do Presidente. Éramos poucos, entre familiares e assessores, e estávamos isolados. Aquela calçada inesquecível, lotada de gente e de fé, foi síntese perfeita da relação do Brasil com a obra e a figura do doutor Tancredo e por isso, entre as emoções, é a mais permanente.

Recordar também é, para mim, ato de reflexão e de preocupação com a

absurda predominância de outros interesses em momentos

Pág 11

terríveis nos quais as personalidades políticas, até por esta condição, deveriam ser tratadas exclusivamente como doentes. Com a frágil e às vezes incompreensível linha que procuram estabelecer entre a ética médica e o dever de informar. Com os preconceitos e incompreensões que marcam a relação Imprensa-Medicina. E com a riqueza de lições sobre o papel do jornalista deixadas pelo episódio, mas infelizmente ainda não discutidas.

Por último, recordar é agradecer. A todos que, com afeto, entenderam a dificuldade daqueles dias, foram generosos com os meus erros e contribuem até hoje para que se possa, ao menos, conviver com a tristeza. De modo especial, o exemplo de fé e de dignidade dado a todos nós e a mim em particular pela admirável família do Presidente, à frente Dona Risoleta. No que tiver de positivo, este depoimento ficará devendo às pessoas que me forneceram informações e, em particular, à competência de meu entrevistador, o jornalista Luís Claudio Cunha.

Brasília, agosto de 1985

Antônio Britto

Pág 12

Índice

1.A Véspera	15
2.A Operação	28
3.A Mentira	40
4. Confusão no Hospital	47
5. O Presidente piora	58
6. A Imprensa e os Boletins	66
7. A junta Médica	81
8. A Guerra dos Médicos	91
9. A Última Foto	97
10. O Vôo sem Volta	105
11. A Fé no Milagre	117
12. O Professor Doutor	124
13. A "coisa"	128
14. A Semana do Medo	136
15. O Começo do Fim	148
16. O Relatório Pinotti	160
17. A Luz se Apaga	173

Pág 13

1. A Véspera

P – Na noite de 14 de março de 1985. quinta-feira, o Brasil se preparava para o sonho do dia seguinte, quando foi sacudido pelo pesadelo da doença do Presidente Tancredo Neves. Onde estava, neste momento, o porta-voz do Palácio do Planalto?

Britto – Eu estava em casa, preparando algumas coisas para as cerimônias da manhã. Via roupas, relia alguns documentos do programa de posse, quando Mauro Salles me telefonou: "Corre que o Presidente foi para o hospital...". Eram quase 22h 15m. A primeira coisa em que pensei foi na

frustração do dr. Tancredo. Não tinha dado tempo para esperar até o dia 15. Falei nisso com minha mulher, Wolia, enquanto botava a gravata: "Pobre do dr. Tancredo, não deu para esperar, não deu para chegar lá". Entrei correndo no carro e me dei conta de que estava quase sem gasolina – e não tinha tempo para esperar que um carro me buscasse. Percorri o trecho entre minha casa e o hospital, certa de 21 quilômetros, apressado mas preocupado em não correr demais e ficar no meio do caminho, sem combustível. Ao

Pág 15

sair de casa, minha única providência foi pegar o livrinho da Constituição e enfiar no bolso do lado direito do paletó.

"O Dr. Tancredo tinha um problema antigo. Fizeram uma aposta para ver se era possível chegar até o dia 15 de março. E perderam"

P– Porquê? Recorrer ao "livrinho" é uma coisa que as pessoas não fazem há muitos anos neste país...

Britto – Acho que foi uma reação de repórter. Eu tinha lembrança, evidentemente, do artigo da Constituição que trata da sucessão. Eu ainda rodava pelo Lago Norte e pensava na loucura que estava começando a acontecer. Comecei a lembrar que a cidade toda estava em festa. Todas as pessoas que eu conhecia em Brasília estavam em alguma festa, naquele Instante. O dr. Tancredo não tinha participado destas festas porque a dele era no dia 15. Esse era o meu sentimento. Liguei o rádio do carro e fiquei girando o botão, em busca de alguma notícia, mas a doença do Presidente ainda não estava no ar. Desliguei o rádio e comecei a pensar no fato de que o dr. Tancredo realmente tinha um problema, um problema antigo. Fizeram uma aposta para ver se era possível chegar até o dia 15 de março. E perderam. E se tiver necessidade de uma cirurgia?, lembrei. Eu tinha certeza, agora, de que, não tendo conseguido esperar, haveria a cirurgia. E aí, me perguntei, como é que fica?

Em nenhum momento me ocorreu a idéia de que a gente ia ter urna noite trágica. Só fiquei pensando na coisa maluca que ia ser isto: Sarney tomando posse, Figueiredo passando a faixa para ele. O que passava pela minha cabeça era muito mais o absurdo da cena de Sarney tomando posse do que a idéia de uma reunião para saber se haveria ou não posse. Cheguei no Hospital de Base de Brasília (HDB) cantando pneu. Não tive nem tempo para manobrar.

Abandonei o

Pág 16

carro nomeio da rua e joguei achave para um guarda que estava por perto. Olhei para o hall do hospital, no andar térreo, e vi uma correria danada de pessoas. E aí, pela primeira vez, eu tive noção da confusão em que estava me metendo. Ao me aproximar e ver aquele monte de gente, me deu uma certa sensação de pânico saber que a gente teria que estreitar todas as coisas ao mesmo tempo. Não era só a estréia de um novo governo, de um outro regime, de uma nova Secretaria de Imprensa. Era a estréia de uma relação nova, de uma tentativa de uma relação nova naquelas condições. Por isso que eu entrei apavorado. E tentei entrar no hospital pela porta errada. Enquanto procurava a porta certa, que estava um metro ao lado da outra, eu vi uma meni-

"Quando me viu, o Dr. Tancredo levantou as duas mãos e disse: 'Oh, Britto, então vamos sofrer juntos...'"

na de rádio, que nem conhecia, anunciar ao microfone: "Está chegando aqui o Secretário de Imprensa...". Foi uma espécie de aviso de que tinha começado

uma guerra. Eu estava tomando posse.

P – Antes desta posse informal, houve sinais prévios da guerra?

Britto – Na segunda-feira, depois de ter sido convidado oficialmente para o cargo pelo dr. Tancredo, peguei um avião à tarde e fui ao Rio de Janeiro falar como doutor Roberto Marinho. Voltei à noite e fiz minha primeira aparição pública como Secretário de Imprensa num jantar oferecido ao Presidente pela Casa da Manchete. Quando terminou o jantar, eu me coloquei na fila de cumprimentos, pois tinha chegado atrasado, vindo direto do aeroporto, e ainda não tinha visto o Presidente. Era a primeira vez que iria falar com ele na condição de funcionário do Governo. Fui para a fila junto com Mauro Salles e Roberto D'Ávila. Quando me viu, o dr. Tancredo fez festa,
Pág 17

levantou as duas mãos e disse: "Oh, Britto, então vamos sofrer juntos...".

Esta frase, depois, acabaria tendo um significado dramático. No dia seguinte, terça-feira, é que eu comecei realmente a trabalhar, no anúncio oficial

do Ministério, no auditório da Fundação Getúlio Vargas. Eu percebi que o dr. Tancredo, que era um homem extremamente pacioso e bem-humorado, estava ali visivelmente mal-humorado e impaciente. Isso se revelou de várias formas. Na dura resposta ao Governador Leonel Brizola, que havia criticado a escolha de sua equipe, e na forma como se comportava fisicamente. Ele parecia incomodado. Eu estava atrás dele, em pé, e era visível o seu desconforto. Encerrada a cerimônia, ele saiu por uma porta lateral do auditório, e não era o dr. Tancredo que eu conhecia, o sujeito que dá um dedo para ficar um minuto mais conversando fazendo uma frase sobre tudo. Ele estava alterado. Naquele momento, terça-feira de manhã, ninguém desconfiava nem de faringite. Nesta solenidade, houve o anúncio oficial de que eu havia sido convidado e aceitei a Secretaria de Imprensa. A partir dali fui muito ao Palácio do Planalto.

Então, fiquei algum tempo longe do escritório do Presidente. Mas, na quarta-feira à tarde, fui conversar com Aécio Neves Cunha, neto e secretário particular do dr. Tancredo para dizer que até o dia 15 estava tudo sob responsabilidade da equipe do palácio e do governo Figueiredo. Eu lhe disse que ia começar a trabalhar no dia 16 e que o que mais me preocupava era a primeira reunião do novo Ministério, marcada para o domingo, dia 17, às 10h. Aí Aécio baixou o tom de voz e me disse: "Fica quieto, mas pode ser que essa reunião não aconteça".

P – Você perguntou por quê?

Britto – Nessa hora, entrou uma pessoa na sala e eu também achei que não devia perguntar. Naquela manhã o dr. Renault Mattos Ribeiro tinha informado, ao sair da granja do Riacho Fundo, que o Presidente estava com faringite. Mas fiquei com a conversa de Aécio na cabeça. No final da tarde, eu precisava conversar com dr. Tancredo.
Pág 18

do para acertar algumas coisas sobre os dias 16, 17 e 18. Estranhei porque ele tinha ficado o tempo todo no Riacho Fundo, naquela quarta-feira. No final da tarde ele chegou à Fundação e, no momento de entrar em seu gabinete, dona Antônia Gonçalves de Araújo, sua secretária, me avisou: "Vê se não estende muito a conversa, Britto, porque o dr. Tancredo não está se sentindo bem". Entrei preparado para vê-lo com quê? Com uma faringite, embora não

fizesse sentido a faringite com o fato de não haver a reunião ministerial no domingo. Eu estava em dúvida. O Presidente me recebeu, sentou e repetiu, de modo muito forte, o gesto que vinha fazendo há algum tempo – pressionar a barriga com a mão esquerda. Eu disse a ele que era uma conversa rápida. Queria saber se ele tinha alguma orientação especial sobre sábado e domingo. E disse-lhe que a perspectiva de trabalhar num governo democrático, com ele, tinha me animado a aceitar o desafio. Ele olhou firme para mim, esquecendo um pouco o incômodo na barriga, e me disse: "A essa altura da vida, e ao ponto onde cheguei, eu só tenho uma coisa a ganhar, Britto: preciso fazer um governo digno. Nós precisamos fazer um governo digno". E insistiu muito nisso. Repetiu uma, duas vezes, essa frase: "Nós precisamos fazer um governo digno". Eu me despedi dele e sai.

"O Presidente repetiu o gesto que vinha fazendo há algum tempo – pressionar a barriga com a mão esquerda"

No início da noite, fui informado de que o discurso do Presidente perante o Congresso estava sendo reescrito para ser diminuído. Ai fiquei confuso, porque isso podia fazer sentido com a faringite. Nas conversas que a gente tinha, apesar daquela confusão, me pareceu claro o seguinte: ninguém, a não ser Aécio, o filho Tancredo Augusto e o sobrinho Francisco Dornelles, sabia da extensão real da

Pág 19

doença. Todos estavam extremamente fechados e tensos. Naquela noite de quarta-feira eu estava convidado para uma festa na casa do Deputado Israel Pinheiro Filho, mas não fui. Não pude ir porque estava super atrasado para tomar providências no palácio. À noite, Pedro Rogério, da TV Globo, que tinha ido ao jantar, me ligou de lá para avisar que uma pessoa íntima do dr. Pinheiro Rocha avisara que o Presidente estava com problemas no abdômen. Esse problema podia levar à cirurgia e, para isso, estava reservado o Hospital de Base. Aí as coisas começaram cada vez mais a fazer sentido.

(O Ministro Leitão de Abreu ouve, na festa de Israel Pinheiro Filho, a notícia sobre a "cirurgia iminente" em Tancredo. O Palácio do Planalto sabia de seu estado febril desde domingo. Leitão volta para a Granja do Ipê e de lá telefona para a Granja do Torto, alertando Figueiredo.)*As notas em grifo refletem o noticiário da imprensa na época (N.E.)

P – Os médicos, então, já tinham o sentido exato da doença?

Britto – Na manhã de quarta-feira 13 de março, segundo eu soube depois, o dr. Pinheiro Rocha estava no Hospital de Base operando um paciente, um homem muito pobre, com câncer no estômago. Iniciada a cirurgia, ele sentiu que não havia mais nada a fazer: o câncer já havia tomado todo o estômago. E o que deveria ser uma cirurgia extremamente demorada acabou sendo uma cirurgia rápida. Ele abriu e fechou. Em função disso, voltou mais cedo para o seu consultório no Departamento Médico da Câmara dos Deputados. Chegou às 10h 30m em seu gabinete e encontrou ali o chefe do Departamento, dr. Renault Mattos Ribeiro, que o aguardava com um envelope. "Dê uma olhada nesse hemograma. O que você diria desse hemograma?", perguntou Renault. Pinheiro leu o exame, que apontava uma taxa de 13.400 leucócitos (o normal é 6.000) e um desvio à es-

Pág 20

querda que revelava o grau de infecção. Renault estava tenso, preocupado, mas não revelou a identidade do paciente. Pinheiro avaliou o número do exame

e arriscou: "Depende. Isso é de uma pessoa jovem ou idosa?". "Pessoa idosa", respondeu Renault. Pinheiro concluiu: "Então é mais grave. Isso aqui deve ser de um quadro infeccioso agudo". Renault, antevendo o choque, desafiou: "Sabe de quem é?". Diante da resposta negativa, Renault contou: "Tancredo de Almeida Neves". Pinheiro começou a gelar e Renault continuou: "Vamos correndo para o Riacho Fundo. Eu estive lá ontem à noite, estive hoje de manhã novamente e já acertei que você iria lá, comigo, dar uma olhada." Passava das 11h da manhã quando os dois saíram, no carro de Renault, rumo ao Riacho Fundo. Dr. Tancredo os recebeu no quarto, deitado. Ficaram só os três. Renault apresentou Pinheiro ao Presidente, pois eles não se conheciam. Pinheiro começou o exame e, ao tentar tocar na parte dolorida do abdômen, sentiu a reação do Presidente. O Presidente retirava a mão de Pinheiro, quando era apalpado ali. Pinheiro terminou o exame, saiu do quarto e aproveitou para

"Doutores, eu isento vocês, assumo qualquer responsabilidade. Eu não posso me operar"

uma conversa rápida com dona Risoleta "Olhe, o quadro é muito grave", disse o médico. Voltou para junto do Presidente e estabeleceu com ele o seguinte diálogo:

– Presidente, o senhor está com um quadro de abdômen agudo cirúrgico.

Não é possível saber o que é exatamente sem se fazer a cirurgia.

– Dr. Pinheiro me traduza o que é isso.

– O senhor deve ser operado imediatamente O quadro é de extrema gravidade

– O senhor precisa saber que até o dia 17, às 5 da tarde, eu não

Pág 21

posso me submeter a esta cirurgia. O sr. já imaginou o que acontecerá neste país, com todas estas representações estrangeiras, com tudo isso que está acontecendo, se eu for operado agora?

– Presidente, lamento ter colocado a mão em sua barriga Eu sou cirurgião e, a partir de agora, tenho esta responsabilidade O senhor tem que se operar.

O dr. Tancredo respondeu aos médicos que não aceitava, em hipótese alguma ser operado. Ele não podia ser operado, dizia. Os médicos, então, explicaram que ele precisava fazer exames complementares. E o Presidente resistia: "Durante o dia eu não faço esses exames, eu não posso fazer". Então, o dr. Renault organizou um esquema para que ele fizesse os exames à noite, discretamente no Centro Radiológico de Brasília, no final da avenida W-3 Sul. O dr. Pinheiro recomendou a ele que não saísse de casa durante o dia e que cuidasse da alimentação, o Presidente tentou mais uma vez: "Doutores, vocês não precisam se preocupar. Eu isento vocês, assumo qualquer responsabilidade Não posso me operar".

O dr. Pinheiro explicou que não poderia aceitar esse tipo de argumento que isso nada adiantava, que o importante era que ele soubesse que tinha de ser operado. Os médicos despediram-se do Presidente e saíram para uma reunião com a família – Aécio, Tancredo Augusto e dona Risoleta. Fizeram uma avaliação médica, disseram que o quadro era grave e que se fosse qualquer outra pessoa já estaria sendo removida para o hospital. A família, segundo os médicos, disse que a decisão do dr. Tancredo era a decisão deles. Ou seja, tentar protelar e adiar a operação até quando fosse possível. Os dois médicos deixaram o Riacho Fundo preocupados.

Perto das 16h daquela quarta-feira Pinheiro Rocha ligou para o diretor do HDB, Gustavo Arantes que sabia pela televisão dos problemas do Presidente com a faringe, e informou: "Gustavo, acabo de examinar aquele senhor e o quadro é de abdômen agudo. Ele tem que ser operado". Distante do problema,

o diretor do HDB não percebeu a quem se referia Pinheiro: "Mas, que senhor? Que história é essa?". Pinheiro, sem avançar nome, insistiu: "Aquele senhor, aquele". Gustavo Arantes percebeu subitamente a razão do mistério sobre o nome do paciente. E reagiu, espantado: "É?!... Aquele? Não me diga!..."

Pág 22

Pinheiro começou a adotar as medidas preventivas: "Olha, eu não tenho dúvida de que vai ter que haver a cirurgia. O que eu não sei é se vou ser eu, não sei se vou ficar nesse caso. Agora, se for, eu quero que seja o Hospital de Base, pois é o que tem melhores condições. Então, faça o seguinte: providencie, reservadamente para que tudo seja preparado. Mas não diga nada, absolutamente, para ninguém."

Os dois médicos acertaram que a partir das 18h daquela quarta-feira, dia 13, o HDB entraria em regime de prontidão: Às 17h, todos os chefes de área do hospital foram informados da prontidão: a partir dali, ninguém sairia sem dizer onde ia, ninguém sairia sem deixar um telefone. Às 19h 30m, discretamente Renault estacionou o seu carro ao lado da Fundação, tirou o dr. Tancredo do escritório por uma porta lateral e seguiram, sozinhos para o Centro Radiológico, preparado para que neste momento estivesse vazio. O Presidente e Renault foram recebidos pelo diretor dr. Mário Alfredo Saraiva, dois radiologistas e um técnico, além de Pinheiro. Enquanto o dr. Tancredo se submetia a radiografias e ecografias do tórax e abdômen, o médico Ubiratan Peres tirou novas amostras de sangue, a segunda vez naquele dia.

Enquanto os médicos examinavam as chapas, o Presidente descansava num sofá, sentado ao lado de Aécio e Tancredo Augusto, que chegaram em outro carro. A avaliação médica terminou por volta das 21h 30m, e o Presidente quis saber o resultado. Pinheiro reiterou a necessidade de uma intervenção cirúrgica. O dr. Tancredo continuou resistindo e voltou a dizer que eximiria, por

escrito, os médicos de quaisquer responsabilidade por sua decisão. Desta vez, porém, passou a admitir a cirurgia logo após a posse, na sexta-feira ainda, e não mais no domingo. Diante da obstinação do Presidente, Renault e Pinheiro decidiram reforçar o tratamento terapêutico com antibióticos e manter os exames de sangue, para colocar o Presidente sob rigoroso controle. O hemograma das 19h 30m já mostrava a taxa de leucócitos em 15.000.

O estado de prontidão do HDB não causou sobressalto. Numa providência de rotina nestes casos, a Embaixada americana havia solicitado, por ofício, este esquema preventivo durante a permanência

Pág 23

do Vice-Presidente George Bush em Brasília, para as cerimônias de posse. O mesmo fizera a Embaixada argentina em relação ao Presidente Raul Alfonsín. O diretor do hospital, Gustavo Arantes, ainda precisou pensar em outra questão: onde seria essa eventual cirurgia? O Hospital de Base possui dois centros cirúrgicos. O de Emergência, que fica no 2º andar, ao lado da UTI, funciona em regime de plantão permanente. O Eletivo que fica no subsolo, usado apenas para cirurgias previamente marcadas, cirurgias mais complicadas, e oferece mais privacidade e tranquilidade. O dr. Gustavo optou pelo Centro Eletivo. Na quinta-feira dia 14, por volta das 10h, Pinheiro entrou na sala de Gustavo, na direção do HDB. Antes que Gustavo o convidasse para sentar, Pinheiro saiu fechando, uma por uma, as três portas que dão acesso à sala. Só então falou: "Olha, é inevitável que ele venha, mesmo, para cá. Estamos dando antibióticos para tentar esfriar o processo, para ver se ele toma posse. Agora, se eu for operá-lo quero escalar a equipe." E ali Pinheiro relacionou quem deveria assisti-lo na operação: os cirurgiões Aloísio Toscano Franca e Felipe Nery, paraibanos como ele e Renault. E escalou o anestesista, Edno Magalhães. Pelo telefone, dali mesmo, Gustavo começou a convocar os médicos. O último

deles, o anestesista, foi localizado na casa de seu contador, acertando os números da declaração do Imposto de Renda. Cheio de dificuldade para dizer do que se tratava, Gustavo anun-

"Renault decidiu ir a missa das 18h para dizer de novo à família que não era mais possível segurar"

ciou: "Olha, eu tenho um negócio muito importante. Você precisa ficar de prontidão a partir de agora." Edno Magalhães desconfiou: "Vem cá, Gustavo... Você não está me arrumando nenhuma bomba, né?". O diretor do HDB não conseguia deixar de lembrar a frase que Pinheiro lhe dissera pouco antes: "Eu olho para isso tudo e só vejo o episódio do Petrônio Portella na minha frente".
Pág 24

Pinheiro retornou, no final da manhã, para a Câmara dos Deputados e ali encontrou Renault, que voltava do Riacho Fundo. "Como está o Presidente?", perguntou. Renault não se mostrou animado: "Aparentemente estabilizado. Não melhorou nem piorou." Depois do almoço, de volta ao Serviço Médico da Câmara, Pinheiro encontrou o médico Ubiratan Peres com o hemograma daquela manhã. Os leucócitos dispararam para 17.000. Os dois se reuniram com Renault, às 15h, e lhe fizeram a sugestão de voltar ao Riacho Fundo, no meio da tarde, e comunicar à família que a situação tinha se agravado ainda mais. Era, agora, uma luta contra o tempo. Renault tentou ligar para a granja, que sofria de um problema crônico de comunicação. O telefone estava sempre ocupado. Renault decidiu então ir à missa das 18h, na igreja Dom Bosco, para observar o Presidente e dizer de novo à família que não era mais possível segurar.

Durante a missa, o dr. Tancredo passou a maior parte do tempo sentado. Só levantou para ler a epístola. Eu estava do lado esquerdo do altar e percebi sua dificuldade para subir alguns degraus e se ajoelhar. O Presidente estava abatido e preocupado Mas, nessa fase, todas as informações da doença do dr. Tancredo estavam muito em código, conhecido por um grupo muito pequeno de pessoas.

P – O Ministro da Justiça do governo Figueiredo era uma delas?

Britto – O Ministro Ibrahim Abi-Ackel reuniu um grupo de amigos, em seu gabinete, na manhã de quinta-feira, e deu a informação de que o Presidente seria operado. Mas a fama dele de não ser um informante fidedigno, de nunca saber exatamente o que estava acontecendo, fez com que as pessoas não acreditassem muito. Além disso, a relação das pessoas com o dr. Tancredo e com sua posse era uma relação tão afetiva, tão firme, que elas estavam bloqueadas psicologicamente, recusavam-se a examinar a hipótese. Um repórter da "Folha de S. Paulo", Henrique Gonzaga Jr., me pegou naquela manhã e me avisou: "Olha, o Abi-Ackel deu uma entrevista dizendo isso...". Decidi informar ao Presidente. Eu tinha acabado de falar com
Pág 25

ele, que havia me pedido para dar uma declaração, em seu nome, sobre a reação de Brizola diante de sua crítica ao secretariado do Rio. Ele dizia que Brizola estava revelando pouquíssimo senso de humor. Mas antes que eu chegasse ao Riacho Fundo, ele saiu para a missa. No portão, aos jornalistas, em sua última entrevista, o Presidente fez o comentário sobre Brizola. Mas nem na missa eu consegui informá-lo sobre a história da doença.

"O abdômen estava inchado e apesar do cobertor e da temperatura amena, ele tremia e tinha dificuldade para respirar"

À saída da igreja Dom Bosco, cumprimentou algumas pessoas, no caminho, mas não se demorou. Não dava para dizer que aquele era um comportamento habitual, mas ele não deixou de cumprimentar. A esta altura o Presidente estava bem-humorado, ao ponto de ele e dona Risoleta, durante uma parte do trajeto para a granja, cantarem alguns hinos religiosos habitualmente entoados nas procissões de São João del Rey. O ambiente no Landau era de quem vai tomar posse, no dia seguinte, como Presidente da República.

Em casa, Pinheiro Rocha telefonou para seus dois médicos assistentes, Felipe Nery e Aloísio Franca, relatou a evolução do quadro e pediu que ficassem atentos. Às 20h 30m, quando saía de casa para assinar sua declaração do Imposto de Renda, Pinheiro foi chamado ao telefone. Era Renault: "Estou passando ai, vamos correndo para a granja. Aecinho acabou de me ligar. Dr. Tancredo está passando muito mal,"

Chovia muito em Brasília, naquela noite, e Renault, com Pinheiro ao seu lado, precisou moderar a velocidade no percurso de 40 quilômetros. Aécio, Tancredo Augusto e o pessoal da segurança esperavam os médicos na porta principal do Riacho Fundo e os levaram

Pág 26

diretamente para o quarto. O dr. Tancredo, com um robe de chambre cor de vinho sobre o pijama azul claro, estava deitado. O abdômen estava inchado e, apesar do cobertor e da temperatura amena, ele tremia e mostrava uma certa dificuldade para respirar. Era o quadro de bacteriemia que indica a presença de bactérias no sangue. Renault e Pinheiro não precisaram nem se falar. Tinha acontecido – estava perdida a luta contra o tempo. Imediatamente começaram a tomar as providências...

Pág 27

2. A Operação

P – O Presidente, desta vez, não tentou argumentar?

Britto – Não. O dr. Tancredo estava prostrado. Os médicos concluíram que, da forma como a coisa andava, a qualquer momento viria uma segunda crise de bacteriemia, e essa crise poderia levar a uma parada cardíaca, parada respiratória e morte. O quadro gravíssimo tinha se transformado em perigo iminente de vida. Pinheiro explicou o que acontecia: "Isso é muito grave, Presidente. Nós temos que ir agora para o Hospital. O senhor é o Presidente de todos nós, há toda essa expectativa em torno do senhor. O senhor é um homem católico, que tem fé... Vamos lá, vai dar tudo certo", animou. O Presidente continuava irredutível: "Eu não vou para o hospital". Aí Renault, inspirado, saiu por outra linha de argumentação: "Acontece, Presidente, que o sr. precisa tomar soro". "E por que não aqui?", perguntou o dr. Tancredo. Renault percebeu a brecha: "Não há como dar soro em casa, só no hospital". O Presidente, finalmente, ren-

Pág 28

deu-se. A ida ao hospital, só para tomar soro, era a garantia da posse, imaginou ele.

Surgiu, então, uma nova dificuldade: os telefones da granja não estavam funcionando direito. Aécio encontrou a maior dificuldade para telefonar. Renault tentou ligar para casa e conseguiu: falou com sua mulher e pediu que ela acionasse o esquema, ligando para o diretor do HDB. Gustavo Arantes tinha

saído do hospital, no final da tarde, e passou num restaurante para tomar um uísque e refletir sobre o que se passava, em sigilo, nos bastidores da Nova República. Seguiu para a casa de seu sogro, Paulo Cabral, condômino dos "Diários e Emissoras Associados", que uma semana antes recepcionara o Presidente. Gustavo não resistiu e, pela primeira vez, rompeu o segredo e contou a Cabral o drama que se esboçava. Era o início da noite de quinta-feira, quando soou o telefone: era a mulher de Renault, anunciando que os médicos estavam na granja tentando esfriar o processo infeccioso. Gustavo deveria ficar preparado. Cinco minutos depois, um novo telefonema detonou a emergência: "Gustavo, não adianta. O dr. Tancredo terá que ir para o hospital."

P – O Presidente imaginava tomar o soro e voltar para a granja?

Britto – Ele tanto não sabia que caminhava para uma cirurgia que só foi convencido a ir com a certeza de que o soro era indispensável para agüentar até o dia seguinte. E isso só poderia ser feito no hospital. Da forma como foi vendida a ele, a ida ao HDB era a garantia da posse. Uma prova disso é a rigorosa recomendação que ele fez ao pessoal da segurança, para uma chegada discreta no hospital. Ele foi tão incisivo que o carro da segurança teve que acompanhar o Landau presidencial à distância, para não ser visto pelo Presidente. O problema da segurança era se esconder do dr. Tancredo... De pijama, robe de chambre e um chinelo que cobre todo o pé, tipo pantufa, o Presidente embarcou no Landau com placas de Juiz de Fora, no banco traseiro, ao lado de dona Risoleta. No banco da frente, iam o motorista, Pinheiro e Renault. Gustavo foi o primeiro a chegar ao hospital, onde ainda não havia ninguém da equipe. Co-

Pág 29

meçou, então, a convocar o pessoal que normalmente atenderia uma emergência do Vice-presidente George Bush. O Major Fourreaux, que descansava no hotel, assumiu o controle da segurança no hospital

"O Presidente desceu pálido, revelando dificuldade para caminhar mas recusou a cadeira de rodas"

e mudou o local de desembarque do Presidente – a entrada principal do pronto-socorro um local naturalmente muito exposto. Escolheram uma entrada lateral mais reservada. Não havia comunicação por rádio, não havia nada, e o Major Fourreaux teve que deixar um agente no pronto-socorro só para avisar que não era ali o desembarque. Ali pelas 22h 15m chegou o Landau do Presidente, que estacionou na entrada secundária. O local estava deserto. O sigilo da operação, como queria dr. Tancredo, era um sucesso até agora. Logo em seguida chegaram mais dois carros, com o pessoal da segurança, Aécio e Tancredo Augusto.

O Presidente desceu, pálido, revelando alguma dificuldade para caminhar, mas recusou a cadeira de rodas que Gustavo Arantes havia providenciado. Subiu imediatamente para a suíte do 4º andar e começou a ser examinado por Pinheiro, Renault e um cirurgião de plantão do HDB, o dr. Conte. Dr. Tancredo continuava achando que passaria algumas horas, ali, e voltaria para a granja. Recebeu soro e antibióticos e submeteu-se a uma nova coleta de sangue para exame, feita como sempre pelo dr. Ubiratan Peres. Gustavo aproveitou o momento e disse para o Presidente: "Talvez o senhor não se lembre de mim, mas estivemos juntos na semana passada numa festa na casa de meu sogro, Paulo Cabral. Presidente, não se preocupe." Dr. Tancredo resmungou: "Pois é, essa coisa chata...". Ele se queixava de dores. Estava pálido, com tremores de febre, as pontas dos dedos com uma coloração roxa. Aí chegou o médico com o resultado do hemo-

grama: os leucócitos estavam em 27.000. Dr. Conte foi direto ao ponto: "Precisamos de uma cirurgia. Já."

"O Ministro Dornelles irritou-se com a hesitação: Não há o que discutir. Se tem que operar, opera logo"

P – Quem tomou a decisão?

Britto – Começou, então, uma reunião na sala ao lado do quarto do Presidente, com a presença de Renault, Pinheiro Gustavo, Aloísio Franca, o médico e primo Aluísio Neves, Tancredo Augusto, o Ministro José Hugo Castello Branco e o deputado Ulysses Guimarães. Pinheiro advertiu: "Não há mais alternativas Ele tem que ir para a cirurgia. Esperar significa morrer". Eram 23h 10m. Aí chegou o sobrinho Francisco Dornelles e aconteceu a mesma conversa com a família. "Olha, tem que operar, o quadro é grave. Há 90% de chance de que seja apendicite, mas pode ser tudo", avisou Pinheiro. "O que é tudo?", indagou Tancredo Augusto. "Tudo é tudo. Pode ser tudo", retrucou Renault, sem esclarecer. O Ministro Dornelles Irritou-se com a hesitação: "O que é que a gente vai ficar discutindo? Não há nada que discutir. Se tem que operar, opera logo." Dona Risoleta interveio: "Se tem que operar, está certo. Agora, só vai operar se ele quiser."

Começou então a parte seguinte da discussão: alguém tem que conversar como dr. Tancredo e conseguir sua aprovação. Dornelles é o eleito. Pouco antes, o Presidente ainda resistia, argumentando com os médicos: "Eu tomo posse amanhã nem que seja de maca. Depois vocês façam o que quiserem comigo." A preocupação de Dornelles, na conversa com o Presidente era mostrar que não havia outra alternativa. Ele chegou a blefar, dizendo que já tinha conversado com Figueiredo e Leitão de Abreu e que estava tudo certo para a posse de

Pág 31

Sarney. O Presidente finalmente se rendeu, resmungando: "Vocês me armaram uma cilada...", Resignado, ele confessou para o dr. Gustavo: "Eu desconfiava mesmo que tinha de me operar, pois tive uma dor muito forte. Ando tendo dores muito fortes. Um dia desses, quando senti uma pontada, pensei comigo mesmo: estou com apendicite." Da sala ao lado, no 4º andar do hospital, já se podia ouvir a barulheira lá embaixo: sirene, polícia, gritaria... Era a confusão que encontrei, quando cheguei ali, meia hora antes. Em seis anos de Brasília, eu nunca tinha estado no Hospital de Base. O tumulto era geral: os porteiros perderam o controle e deixaram passar todo mundo por aquelas portas de vidro que dão acesso ao saguão, já então tomado por centenas de pessoas. Uma cena tragicômica: todo mundo super bem vestido com a roupa das festas que alegravam Brasília naquela noite. De repente, este pessoal elegante começava a disputar espaço nas enfermarias com gente humilde que estava deitada nas macas, esperando o atendimento de emergência do pronto-socorro A primeira instrução aos porteiros foi a de trancar tudo, conter a invasão. Mas não deu certo. Todo mundo era ou achava que era autoridade. Dobrava o porteiro e entrava. Quando venci a porta, encontrei um tumulto horroroso. Não havia esquema de segurança nem de imprensa. As pessoas todas pareciam andar em círculo, atarantadas, batendo-se umas nas outras. A primeira coisa que fiz foi dizer para alguns jornalistas que estavam ali: "Calma, calma, vou subir e já desço com uma informação para vocês". E repetia isso, enquanto caminhava para o elevador.

P – Você estava em busca de quem??

Britto – Estava procurando subir, apenas. Já tinham me dito que estava todo mundo no 4º andar. Mas os elevadores estavam bloqueados, justamente para permitir o deslocamento do dr. Tancredo de cima para baixo, do 4º andar para o Centro Cirúrgico. Aí tive que subir pelas escadas. Só consegui chegar lá porque uma das portas do 4º andar estava com o vidro, na parte de baixo, quebrado. Me agachei e passei pelo buraco. Quando cheguei ao corredor do 4º andar,
Pág 32

fiquei impressionado: como tinha gente! E como tinha gente que não tinha nada a ver com nada: não era da família não era do governo e não era do hospital. Eram umas 80 pessoas que eu não conseguia

"O Dr. Ulysses Guimarães falava que era necessário, diante do impedimento do Presidente, tomar as providências"

identificar. A segurança do Palácio do Planalto ainda não tinha chegado. Fui entrando, passei por uma ante-sala e cheguei a uma outra sala ao lado da suíte onde estava o Presidente. Ali encontrei o pessoal da família. Lembro da Andrea, neta do dr. Tancredo sentada num sofazinho olhando para cima, olhar perplexo. As pessoas não se falavam muito. Ninguém ainda aceitava ou entendia o que estava acontecendo. O problema básico, desde o início, era o clima psicológico. As pessoas estavam diante de uma situação tão absurda que ninguém fazia nem as coisas óbvias.

Aí, passei pelo sofá, tomei uma porta à direita e entrei numa sala com uma parte da Nova República formando um círculo. Estavam lá, entre outros, os Presidentes da Câmara e do Senado, os Ministros Leônidas Pires Gonçalves José Hugo Castello Branco, Affonso Camargo, Marco Maciel e Aureliano Chaves e os líderes Fernando Henrique Cardoso e Humberto Lucena. Discutiam, em pé, o que fazer. O dr. Ulysses Guimarães falava que era necessário, diante do impedimento do Presidente, tomar as providências. Eu não vi ali ninguém em dúvida pelo fato de que o dr. Tancredo não ia tomar posse. Não ouvi ninguém achar que haveria dificuldades. Ouvindo aquela conversa, senti que se tratava de descobrir a fórmula para adaptar as coisas. Não havia o temor de que não houvesse nenhuma posse.

Pág 33

P – Você ofereceu o livrinho que carregava no bolso?

Britto – Não, o Marco Maciel eo Affonso Camargo tinham levado a Constituição. O Ministro dos Transportes leu o trecho da subs-

"A informação sobre apendicite tinha sido dada pelo Renault e pelo Pinheiro"

tituição, em voz alta, e aí ficou a discussão. O dr. Ulysses perguntou para o General Leônidas qual era a opinião dele. E o Ministro do Exército falou: "Nós achamos o que vocês acham. Vamos cumprir a Constituição. Vamos fazer o que vocês acham." Passou-se a discutir, então, como encaminhar a posse de Sarney. Decidiram fazer dois grupos. Um iria para o Congresso, para acertar as coisas por lá, outro iria para a Granja do Ipê, residência do Ministro Leitão de Abreu, para negociar com o Governo que estava saindo esta fórmula. Combinaram que Ulysses e o Senador Fernando Henrique Cardoso iriam para a casa de Leitão. Antes de sair, os dois convidaram o General Leônidas para ir junto. "Se vocês entendem que devo ir, eu vou", concordou o Ministro.

Os outros iriam para o Congresso. Todo mundo passou a discutir o comunicado à Nação. Eu propus: "Além do anúncio de que o Presidente está sendo submetido à cirurgia, nós precisamos trabalhar já a questão política. E acho que se tem de dizer isso: a Constituição vai ser cumprida." Todo mundo concordou. Eu lembro que o Ministro Aureliano Chaves emendou: "Isso é importante isso é indispensável". Saímos em direção aos elevadores. Era ministro demais e tivemos que descer em dois grupos. Fiquei no térreo para fazer a segunda comunicação oficial da noite.

Pág 34

P – Quando foi a primeira?

Britto – logo que cheguei e entrei no hospital, a cirurgia era uma evidência, mas ainda não tinha sido anunciada a decisão oficial. Falei com o diretor do HDB, Gustavo Arantes, que me disse: "Ele está sendo examinado e não vai escapar da cirurgia". Desci com essa primeira informação, pois minha preocupação era dar logo uma palavra oficial. Tinha gente, naquele momento, pondo até em dúvida a presença do dr. Tancredo no hospital. Então desci para dizer aos jornalistas que o Presidente tinha tido fortes dores na região abdominal no início da noite, após a missa, e que o quadro indicava uma crise de apendicite. A informação sobre apendicite, que depois foi muito criticada, tinha sido dada por Renault e por Pinheiro.

Essa primeira entrevista foi um negócio dramático. As pessoas me empurraram, me jogaram em cima de uma porta de vidro, que quase se rompeu. Eu saí gritando: "Calma, calma. Eu fico aqui o tempo que vocês quiserem. Mas, por favor, calma." No espaço de 20 minutos, entre subir e descer para um primeiro comunicado, o número de pessoas tinha multiplicado por 10. Para o segundo comunicado, o que já anunciava a cirurgia, discuti o esboço com Mauro Salles e nele introduzimos a expressão que todos usariam a partir daquele momento: a Constituição será cumprida. Quando saí no térreo para falar, vi que a confusão só aumentara, nenhum esquema tinha

"O Pinheiro tinha saído do hospital. Foi pegar os óculos que tinha esquecido em casa"

ainda sido providenciado. Não havia espaço para caminhar, nem dentro nem fora do saguão. Aí tive que aplicar um golpe: saí andando pelo saguão em direção à rua. Eu queria com isso arrastar aquela

Pág 35

multidão atrás de mim e liberar um pouco o funcionamento do hospital. Veio todo mundo atrás, nervoso, excitado, e tive que ser enérgico, dar alguns gritos para anunciar que estava sendo providenciada uma sala de imprensa. Surgiu uma nova dificuldade: ninguém achava a chave do auditório onde seriam alojados os jornalistas. Os elevadores demoravam e subi de novo pela escada, junto com um funcionário da segurança. No 2º andar, vi um sujeito vestido de jaleco, um médico, todo paramentado, com uma máquina fotográfica no ombro, preparando-se para entrar no Centro Cirúrgico. Eu o interpelei, ele respondeu que sempre andava com máquina dentro do hospital, para documentar alguns tratamentos, e que iria entrar ali. Ai eu perdi a esportiva: "Aqui você não entra", gritei. Aproximou-se o Depurado Henrique Alves, filho do Ministro da Administração, e negociamos o seguinte: o médico entraria, mas deixaria a máquina sob a guarda do Deputado. Entre o 2º e 4º andar, encontrei afinal o pessoal da segurança do Planalto fazendo uma revisão geral nos andares, vendo se havia intrusos. Pouco depois, em cada porta, em cada escada tinha um agente. A coisa ficou mais tranqüila. Passavam uns cinco

ou dez minutos da meia-noite e o Presidente estava se encaminhando para a cirurgia.

P – Levado pelo Pinheiro?

Britto – Não, nesse momento Pinheiro tinha saído do hospital. Foi pegar os óculos que tinha esquecido em casa. Antes que o Presidente descesse, Tancredo Augusto saiu na frente, com o pessoal da segurança, para vistoriar o Centro Cirúrgico, no subsolo. O dr. Aloísio Franca, chefe da UTI, desceu para fazer a checagem final do Centro Cirúrgico, no 2º andar. E o diretor do HDB, Gustavo Arantes, foi tratar de limpar os corredores dos curiosos, para atender ao último apelo do Presidente, antes da preparação final: "Eu não quero ver ninguém nos corredores, não quero que ninguém me veja nos corredores", pediu o dr. Tancredo. Veio a ordem para descer: tudo ok. Na maca, ainda sem anestesia, empurrado por Renault, Gustavo e Tan-

Pág 36

credo Augusto, o Presidente fez uma ameaça bem-humorada a Renault: "Você disse que era soro e agora estou indo para ser operado. Se estiver errado, você me paga."

"Estava tudo pronto: equipe a postos, o Presidente deitado. Só havia um problema: cadê o anestesista e o cirurgião?"

Aí começam os problemas. O elevador, ao invés de descer no subsolo, onde fica o Centro Cirúrgico Eletivo, parou no 2º andar, onde está o Centro Cirúrgico de Emergência. Tancredo Augusto disse que estava errado e Gustavo reclamou: "O que nós estamos fazendo aqui no 2º andar? Temos que ir para o subsolo...". O dr. Aloísio Franca, chefe da UTI, contestou: "Não, é aqui". Gustavo não entendeu nada, pois ele tinha escolhido o Eletivo. Na hora, com o dr. Tancredo ali ao lado, na maca, ele imaginou que o chefe da UTI tivesse combinado outra coisa com o dr. Pinheiro. E, aparentemente, a operação seria ali mesmo, no 2º andar, pois o acesso ao Centro Cirúrgico tem uma porta bloqueada que só abre por dentro, depois que se aperta uma campainha no interior do elevador. Soada a campainha, a porta se abriu, apareceu o pessoal da UTI, devidamente paramentado, e carregou o dr. Tancredo para a sala de cirurgia. O pessoal que estava no elevador teve que vestir as roupas esterilizadas para só depois ter acesso à sala. Quando os drs. Aloísio Franca, Gustavo e Renault ingressaram no local, estava tudo pronto: equipamentos preparados, equipe apostos, o Presidente deitado. Só havia um problema: estavam faltando o anestesista e o cirurgião. Cadê o Edno Magalhães e o Pinheiro Rocha?

Pergunta daqui, pergunta dali, descobriram que os dois estavam preparados e a postos – no outro Centro Cirúrgico. Pelo telefone interno, Aloísio Franca fala com Pinheiro no Centro Cirúrgico do

Pág 37

subsolo. "Quem tomou a decisão de fazer a operação no 2º andar?", reclamou Pinheiro, "ninguém falou nisso". Aloísio Franca, apesar disso pediu que ele subisse e fizesse a cirurgia lá. Pinheiro insistiu: "Não, tem que ser aqui embaixo. Aqui é melhor, foi combinado que seria aqui. Tragam o dr. Tancredo para baixo."

Renault entrou na linha para negociar e pedir também que Pinheiro subisse. Pinheiro não sobe e não desiste: "O anestesista o pessoal que vai operar, está todo mundo aqui embaixo. Desçam." Do 2º andar, falaram sobre o risco que seria levar o dr. Tancredo para baixo, até que o dr. Aloísio Franca se irritou com Pinheiro e decretou:

"Se quiser, Pinheiro venha você buscar o dr. Tancredo. Nós não vamos assumir a responsabilidade..."

P – Era arriscado descer com o Presidente?

Britto – Não era um risco do ponto de vista médico, era um risco operacional. Como é que iriam explicar um negócio desses para a família? A família, que achava que o Presidente já estava sendo operado, veria de novo sair a maca rumo ao elevador... Então Pinheiro concordou em subir. Tudo bem, a cirurgia seria no 2º andar. Mas, em seguida, Pinheiro mudou de opinião, resolveu subir e assumir a responsabilidade levando pessoalmente o Presidente para o subsolo. Toda essa conversa durou uns 10 minutos. O dr. Tancredo é levado para o subsolo, anestesiado, e começa a ser operado. Quando desci encontrei a família do Presidente numa ante-sala do Centro Cirúrgico. Estavam todos lá, sentados, calados. Não havia desespero, não havia choro. Havia angústia.

E aí começou a confusão da história de que a cirurgia foi assistida por 40 ou 50 pessoas, entre elas políticos e ministros. O que aconteceu, de fato, é que muita gente, como eu, tomava a direção do Centro Cirúrgico e na verdade nem chegava perto. Ficava no corredor externo ou no vestiário masculino ao lado da sala dos médicos, separados da Sala F, o local da cirurgia, por um conjunto de três salas e um corredor. O Ministro das Comunicações Antonio Carlos Magalhães por exemplo, que é médico, esteve neste vestiário, sem jaleco, sem

Pág 38

paramentos. Mas ficou sentado, segundo me disseram sem sair dali. Todas as pessoas com quem eu falei não viram ninguém que não fosse médico ou funcionário, incluídos aí o Senador Mário Maia e o deputado Carlos Mosconi, ambos médicos e que assistiram à operação. O problema, realmente, era o número excessivo de médicos. Não encontrei nenhum dos médicos presentes que falasse em menos de 30 pessoas. E isso é um absurdo. A cirurgia está correndo. De vez em quando saía lá de dentro o médico Aluizio Neves, primo do Presidente, que transmitia as informações para a família e voltava.

Pág 39

3. A Mentira

"O dr. Gustavo Ribeiro discordou: 'Não é divertículo. Isso é tumor. Eu vi'"

P – Esse excesso de trânsito entre a sala de cirurgia e a sala de espera não aumentava os riscos de contaminação?

Britto – Devia prejudicar, mas tinha sempre aquele ritual de sair e trocar de roupa, pois era preciso passar pelo vestiário. O essencial não era isso, era o

número alto de pessoas lá dentro. Bem, corria a operação. Em torno da mesa de cirurgia havia um círculo menor de pessoas, formado por quem efetivamente trabalhava: Pinheiro, os assistentes, os enfermeiros, o anestesista. Em torno deste núcleo central formavam-se outros círculos, de quem só observava.

Subitamente, alguém junto da mesa, que não se identifica claramente, desaba-

Pág 40

fou em voz alta: "É divertículo, é divertículo..." Não chegou a haver uma salva de palmas, como disseram, mas se espalhou imediatamente pela sala uma sensação de alívio. De todas as alternativas, divertículo era uma das melhores.

Aí algumas pessoas começaram a sair da sala.

Uma delas, o dr. Gustavo Ribeiro, presidente da Associação Médica de Brasília, puxou Gustavo Arantes para um canto, no corredor, e discordou: "Não é divertículo. Isso é tumor. Eu vi." O dr. Ribeiro é especialista em gastroenterologia. Gustavo Arantes ficou com aquela dúvida. Terminada a cirurgia, o Senador Mário Maia, um dos médicos que viu tudo, sugeriu a Pinheiro que a peça retirada fosse mostrada à família. Dona Risoleta e os filhos ficaram impressionados com o tamanho (6,5 cm x 1,5 cm) e uma das filhas comentou: "Como é que ele agüentava isso tudo?"

"Pinheiro ficou pálido. Era o anestesista, lá do subsolo, avisando que o Presidente tivera uma parada respiratória"

P – Mostraram o quê para a família? Divertículo ou tumor?

Britto – A peça, seja lá o que for. A família, mais aliviada, subiu para a suíte do 4º andar, enquanto continuavam os procedimentos finais da operação, a cargo dos assistentes. Pinheiro e Renault demoraram um pouco mais a subir porque, para ir do subsolo ao 4º andar, uma das alternativas era passar por uma área conflagrada de circulação no térreo. Eles ainda deram algumas entrevistas para os jornalistas que permaneciam lá dentro, dizendo que estava tudo bem e que o Presidente tinha sido operado de divertículo de Meckel. Assim que os médicos conseguiram chegar à suíte presidencial, chamaram

Pág 41

Pinheiro pelo telefone interno. E todo mundo, ali, percebeu que Pinheiro ficou pálido, segundo soube depois. Era o anestesista lá do subsolo, avisando que o Presidente tivera uma parada respiratória, com uma crise de hipertensão. Uma das últimas etapas da cirurgia é a retirada da cânula e de todos aqueles equipamentos que ajudam na respiração. Neste momento, a respiração do Presidente não voltou. O dr. Edno Magalhães, por ser o anestesista, assumiu o comando e conseguiu, com as máquinas e técnicas de estímulo, fazer voltar lentamente a respiração do Presidente. Pinheiro e Renault desceram correndo para o Centro Cirúrgico.

P – Mas esta complicação não foi informada à opinião pública e aos jornalistas...

Britto – As informações que eu recebia, de lá, eram boas. Quem saía do Centro Cirúrgico dizia que o Presidente estava indo bem. Havia um problema, que depois se repetiria e que é uma coisa difícil de resolver nessa hora: você sabe que tem centenas de jornalistas e todo o país precisando de informações enquanto corre a cirurgia. Milhões de pessoas querem informações e você está imobilizado porque só quem pode falar oficialmente sobre a operação é o médico responsável – e ele está preso lá dentro. Os médicos que entram e saem eu não conhecia direito e não seria deles a responsabilidade legal pela informação. Nessa primeira noite fiquei meio imobilizado. Eu errei: deveria ter subido pelo menos umas duas vezes para uma conversa extra-oficial com os jornalistas. Mas ficou a lição. Chegou a hora, então, do primeiro boletim médico dessa série, onde os médicos vão definir o problema do Presidente. Fui até o vestiário e Renault me entregou, pronto, o boletim de quatro linhas assinado por ele, Pinheiro e Gustavo Arantes, dando o diagnóstico de divertículo. É divertículo para os médicos, para a família, para a maior parte das pessoas que estão ali, apesar da suspeita clara para alguns médicos de que seja um tumor. Na verdade, divertículo e tumor são mais ou menos parecidos, segundo os médicos. Existe uma avaliação clínica preliminar, pelos olhos, que chamam de macroscópica. O sujeito olha e diz: eu acho que é isso. Depois o material vai

para a biópsia. Teoricamente pode-
Pág 42

ria estar havendo ali, naquele momento, uma divergência de diagnóstico. Pinheiro, que é cirurgião, poderia ter achado pelo exame macroscópico que fosse divertículo e passado isso para o boletim. Na manhã seguinte, numa reunião às 8h na sala de patologia do hospital, é que o dr. Hércio Miziara, patologista encarregado da biópsia, segundo eu soube depois, antecipa: "É tumor, mas é benigno". E pela importância específica do paciente, se oferece para mandar a peça para São Paulo, para exames complementares. O laudo preliminar da lâmina, contudo, já era claro: leiomioma. Para desfazer um pouco a má impressão, o dr. Miziara ainda acrescentou: "Olha, ele pode morrer de outra coisa, mas disso aqui não morre mais. O tumor não é maligno, nem nada."

O dr. Tancredo acordou da anestesia preocupado com a possibilidade de ter câncer, como confessou antes e depois da operação ao seu primo Aluizio Neves. Mas foi informado por Renault e Pinheiro de que seu problema era divertículo, soube que as coisas corriam bem no país, que Sarney tomara posse. Por tudo isso, os médicos acham que neste primeiro momento pós-operatório houve muito mais uma reação psicológica favorável do que uma melhora concreta.

(Sábado, 16, 11h. Pinheiro Rocha relata. "O Presidente andou pelo quarto, fez exercícios respiratórios Está sem febre e acabou o risco de complicações respiratórias. Estamos satisfeitos".)

P – Isso explicaria o aparte do neto, Aécio, interrompendo o seu boletim para dizer que o Presidente poderia assumir no hospital?

Britto – Aécio estava extremamente emocionado e feliz com o quadro que os médicos tinham dado para a família. Aquilo foi uma explosão emocional. Eu contei a Aécio que, enquanto ele ouvia este relato dos médicos, o Congresso Nacional decidia pela nor-
Pág 43

malidade, ou seja, a posse do Vice-Presidente. E expliquei que o Congresso não podia se deslocar para o hospital. A minha preocupação ali era que, por mais dramática que fosse a madrugada, aquela fosse uma noite de normalidade democrática, já que não havia clima para outra coisa. Em todas as entrevistas que dei aquela noite, tratei de falar na Constituição. Lido o boletim, subi para o 4º andar, no primeiro encontro entre a família e os assessores do Presidente, que já ti-

"Eles preferiram a fórmula do divertículo porque a palavra tumor poderia causar pânico na população..."

nha sido levado para a sala da UTI no 2º andar junto com dona Risoleta. Eu poderia definir o clima no 4º andar com uma frase: "Puxa vida, que azar, o dr. Tancredo não toma posse hoje, só daqui a 15 dias". Era como se ele tivesse caído de uma escada e deslocado o joelho.

P – Os médicos passaram para a família uma versão amena sobre a operação e suas consequências?

Britto – Todos nós recebemos uma versão extremamente otimista, tanto da cirurgia quanto da recuperação. Uma coisa tem a ver com a outra. Mas a

conversa com Tancredo Augusto e com Aécio tinha sido diferente. Assim como eles foram claros em dizer que adiar significaria um risco de morte, os médicos descreveram como era grave o estado em que encontraram o abdômen do Presidente. Os médicos esclareceram que, do ponto de vista da saúde do dr. Tancredo, tumor benigno ou divertículo não traria maiores dificuldades na recuperação. Mas eles preferiram a fórmula do divertículo porque o uso

Pág 44

da palavra "tumor" poderia causar pânico na população. E naquelas primeiras horas não havia nenhuma evidência que levasse alguém a duvidar de que alguma coisa escava sendo dita e não era verdade. Ninguém escava buscando descobrir coisas. Escava todo mundo tão aturdido que qualquer coisa que fosse dita, ali, as pessoas acreditariam. Ninguém estava interessado em questionar nada.

Além disso, as pessoas não tinham intimidade. O núcleo da família relacionava-se com médicos que não conhecia, os médicos, com um governo que não conheciam, e o governo não se conhecia entre si. Mas, à medida que as horas vão passando, passa a surpresa e o sono e as pessoas começam a raciocinar. Num hospital grande como aquele, são os médicos quem primeiro mandam para dentro daquele grupo fechado sinais de que as coisas talvez não sejam tão simples assim. Eu fui procurado por um deles.

P – Quando?

Britto – No final da tarde de sexta, quando ia pegar um boletim, um médico me interpelou e disse: "Esse negócio de divertículo é altamente improvável...". E eu nem tinha ouvido falar em tumor, até aquele momento. Minha primeira reação foi não acreditar, porque aparentemente nada rompia aquele círculo de verdade. Mas fiquei com aquela suspeita.

Na saída do elevador, à direita, havia uma porta guardada por dois agentes de segurança. Além dessa porta era a ala onde estava o dr. Tancredo. Ninguém, a não ser os médicos, enfermeiros ou a família, tinha acesso. Havia uma lista de pessoas autorizadas a entrar. A esquerda, havia um corredor com um banquinho ocupado sempre por um segurança. Na primeira porta à esquerda, ocupado pelo setor de toxicologia do hospital, era o local do telefone, do refrigerante, da água. Ao lado estava a sala do diretor da UTI, dr. Aloísio Franca, onde aconteciam as reuniões de médicos. Quando saía do elevador, eu sempre tomava a esquerda. Em nenhum momento forcei a barra para tomar a direita, para evitar constrangimento à família. Eu não tinha porque estar ali. E não gostaria que ninguém estivesse com um

Pág 45

parente meu, doente. Todos nós tínhamos, ali, o compromisso de tentar organizar aquela história sem perturbar a família. Acabar com aquele negócio de entrar todo mundo.

"Dois dias após a operação, ele perguntou ao Aluísio se tinha câncer. Aluísio disse que não"

Mas o fato é que um, dois dias depois, a visão que todos têm da cirurgia é a de uma operação simples, tranqüila. Ao ponto das conversas, no final da tarde de sexta-feira, giraram em torno da nova festa para a posse do dr. Tancredo. A própria imprensa reflete isso, ao especular se ele despacharia no hospital.

Pág 46

4. Confusão no Hospital

P – Ao acordar da anestesia, o Presidente exibia a mesma tranquilidade?
E o temor ao câncer?

Britto – Acho que esse foi um fator fundamental na história. Pelo que tinha acontecido com alguns parentes, o dr. Tancredo tinha medo de câncer. E revelava essa preocupação principalmente para Aluísio Neves, primo e médico dele há 40 anos, que foi com quem ele colocou claramente esta questão do câncer. Dois dias após a cirurgia, no sábado, ele perguntou a Aluísio se tinha câncer. Aluísio disse que não.

P – Não contou nem que era um tumor benigno?

Britto – Não. Informaram a ele que era divertículo. No início da tarde de sexta-feira, o Presidente conversou com Aécio e Tancredo Augusto, mostrando-se preocupado com Sarney. Ele tinha tomado
Pág 47

posse? Como tinha sido? O filho e o neto relataram o que acontecera. "Que bom, que bom", reagiu o Presidente. Aécio e Tancredo Augusto contaram que todo mundo falou em seu nome, o povo bateu palmas, as autoridades e os populares lamentaram sua ausência e prometeram uma festa ainda maior para o dia de sua posse.

P – O Governador Leonel Brizola lamentou pessoalmente, no hospital, às 6h da manhã de sexta-feira.

Britto – O Governador Brizola foi recebido por Tancredo Augusto, Mauro Salles e eu estávamos juntos. Fez muitos elogios ao dr. Tancredo, falou de sua importância para o país e contou uma estranha história. Na quarta-feira, um dia após aquela entrevista coletiva em que o Presidente o criticou pela escolha de seu secretariado, o Governador anunciou que não viria a Brasília para a posse, em desagravo à sua equipe. Imediatamente, um íntimo amigo dele, espírita, insistiu muito para ser recebido pelo Governador. Brizola o recebeu às 14h 30m da quinta-feira, em seu apartamento da Av. Atlântica. E o amigo lhe disse que ele estava errado em não comparecer à posse do Presidente. Havia recebido uma mensagem e avisou o Governador que ele, querendo ou não, viajaria no dia seguinte para Brasília. "E aqui estou, conforme a profecia", contou Brizola.

P – A família recebia todo mundo?

Britto – Aquilo virou um inferno. Na sexta-feira, 100 deputados tinham tido acesso à suíte do 4º andar. Aí a segurança do Planalto entrou no esquema e se fixou uma lista de 14 ou 15 pessoas com acesso permanente ao 4º andar, incluindo, é claro, dona Risoleta, os três casais de filhos, os netos e irmãos do Presidente. Exceção só com autorização da família. Além deles só subiriam Ministros e Governadores. Outras visitas teriam o livro de presença no térreo. O que deprimiu um pouco a gente foi a incompreensão das pessoas em relação a isso. É uma pena que nem todos fizessem como o Senador Roberto
Pág 48

Campos ou o Depurado Nelson Marchezan, que vi lá embaixo, discretamente, assinando o livro de presença e registrando educadamente sua solidariedade.

Foi uma dificuldade enorme controlar o número de gente que forçava a entrada, querendo subir, alegando que tinha crachá de funcionário do hospital, dizendo que trabalhava ali desde menino... O Planalto teve que emitir credenciais especiais, para enfermeiros e médicos, num máximo de 44 pessoas, para controlar o tumulto.

Só conseguiam circular pelo 4º andar assessores (com crachá na lapela), familiares ou autoridades especialmente convidadas. O corredor grande dava num outro corredor que, à direita, tinha um apartamento transformado numa copa, usado para o cafezinho e as refeições. Normalmente a família sentava para almoçar ou jantar primeiro. Depois era a vez da assessoria e do pessoal de apoio. A comida era da cozinha do HDB e a gente até brincava porque foi a primeira comida boa de hospital que se provava. Ao lado, havia uma segunda sala transformada num escritório, com TV, máquina de escrever e telefone. Era ali que Mauro Salles e eu trabalhávamos. Seguindo pelo corredor, parava-se numa porta de vidro que dava acesso à suíte, que abria com uma grande sala destinada à recepção aos Governadores e Ministros. Da sala chegava-se a três quartos, um deles reservado para quando o dr. Tancredo saísse da UTI.

"Surgiu a informação de que o Presidente tivera uma gravíssima dificuldade respiratória durante a cirurgia"

Naquela sexta-feira, em nenhum momento se teve idéia da gravidade do que realmente ia acontecer. Havia ali um dado psicológico muito importante. A surpresa e a decepção tinham sido tão grandes que não havia clima para acreditar em qualquer outra notícia ruim.

Pág 49

Estabeleceu-se uma coisa um pouco triunfalista, dentro e fora do hospital. De alguma forma, as coisas tinham andado bem: Sarney assumira e o dr. Tancredo tinha uma recuperação, pelo que diziam os médicos, boa. O boletim das 18h contava que ele já caminhava, conversava com os médicos e revelava excelente bom humor.

P—Como assim?

Britto – Cobrava dos médicos: "Eu preciso tomar posse. Eu quero sair logo". Surgiu, então, um fato importante: passadas 24 horas, conhecendo melhor os médicos, descobri que havia um grupo deles mais pessimista em relação à evolução do Presidente. O chefe da UTI, Aloísio Franca, era o símbolo dessa linha.

P – Porquê?

Britto – A gente chegava perto dele, festejando o último boletim, sempre animador, do Pinheiro e do Renault, comentando: "Pois é, as coisas estão indo bem". E Franca contestava: "Não, pera lá! É preciso tomar cuidado. O negócio é ainda muito delicado". Foi também nesta sexta que surgiu para mim, através de um enfermeiro de quem nunca soube o nome, a informação de que o Presidente tivera uma gravíssima dificuldade respiratória durante a cirurgia. Ali

pelas 19h, no corredor da pediatria, ele se aproximou de mim e cochichou: "Tome cuidado com essas informações que estão sendo dadas. O Presidente teve uma parada respiratória seríssima". Eu perguntei quem era ele. Médico? "Não, sou enfermeiro". Mas você assistiu à cirurgia? "Não, mas eu tenho essa informação". E foi embora. Eu tomei um susto porque foi a primeira vez, nesse episódio, em que me dei conta de que podia estar havendo uma duplicidade ou choque de informação. E isso bateria em mim.

Isso me alertou para o fato de que era preciso mudar de postura. Eu precisava me mudar para o lugar onde as coisas aconteciam, e elas não aconteciam no 4º andar. Ali só aconteciam visitas e adotava-se

Pág 30

providências administrativas. Eu decidi, a partir do sábado, descer a sala dos médicos, ao lado da UTI do Presidente, no 2º andar. Essa postura me levou a descobrir que na manhã de sábado, além do Deputado Ulysses Guimarães, um outro político esteve, incógnito, conversando com o dr. Tancredo na UTI: o Ministro Fernando Lyra, que falou uns 4 minutos com o Presidente. Eu passei a buscar também informações com os médicos e enfermeiros que passavam a noite cuidando do dr. Tancredo.

P – Você não tratou, no sábado, de esclarecer com os médicos a informação do enfermeiro sobre a parada respiratória?

Britto – Eu perguntei a Renault e a Pinheiro sobre isso, eles negaram. Disseram que tinha havido apenas uma dificuldade respiratória, uma coisa normal de cirurgia.

(Apesar dos boletins otimistas, complicações no sábado, 16: Tancredo parecia bem e retiram sonda nasogástrica, colocada dois dias antes. Alívio lhe permite conversar com Ulysses e tomar chá. À meia-noite, problemas. Tancredo vomita e médicos recolocam sonda. Operação dolorosa: hérnia de hiato atrapalha passagem do tubo pelo esôfago.)

P – Mas essa dificuldade não apareceu no seu boletim...

Britto – O boletim não era meu, era dos médicos. A gente continuava vivendo um momento triunfalista, refletido no próprio noticiário da imprensa: alta para o Presidente em 10 ou 15 dias, Sarney despachando no hospital ou usando o telefone. A imprensa naquele momento não discutia as informações médicas. A informação médica era dada como absolutamente verdadeira, a verdade toda. No sábado à tarde, os médicos chegaram a prever a alta da UTI no domin-

Pág 51

go e a subida para o 4º andar. Chegamos a tomar algumas providências para isso. Requisitaram uma cortina para diminuir a luminosidade do quarto, o pessoal da limpeza passou por lá para desinfetar tudo. Mas, aí, o Presidente começou a cobrar um nível maior de informação sobre o que acontecia. Cobrou um telefone. Perguntou se a reunião inaugural do Ministério, no domingo, estava mantida. Essa inquietação do Presidente e o fato de que o 4º andar era bem mais devassado do que a UTI levaram o pessoal a repensar a transferência, talvez ele ficasse mais tempo na UTI mesmo que se recuperasse bem.

Essa idéia de tranquilidade fez com que o Governo insistisse muito para que a família do Presidente comparecesse à recepção oficial da noite de sexta, como uma forma de acalmar as pessoas. Eu vi pela TV o efeito extremamente tranquilizador que foi a cena do Aécio conversando e sorrindo, naquela festa. Dona Risoleta acabaria indo no almoço que o Itamaraty ofereceu, no sábado, aos convidados estrangeiros. O entusiasmo era tão grande que o assunto principal, no Itamaraty era a grande festa que se faria na posse, em breve, do dr. Tancredo. Discutia-se o que era melhor: recuperar-se totalmente e só depois assumir ou, recuperado parcialmente, passar pelo Congresso, tomar posse e recolher-se à granja do Riacho Fundo para urna gradual retomada da atividade pública? Discutia-se sobre uma grande festa, onde o povo

extravazasse sua alegria e o quanto isso seria perigoso para um paciente, ainda com pontos, submetido a este desgaste emocional e físico.

P – A família tinha absoluta certeza de que as informações da operação eram exatamente aquelas?

Britto – Já na manhã da sexta-feira, dia 15, Tancredo Augusto fora informado por Pinheiro e Renault que o divertículo, na verdade, era um leiomioma. Acho que isso acabou sendo um grave erro. Todos os médicos diziam que uma pessoa operada de um ou outro problema teria a mesma perspectiva de recuperação. A decisão de chamar leiomioma de divertículo, em cima de uma cirurgia assistida por um monte de gente e comprovada por uma biópsia que passou por

Pág 52

três ou quatro pessoas, abriu a brecha para uma mentira desnecessária. Para evitar isso, bastaria explicar que o tumor era benigno. A mentira revelou uma visão bem intencionada, mas equivocada do fato. Prevaleceu a idéia de que a opinião pública não estava preparada para conviver com a palavra "tumor". No sábado, as pessoas lembravam que o Presidente estava tão bem que poderia até ser fotografado.

No domingo, dia 17, esse quadro de aparente normalidade ainda não tinha se alterado. Mas ocorria algo importante: instalados dentro do hospital, melhor organizados, os jornalistas passaram a fazer aquilo que era correto e natural – buscar as informações em outras fontes dentro do HDB. E aí aconteceu a trombada do dia. Renault desceu e, na saída, cercado pelos jornalistas, falou que o Presidente tinha enfrentado dificuldades respiratórias, que poderiam se transformar em princípio de pneumonia. Pinheiro ficou sabendo da entrevista, lá em cima, e ficou inconformado. Por sugestão da família e do Governo, ele desceu meia hora depois para esclarecer que a dificuldade apontada era um "excesso de zelo" de Renault, negando a hipótese da pneumonia. Mas já na sexta-feira os médicos tinham constatado uma atelectasia, um colapso dos alvéolos que não permite a distensão plena dos pulmões, mas isso era considerado quase uma decorrência natural da cirurgia. No sábado e no domingo, voltaram a subir os leucócitos e novos exames revelaram preocupação crescente com a atelectasia

A divergência entre Pinheiro e Renault transformou o boletim das 19h daquele domingo no centro de uma discussão dramática. Pela primeira vez, os médicos revelavam publicamente avaliações subjetivas e diferentes. Isso quebrava a credibilidade das pessoas na palavra dos médicos. A imprensa ficou apavorada e se criou um momento

"O médicos, até por inexperiência com a imprensa, estavam fazendo as coisas parecerem diferentes do que realmente eram"

Pág 53

decisivo nessa história. Eu defendi: "Nós, agora, temos que falar claramente, no boletim, das dificuldades respiratórias. E explicar isso aí". Quando descí, no

final da tarde de domingo, encontrei a imprensa com um sentimento inédito – a dúvida. As pessoas começavam a descobrir que existiam versões diferentes. É o momento da quebra do dogma. Esse boletim foi importante porque assumiu a dificuldade.

P – E criou a confusão.

Britto – Pois é. E acabaram culpando o boletim. Tinha gente que dizia

que não se devia ter dito isso, gente do Governo achando que o boletim tinha sido ingênuo. Criou-se um rebuliço no país. Pela primeira vez, desde quinta-feira, o hospital voltou a ser uma loucura. Começaram os telefonemas, o movimento cresceu de novo, doze Ministros despencaram lá. Havia nesse comportamento um pouco de

"Comecei a ficar muito assustado. Eu de jeito nenhum queria me envolver numa manobra de acobertamento"

ingenuidade: era um domingo, os Ministros tinham apenas 48 horas no Governo e corriam por qualquer coisa para o hospital. Quando o chefe da Casa Civil, José Hugo Castello Branco, chegou ao hospital no início da noite, fez uma reunião com Tancredo Augusto, Pinheiro, Renault, Gustavo Arantes e comigo.

"Eu gostaria de saber, exatamente, como é que o Presidente está", inquiriu o Ministro.

"O Presidente está bem", respondeu Renault, em nome dos médicos. "Ele teve um problema respiratório que está sendo tratado com o uso de antibióticos. Daqui a três dias estará tudo bem."

Pág 54

"Os senhores é que são os médicos. Se isso é a verdade, então não é possível que a situação esteja assim como está. Nós não queremos que se esconda nada. Mas, pelo amor de Deus, não podemos ficar tranquilizando o país de graça. Se não existe isso, vamos dizer o que existe. Não vamos ficar criando problemas".

O chefe da Casa Civil da Presidência avaliava que os médicos, até por inexperience com a imprensa, estavam fazendo com que as coisas parecessem diferentes do que realmente eram. Assim, ficou decidido que os médicos não dariam mais aquele tipo de entrevista de porta de hospital. Sempre que fosse possível, seria organizada uma entrevista coletiva. Decidiu-se então fazer um segundo boletim naquela noite, às 21h, anunciando ao país que as radiografias davam tranquilidade quanto ao estado clínico do Presidente. Mas já tínhamos chegado a um momento decisivo. Descobria-se, agora, que nem tudo corria bem ou que nem tudo poderia correr bem.

(Stress cirúrgico, hipertensão e desequilíbrio eletrolítico (perda de potássio, cloro e sódio) armazenam gases e líquidos no intestino delgado. Abdômen começa a inchar).

P – Esta descoberta provocava o quê?

Britto – Comecei a ficar muito assustado Eu, de jeito nenhum, queria me envolver numa manobra de acobertamento. Eu não estava achando que as pessoas estivessem querendo acobertar a realidade, mas começou a ficar claro ali, para mim, algo que explodiria mais adiante: as pessoas não queriam acreditar em coisas difíceis. Os médicos diminuíram o tamanho da pneumonia e, é claro, os Ministros e a família acreditavam. Se os médicos dizem, a família acredita e os Ministros confiam, o boletim feito pelos médicos passa a ter uma função calmante. A partir dali, a realidade que os médicos passavam para a família era a que tinha de constar dos boletins. Ou seja: o boletim entrou numa crise de filosofia.

Pág 55

Para que serve o boletim? Para acalmar, acreditando que tudo vai dar certo e apostando no melhor, ou para revelar tudo, mesmo que seja uma dificuldade que pode estar superada dentro de 15 minutos?

P – Estavam tentando curar o Presidente no boletim?

Britto – Não. Estavam procurando acreditar que as dificuldades eram tão pequenas que não valia a pena alarmar o país em nome de um problema que amanhã ou depois poderia estar resolvido. Aquela noite de domingo, além de ter revelado a divergência médica e instalado a dúvida sobre a recuperação do Presidente, marcou também, definitivamente, a entrada da imprensa em campo. Tinha desaparecido aquele clima de triunfalismo e o dia terminou com uma sensação preocupante no ar. Eu constatee que o clima tinha mudado. As pessoas costumavam ser solidárias comigo, dizendo coisas do tipo "estamos torcendo", "vai dar tudo certo", e naquela noite, quando saía do hospital para casa, uma senhora que estava em frente ao HDB aproximou-se de mim e disse: "O que é que o Presidente tem, mesmo?". A partir dali eu vi que iam começar a surgir problemas. A mudança de clima trazia consequências graves: de repente, as pessoas não falavam mais em festa, em posse. Isso fortaleceu minha decisão de ficar lá embaixo, acompanhando a evolução do caso.

"Ou se tinha credibilidade para dizer que o Presidente estava bem, ou nem foto adiantaria"

P – É por isso que você rejeitou a foto do Presidente?

Britto – Foi neste domingo, três dias após a cirurgia, que os jornalistas pela primeira vez me perguntaram sobre a foto. E eu respon-
Pág 56

di: "Já passou a época em que era preciso uma foto para se provar alguma coisa". Um dia depois da cirurgia, naqueles momentos de euforia por ter passado o pior, surgiu a história da foto, eu procurei Tancredo Augusto, e depois dona Risoleta para discutir a questão. E lembrei: a foto seria uma coisa muito importante, quando o Presidente estivesse bem, para sua aparição diante do país, preparando-se para tomar posse. Mas eu achava que a gente não deveria dar à foto o valor de uma prova de que ele estava bem. Quando ele estivesse bem a gente tiraria a foto, e não forçaria a foto para que ele parecesse bem. A gente deveria inverter o raciocínio. Ou se tinha credibilidade para dizer que o Presidente estava bem, e as pessoas acreditavam, ou nem foto adiantaria. E pensava, também, que esta foto não poderia ser feita se não mostrasse o Presidente numa situação digna.

P—O que seria isso?

Britto – Vestido corretamente, com uma aparência correta. Era preferível esperar um ou dois dias e ter o dr. Tancredo com a cara com a qual o país havia se acostumado, a cara de Presidente, mesmo que um pouco mais abatido. Dona Risoleta chegou a observar para mim: "Em nenhuma hipótese eu vou concordar com uma foto na qual o Tancredo não apareça com a dignidade dele". Foi a expressão que ela usou. O assunto ficou em banho-maria. Então eu disse: "Vamos aguardar que o Presidente suba para o apartamento" . Os médicos liberariam, dona Risoleta combinaria com o dr. Tancredo e tudo ficaria por conta do fotógrafo oficial da Presidência, Gervásio Batista. Eu o chamei e pedi que ele, a partir de segunda-feira ficasse de plantão, pois o Presidente poderia subir a qualquer momento e a foto, então, seria batida.
Pág 57

5. O Presidente Piora

P – Você e os jornalistas começavam a ficar assustados com o domingo. E os médicos?

Britto – Já havia um quadro diferente no domingo. Visivelmente havia problemas. Renault e Pinheiro estavam muito mais preocupados, e isto dava para perceber no comportamento. Os exames daquele dia foram mais demorados. O boletim que saiu ao meio-dia tinha sido feito depois de um exame que demandou mais tempo e dizia que a recuperação "está se processando dentro dos padrões de normalidade". Surgiu então uma briga terrível, pois para Renault aquelas ocorrências que começavam a aparecer nas últimas horas eram previsíveis, naturais numa recuperação. Para ele, não havia por que revelar. Mas o fato é que havia ocorrências, o Presidente não estava bem, enfrentava uma dificuldade...

Pág 58

P – No boletim das 19h de domingo, que constatava alterações respiratórias, informam que o Presidente estava "andando no quarto e revelando bom humor". Isso era razoável numa pessoa que respirava mal?

Britto – Segundo os médicos, era o que estava acontecendo. Veja bem: até o domingo, não se revela nenhum contratempo. No domingo, a dificuldade respiratória é dada como uma etapa até previsível. Aí então começavam a agir, dentro do hospital pessoas que,

"Já se percebia, por exemplo, que o atendimento ao Presidente era uma coisa um pouco confusa"

por divergir dos médicos ou por afinidade com os jornalistas, levantavam outras versões. Havia gente que trabalhava na UTI que às vezes fazia plantão no quarto do Presidente, e a quem sempre se perguntava: "Como está o chefe?". No final da noite de domingo, na ante sala da UTI, um médico me pegou num canto e me passou um quadro de problema pulmonar muito pior do que aquele que Renault informava no boletim. Ele explicou que a atelectasia não era uma complicação respiratória previsível ou normal, como se difundia mas algo imprevisível e perigoso. E a atelectasia acompanharia o Presidente até o fim... No domingo, pela manhã, entrei na sala do dr. Aloísio Franca, chefe da UTI, e vi Pinheiro no canto da sala, onde havia uma Poltrona mais confortável. Foi a primeira vez que vi Pinheiro esfregando as mãos, apreensivo. Levantava, caminhava sentava até se fechar um pouco com Renault, numa sala ao lado, para conversar. Eu sentia quetinha mudado o clima. Só no segundo ou no terceiro dia, ali, é que começamos a entender o hospital e as pessoas que trabalhavam ali. Já se percebia, por exemplo, que o atendimento ao Presidente era uma

Pág 59

coisa um pouco confusa, na medida em que o cirurgião era Pinheiro e o clínico era Renault. Mas nem Pinheiro, nem Renault eram os chefes ou responsáveis pela equipe de médicos e enfermeiros que atendia diretamente o Presidente – a equipe da UTI. O chefe da UTI era Aloísio Franca, aquele mesmo que me chamava à parte para dar uma avaliação sempre mais pessimista, ou realista, do que o quadro transmitido por Renault e por Pinheiro.

P – Essa divergência surgia claramente ou era apenas insinuada?

Britto – Ainda no sábado, na fase triunfalista, Aloísio Franca alertou os

dois: "Cuidado! Não entrem nessa, o homem tem 75 anos, a cirurgia foi complicada...". No domingo à noite, quando a

"Então, lentamente, a família começou a achar que estava no interior de um hospital complicado"

gente conversava com Renault e Pinheiro e eles insistiam em dizer que tudo aquilo estaria resolvido em três dias, Franca advertia: "Olha, acho que pode não ser assim. Acho que isso pode ser um sinal de dificuldades, de que podemos ter problemas". Essa divergência, digamos, conceitual entre os médicos acabava se refletindo até na hora de dar, ou não, uma injeção. Entre duas pessoas, se uma acha que o problema não é sério e a outra acha que é, isso acaba batendo no paciente, quando a questão é médica. A operação toda ficava complicada.

Pág 60

P – A família do Presidente também percebeu esta instabilidade no atendimento?

Britto – A família não teve condições de organizar um esquema para que o Presidente fosse transferido, desde logo, para São Paulo. O médico que tratava do Presidente era de Brasília e trabalhava no

"Na UTI, tinha um tráfego de gente muito alto e isso correspondia ao tráfego de moléstias"

Hospital de Base. Os médicos sugeriram o Hospital de Base, e ninguém tinha nenhum argumento contra. É bom não esquecer, também, que se tratava de uma família mineira, na qual talvez ninguém soubesse onde ficava o hospital e muito menos tivesse entrado lá alguma vez. Os primeiros dias, ali dentro, foram de sufoco e tumulto. Então, lentamente, a família começou a achar que estava no interior de um hospital complicado. Não complicado no sentido de incompetente ou exposto a erro médico. Complicado pelo tamanho do hospital, por sua localização, pelo fato de ter um pronto-socorro funcionando junto ao hospital, pela confusão que era aquilo lá.

Eu acho que a família começou a se desapontar um pouco com as condições do hospital. Não se discutia a competência, mas a geografia do hospital. Depois começaram a surgir queixas de Tancredo Augusto, das filhas, de Aécio quanto ao atendimento. Todo mundo começou a lembrar que o lugar onde o Presidente foi operado encheu de gente. O lugar onde ele permanecia, na UTI, tinha um tráfego de gente muito alto e isso correspondia ao tráfego de moléstias.

Que gente era essa?

Britto – Eram os próprios funcionários. O número de pessoas

Pág 61

era grande, não havia quase condições para administrar. Tudo era grande, e aparentemente confuso. A família, que primeiro se desencantou com o hospital, começou a ficar preocupada com ele.

(Governador Hélio Garcia prevê grande festa para a posse, dentro de 15 dias. Ministro Carlos Sant'Anna acha que assume sexta-feira.)

P – A insegurança da família com o hospital levou ao recurso da junta médica?

Britto – Chegou a segunda-feira, dia 18, e o Presidente, que deveria estar em recuperação na suíte do 4º andar, preparando-se para a transferência em 3 ou 4 dias para a granja do Riacho Fundo, ainda continuava na UTI. E revelava dificuldades crescentes. Além do pulmão, o abdômen continuava inchado, denotando problemas nos intestinos. Surgiu espaço, então, para começar a discutir-se o que fazer. Antes ainda da cirurgia, Pinheiro e Renault, em conversa com a família na granja, chegaram a colocar, gentilmente: "Se vocês quiserem chamar alguém, de confiança...". Mas a família foi firme: "Não, nós confiamos em vocês".

"A divergência entre os médicos é que criava a insegurança familiar"

Nesse momento, dia 18, Pinheiro e Renault voltaram a lembrar à família que ficasse à vontade para convidar outros médicos. A medida que as coisas não andavam, crescia também a pressão política para que fossem convocados outros médicos. O Governador Franco Montoro ofereceu nomes, o Governador Hélio Garcia também.

Pág 62

Cresciam, de um lado, as dificuldades e, de outro, a pressão para incorporar outros médicos ao caso. Na noite de segunda-feira, finalmente, Aécio e Tancredo Augusto, reunidos com a família, decidiram pela convocação de uma junta médica. Eles estavam ficando inseguros. Não só porque o Presidente não estava indo bem, mas porque era evidente a divergência entre os médicos. A gente descia para UTI e Aloísio Franca dizia: "Esse negócio vai dar problemas por isso, por isso e por isso". Ia num segundo médico e a versão era diferente. Outro dava uma terceira explicação. A idéia da junta médica não surgiu porque o Presidente estava indo mal. Ela surgiu, principalmente, porque não estava havendo uma explicação...

P – A insegurança dos médicos dissemina a insegurança?

Britto – Eu não diria insegurança dos médicos. A divergência entre os médicos é que criava insegurança familiar. A partir da noite de domingo, além da pressão do Governador Montoro e do Deputado Ulysses Guimarães, existia uma parte da família, principalmente

"Alguns Ministros falavam: 'Talvez fosse melhor mudar de hospital, ir para outro lugar, chamar outros médicos'"

as filhas, argumentando para que fossem chamados outros médicos, mobilizados outros recursos. Isso era natural, porque a coisa começou a ficar preocupante. Surgiram daí sugestões de vários médicos mineiros, já que a família é basicamente de Minas, e de alguns médicos de São Paulo. O Governador Brizola chegou a me ligar para sugerir, também, um nome.

Pág 63

P – Quem?

Britto – Ele me ligou na segunda-feira para sugerir o nome do médico que tinha atendido o Papa João Paulo II. Ele sabia que o médico estava na África do Sul, que se dispunha a vir ao Brasil. Eu me lembrei, depois, que ele tinha tratado do Papa porque o Papa levava um tiro... De qualquer forma, comuniquei a oferta à família.

P – Quem resistia à idéia de mudança? Dona Risoleta?

Britto – Dona Risoleta e a família não tinham, ainda, chegado ao momento de convicção sobre isso. Eles ainda esperavam que as coisas andassem, mas ao mesmo tempo ouviam com atenção cada vez maior esse tipo de sugestão. Os ministros que desabaram no hospital, na noite de domingo, começaram a admitir que achavam a evolução do caso negativa. Eu acho que aquela visita de 12 ministros ao HDB fortaleceu, um pouco, o sentimento, a necessidade de mudança. Eu me lembro que, na saída, quando descíamos pelo elevador, os ministros falavam um pouco nisso: "Talvez fosse melhor mudar de hospital, ir para outro lugar, chamar outros médicos".

P – O boletim da manhã de segunda-feira, dia 18, não dá essa impressão. Diz que o quadro clínico do Presidente apresentava "expressiva melhora, sendo muito bom o seu estado". E o abdômen inchado?

Britto – É de novo a posição de Renault e de Pinheiro: prevalece a idéia, ou a presunção, de que as coisas estariam bem. Pela avaliação deles, tinha começado o peristaltismo, a movimentação natural do intestino, o que resolveria o problema. E o Presidente tinha tido uma noite tranqüila. Mas o inchaço do abdômen continuava.

Pág 64

P – Apesar disso, Britto, uma hora depois deste boletim, dona Risoleta, falando aos jornalistas no hospital, reclamou das "notícias falsas" da imprensa e definiu o estado de saúde do Presidente como "explêndido". Quem mentia?

Britto – É preciso não esquecer, neste episódio todo, que todas estas pessoas, além de familiares, estavam surpresas e chocadas por este quadro. Dona Risoleta e a família acreditavam no melhor porque eram os parentes mais próximos e porque eram levados a isso pelas informações médicas. A família Neves ou estava com o Presidente ou estava com os médicos. E a conversa dos médicos com ela pecou por ser uma conversa muito otimista, como veríamos depois. A família não convivia com enfermeiros, com outras opiniões, outras versões. Nesse episódio, como em qualquer um que se trate de doença, quem mais depende das informações dos médicos é a família. Não se pode cogitar que dona Risoleta tenha tempo, paciência e clima para sair a ligar para outras pessoas, indagando: "Vocês acham que é isso mesmo?".

Pág 65

6. A Imprensa e os Boletins

P – Foi essa a razão daquele desabafo contra a imprensa?

Britto – Evidente. Verdade para ela era aquilo que os médicos diziam. E o que os médicos diziam não avançava até aquilo que a imprensa publicava. E o que a imprensa publicava, é claro, não coincidia com o que os médicos divulgavam. E às vezes errava demais.

P – Mas, como é que dona Risoleta constatava que o noticiário da imprensa era mais pessimista do que os médicos? Ela via TV, lia jornais?

Britto – Na sala de visitas, junto à suíte do 4º andar, chegavam pela manhã todos os jornais importantes do país. O aparelho de TV que eu havia solicitado ao hospital demorou muito e, então, mandei pegar emprestada a

televisão que ficava no meu escritório, na sede da
Pág 66

"A gente esquece que o fato de ser a família do Dr. Tancredo não lhe tirava a condição de uma família como qualquer outra"

Rede Globo em Brasília. Ela foi colocada no centro da sala de visitas e só uns dois dias depois, quando já tinham passado por lá Sarney, Figueiredo, Mário Soares, Daniel Ortega, é que eu fui notar na lateral uma fita colada, com uma inscrição: "Sala do Britto". Deu um trabalho danado para tirar. Era nesta TV, permanentemente ligada, que dona Risoleta assistia com alguma frequência ao "Jornal Nacional" ou outros telejornais, sempre que coincidia com sua passagem por ali. Às vezes ela saía do quarto especialmente para ver algo na TV. A gente esquece, em certos momentos, que o fato de ser a família do dr. Tancredo Neves não lhe tirava a condição de uma família como qualquer outra. Assim, toda vez que saía uma notícia mais pessimista na TV, os primos, os avós, os tios ligavam apavorados: "Acabei de saber que o Tancredo piorou...". E dona Risoleta tinha acabado de saber que ele estava bem. A informação da família era a dos médicos.

P – Não era um paradoxo que milhões de pessoas, nos locais mais distantes do país, recebessem pela TV e pelos jornais informações mais próximas da realidade, enquanto que a família, a poucos metros do Presidente, pouco sabia sobre a verdade?

Britto – Certa manhã, já em São Paulo, uns oito ou nove dias antes do fim, Aécio chegou para mim e perguntou: "Britto, o que está acontecendo?". Caminhando ali fora, na sacada externa do Instituto do Coração, eu fiz essa observação: "Infelizmente, Aécio, talvez pelo bloqueio psicológico, talvez pelo fato de que a família não circule por aí vocês sejam as pessoas menos informadas sobre esse episódio". Foi um momento duro, para ele, admitir essa verdade.

Pág 67

P – O desabafo contra a imprensa gerou alguma consequência? Aumentou a cobrança dos jornalistas?

Britto – Aquela segunda-feira registrou a mudança de comportamento da imprensa. Ela estava melhor assentada, mais organizada, mais segura. As fontes começaram a aparecer. Os enfermeiros já falavam. Como o comportamento dos médicos estava sendo muito discutido, tinha gente que abria o jogo até de forma irresponsável, gente que passou suposição como se fosse notícia. O importante, porém, é que a imprensa descobriu que tinha ali uma coisa não para ser acompanhada, mas para ser investigada. Isso mudou muito o clima das pessoas em relação a nós, principalmente por parte dos jornalistas. Eles estavam mais determinados, mais agressivos...

"Pelo acesso privilegiado que tinha ao drama do Presidente, eu tinha todas as dúvidas da imprensa, mais as minhas dúvidas"

P – Por quê? As perguntas eram mais provocativas?

Britto – Mais duras. A imprensa vivia seu terceiro momento. O primeiro, naquela madrugada de quinta para sexta, dominado pelo tumulto, é um momento em que ninguém sabe direito o que está fazendo. Cada qual faz a primeira coisa que lhe ocorre. Num segundo momento, a partir da manhã de sexta, o interesse de todos é detalhar aquilo que estou informando: uma

curiosidade, uma suposição, uma previsão. O Presidente está sentado, andando, de bom humor? Basicamente, ninguém duvida de que aquilo que estou dizendo, em nome dos médicos, possa ser verdade ou não. Mas, a partir da segunda-feira, a maioria das perguntas já reflete esta dúvida: "Será que a

Pág 68

"Levantou-se no auditório um repórter e me perguntou: 'Você pode provar que o Presidente não levou um tiro?'"

verdade é isso que você, em nome dos médicos, está nos dizendo?". E quando me surgiu esta questão, não tinha resposta, porque, intimamente, eu me fazia as mesmas perguntas. Eu, com muito mais razões do que eles. Era esta a confusão em que estava: pelo acesso privilegiado que tinha ao drama do Presidente, tinha todas as dúvidas da imprensa, às quais somava as minhas dúvidas. Não estava, por isso, com segurança suficiente para desmentir as evidências que os jornalistas me colocaram, porque muitas eu tinha percebido antes. Enquanto isso, a família, que continuava acreditando que aquilo que estava acontecendo era o que estava sendo dito a ela, mantinha uma atitude de profunda e natural irritação com a imprensa. Parecia, afinal, que tudo aquilo que os jornalistas contavam eram histórias inventadas, maldosas, mal-intencionadas...

Foi um momento de muita angústia no HDB, porque o próprio Governo, até aquela altura, não tinha uma posição muito clara sobre o que estava acontecendo, se era certo ou errado. Ninguém sabia se nós estávamos no hospital certo, usando o tratamento certo, e acho que foi esta insegurança coletiva que precipitou a vinda da junta médica. Antes disso, porém, havia uma coisa mais imediata a fazer: acabar com aquela entrevista coletiva, ao vivo, via Embratel, que se seguia a cada boletim. Uma parte das pessoas que estavam lá não entendia corretamente a responsabilidade do que faziam. Eu mesmo lembrava a eles que só existe imprensa se ela é investigativa, crítica. Se um repórter descobre algo, em seu trabalho de investigação, vai lá e pergunta, está cumprindo exemplarmente a sua função. Mas, tinha gente que, qualquer coisa que ouvisse, saía perguntando. Respondi coisas malucas. Certo dia, levantou-se no auditório um repórter e me Perguntou: "Você pode provar que o Presidente não levou um tiro, Britto?".

Pág 69

Essa pergunta foi feita ao vivo, em cadeia nacional de rádio e TV. Ou seja, algo que estava destinado a ser uma sessão de democrático esclarecimento ao país estava servindo para disseminar a confusão. Se não bastasse tudo isso, o fato de eu também ter dúvidas não me permitia conversar direito com os jornalistas, sob o crivo de 130 milhões de testemunhas, via Embratel.

P – Um outro caso concreto aconteceu na noite de domingo, na apresentação do boletim das 21h, ao lado de Aécio e Tancredo Augusto, quando um funcionário público interrompeu a sua entrevista, dizendo: "Sou brasileiro e quero protestar contra o noticiário da imprensa que está intranquilizando a população". Era isso que você temia?

Britto – Quando eu vi aquele sujeito levantar, no meio dos jornalistas, eu levei o maior susto. Estávamos em rede nacional de rádio e TV, ele podia dizer qualquer coisa para o país inteiro. Era uma vergonha aquele negócio. Depois, eu comecei a me preocupar quando senti que ele estava querendo criticar a imprensa, e isso não estava certo. Era incorreto que o Governo permitisse que uma entrevista coletiva, aonde só poderiam ter acesso jornalistas e funcionários do Governo, fosse utilizada para algo contra a imprensa. Isso era prejudicial para minha relação pessoal com os jornalistas, para a imagem da imprensa e

para o clima que estávamos vivendo. Tentei cortar o discurso do sujeito, mas ele não parava de falar. Até que acabou o papo dele. Mais tarde, naquele dia, alguns jornalistas, amigos meus, brincavam comigo: "Puxa, bom esse sujeito que você contratou para nos dar um puxão de orelhas, hein Britto?". Naquela segunda-feira, muito preocupado com o rumo das coisas, pedi uma reunião com os jornalistas para reformular nosso esquema de informação. Ficou tudo acertado. Durante as transmissões em cadeia, haveria apenas leitura dos boletins, sem interrupção. Só depois, numa conversa em "off" (sem gravação ou menção à fonte), nós sentaríamos para uma conversa em que trocaríamos informações, angústias, dúvidas. Tanto eu quanto eles ficaríamos à vontade para conversar.

Pág 70

P – Era a consagração da entrevista coletiva em "off"?

Britto – Justamente. Depois desta conversa mais solta, vinham as entrevistas gravadas para rádio e TV. Para organizar melhor, eu sentava primeiro como pessoal de rádio e, em seguida, com o de TV. O esquema então começou a funcionar. Acho que este foi um momento decisivo porque os jornalistas, a partir daí, passaram a ter informações melhores, mais completas, sem o risco de criarmos situações desagradáveis ou perigosas, transmitidas em rede nacional.

Havia algo que era difícil para a maioria das pessoas entender e que os jornalistas profissionais, meus colegas, compreenderam com mais facilidade do que o público. Eu era o porta-voz. O porta-voz é sempre alguém que leva as explicações de uma outra pessoa, que dá as explicações em seu nome. Ninguém é porta-voz, apenas. As pessoas são porta-vozes de alguém, sempre. Nessa situação, eu me sentia num beco: eu não podia dar oficialmente qualquer informação que não me tivesse sido dada pelos médicos. Os responsáveis eram os médicos, que assinavam a informação que eu transmitia através dos boletins. Eu não tinha como oficializar uma informação que não fosse oficial, ou seja, que não viesse dos médicos. Mas, quando os jornalistas vinham me trazer uma série de dúvidas, de perguntas sobre coisas que não estavam nos boletins – e que eu sabia que talvez não fossem improcedentes –, eu ficava em dificuldades. Como é que eu iria dizer "esqueçam, isso é loucura, é mentira"?

P – E o que você fazia, então?

Britto – Comecei a adotar uma fórmula que agradou aos jornalistas. Quando eu sabia que a questão era verdadeira, e podia ser oficializada, eu confirmava. Quando eu sabia que era absolutamente mentirosa, eu alertava e explicava por quê. Quando não era nem um caso nem outro, ou seja, a questão era nebulosa tanto para mim como para a imprensa, eu respondia com um código que arrancava risadas do pessoal: "Desconheço oficialmente esse assunto".

Pág 71

P – Isso queria dizer o quê?

Britto – Significava o seguinte: "Precisamos todos averiguar, descobrir o que existe". As vezes eu anotava a questão para, mais tarde, vasculhar o assunto lá por dentro. No domingo, no dia da atelectasia, no início da tarde, lá pelas 3 ou 4 horas, eu desci para conversar um pouco e um jornalista de Minas Gerais se aproximou e perguntou: "Você ouviu falar que o Presidente está com atelectasia laminar de Fischer?". Eu nunca tinha ouvido falar nisso, dei uma desconversada e subi, mais tarde. Eu já sabia que havia dificuldade respiratória, mas desconhecia o nome científico da coisa. Aí, peguei a folhinha

de papel onde tinha anotado, e perguntei: "Vem cá, essa dificuldade respiratória... o nome poderia ser atelectasia laminar de Fischer?".

"Diziam em S. Paulo que o Presidente estava sendo preparado para viajar aos Estados Unidos"

Pinheiro e Renault caíram na risada. "Ih, tem médico aí em contato com os jornalistas", observou Pinheiro. "O nome certo é atelectasia laminar de Fleischmer, em vez de Fischer". Isso comprovou que já existia um circuito paralelo de informação entre o hospital e a imprensa. Neste domingo, ainda, a gente aprendeu da pior forma possível como funciona uma central de boatos em Brasília, que a gente não sabe nem por onde começa. Subitamente, começaram a me ligar, no começo da tarde, para saber porque eu tinha sido convocado para uma reunião de emergência no Palácio do Planalto, juntamente com o dr. Ulysses. Acontece que eu nem tinha saído do hospital, permanecera o tempo todo ali. Me ligou o pessoal da TV Globo, do "Jornal do Brasil", e a todos eu dizia: "Olha, eu não saí daqui". E as pessoas não acreditavam. No dia seguinte, segunda-feira, um boato parecido interrompeu a cerimônia de posse do Hélio Beltrão na presi-

Pág 72

dência da Petrobrás, no Ministério das Minas e Energia. Saiu todo mundo correndo para o hospital.

P – A família chegou a pedir sua intervenção contra as "noticias falsas" da imprensa, como reclamava dona Risoleta?

Britto – Naquela mesma segunda-feira, e depois em outros momentos, a família (dona Risoleta, Tancredo Augusto, Aécio) me procurou profundamente irritada. Eu sempre procurei dividir a irritação familiar sob dois aspectos. Um deles, absolutamente procedente, tinha como origem coisas mentirosas, irresponsáveis, de gente que não apurava a verdade direito. Por exemplo: diziam, já em São Paulo, que o Presidente estava sendo preparado para viajar aos Estados Unidos, quando o Presidente na realidade não tinha condições de ser removido para o hospital que ficava em frente. Isso, mais que um ab-

"A família já estava irritada com algumas autoridades que iam ao hospital com a preocupação de dar entrevistas"

surdo, era uma maldade. Quando havia esse tipo de reclamação, eu concordava com ela e, na conversa com os jornalistas, procurava ser claro, enfático mas duro. Mas eu nunca passava isso como uma reclamação da família. Agora, havia também a irritação, que me parecia compreensível mas para a qual não havia nada a fazer: era aquela gerada pelo noticiário correto da imprensa, que apurava que a evolução do estado de saúde do Presidente não era boa. Mas este não era um problema da imprensa, mas sim dos médicos e do paciente.

Pág 73

P – E não era um problema, aparentemente, para o Ministro da Saúde, Carlos Sant'Anna, que saiu do HDB naquela segunda-feira dizendo que na sexta-feira o Presidente assumiria...

Britto – Essa declaração do Ministro me criou uma enorme dificuldade. Havia pessoas – e evidentemente esse não era o caso do Ministro da Saúde – que pareciam bem informadas, entravam no hospital, não conversavam com ninguém, afora as recepcionistas do Itamaraty, e saíam dando entrevista sobre o dia em que o Presidente voltaria, que tipo de doença ele tinha, como é que

ele estava sendo tratado. Então, quando eu descia para dar o boletim, encontrava uma informação plantada por autoridade que não tinha tido acesso a ela. Isso me criava dificuldades porque os jornalistas, com toda a razão, vinham para cima de mim com cinco pedras na mão. E eu não podia dizer "fulano mentiu, fulano não subiu, fulano nem entrou".

Quando eu descii lá e soube da história, eu explodi: "Pelo amor de Deus, assim não é possível trabalhar". A família já estava irritada também com algumas autoridades – não era o caso do Ministro da Saúde – que iam ao hospital visivelmente com a preocupação de dar entrevistas, apenas. Afinal, como é que eu ia explicar, nesse caso, que

"Segunda-feira é o dia do intestino paralisado, da desconfiança crescente em torno do hospital, dos médicos, de tudo"

o Ministro da Saúde, médico e figura respeitada, garante que o Presidente tomaria posse em cinco dias e ainda assim não existe foto? O que eu poderia arranjar como explicação para o abdômen inchado do dr. Tancredo? Aí eu reclamei em tese para o Ministro José Hugo Castello Branco, Tancredo Augusto e Aécio. O chefe da Casa Civil deu alguns telefonemas, que quase se transformaram numa instrução pa-

Pág 74

os outros ministros, recomendando que, numa emergência, eles fossem para o Planalto, para o Congresso, para qualquer lugar – só não fossem para o Hospital de Base, O problema é que as pessoas dificilmente resistiam à luz da televisão.

P – Na manhã de segunda-feira o que resiste ao brilho dos médicos são os intestinos do Presidente, ainda paralisados e inflando o abdômen. Apesar disso, o boletim das 9h diz que o quadro clínico do dr. Tancredo "apresenta expressiva melhora, sendo muito bom o seu estado". Uma nova derrapada, Britto?

Britto – Em toda essa história, é o boletim menos feliz de rodos. Ele não tem nada a ver com o dia que tenta retratar. segunda-feira é o dia do intestino paralisado, da desconfiança crescente em torno do hospital, em torno dos médicos, de tudo. Naquele dia o Presidente Sarney deveria estar sentado ao lado do Presidente Tancredo, cuidando das coisas práticas do Governo, a partir do hospital. Esse foi um dia muito ruim. Os médicos se mostravam muito preocupados e o boletim, evidentemente, não refletia isso. Mas o boletim continuava sendo responsabilidade médica. Os médicos continuavam fazendo uma aposta, ali. Pinheiro e Renault passavam a maior parte do tempo pelos cantos, cochichando, visivelmente apreensivos.

P – Quando você recebia um boletim desses, que pouco tinha a ver com a realidade, não se colocava em sua cabeça uma discussão sobre o papel do porta-voz? Você não estava se prestando a um papel que não era o seu?

Britto – Eu não tinha essa dificuldade lembro de ter dito várias vezes: o meu problema era ler o boletim dos médicos. Eu não sou médico! Ninguém vai me imputar se o Presidente melhorou ou piorou. Eu advertia muito os médicos para isso: "O que está em jogo é o negócio de vocês. A mim não vão cobrar nada." A questão é que, raramente, nos casos de saúde que envolvem autoridades, o médico

Pág 75

consegue se comportar apenas como médico. Ele mete uma mão na medicina,

outra na política – e acaba se enrolando todo. Em todas as minhas conversas com os médicos, em Brasília ou em São Paulo, percebi que eles têm muito presente o compromisso de informar tudo ao país sobre o que ocorre com o paciente, quando se trata de uma autoridade, de uma figura pública. Até porque eles sabem que o volume de jornalistas e a intensidade da cobertura da imprensa não permite que se esconda nada.

Mas, na hora de sentar para escrever o boletim, este negócio complica pra diabo! É que o médico passa a ter, também, a preocupação de não preocupar o país. Eles ficam atentos ao dado político da questão.

P – Mas essa não é uma exacerbação da função médica? O médico deve ter esta preocupação?

Britto – Eu acho que não tem que ter. Só que tem. Dificilmente o médico, ao redigir o boletim, tratava meramente do boletim. Ele, ao mesmo tempo, estava com um olho arregalado pelo medo de mentir, de omitir informações, e outro olho fixado na necessidade de dizer que as coisas vão dar certo, que têm que dar certo.

"Eu era o único repórter do mundo dentro do hospital; repórter dos médicos e dos jornalistas ao mesmo tempo"

P – Era uma preocupação simultânea com o paciente e com o Presidente?

Britto – Exatamente Por isso, o momento de escrever o bole-
Pág 76

tim era mais doloroso do que o de tratar do dr. Tancredo. E aí cada um tinha o seu estilo. Renault sentava na salinha de Aloísio Franca, sempre de bom humor, sempre brincando, pedia uma folha de papel (que ele nunca tinha), pegava uma caneta (que ele nunca tinha), e ficava rabiscando, enquanto as pessoas por perto conversavam. Renault, um sujeito de trato fino, tem uma voz macia e fala sempre baixinho. É um homem extremamente habilidoso e preocupado com as palavras. Às vezes a gente tinha discussões de meia hora sobre qual a melhor expressão: "satisfatório" ou "bom"?

Renault, sentado, fazia a avaliação e a redação, enquanto que Pinheiro e Gustavo, que também assinavam os boletins, ouviam, concordavam ou não, propunham ou não mudanças. E eu ficava ali, sentado, só ouvindo. Eu participava na hora de compor o boletim: eu os entrevistava, perguntando tudo sobre o que tinha dúvidas, e aí eles resolviam se incluíam ou não no boletim. Cansei de avisar para Renault e Pinheiro: "Olhem, o pessoal lá embaixo está duvidando de que seja simplesmente uma pequena alteração respiratória..." Eles brincavam comigo, dizendo que eu estava fazendo residência médica. Era uma coisa engraçada: eu era o único repórter do mundo dentro do hospital, repórter dos médicos e dos jornalistas ao mesmo tempo. As pessoas lá dentro do hospital estavam muito isoladas do mundo. Eu era, um pouco, o sujeito que fazia essa ligação. Eu alertava sobre o que estava sendo questionado, discutia uma ou outra palavra e Renault redigia e datilografava. Eu sou péssimo na máquina de escrever, e Renault, que bate com todos os dedos ao mesmo tempo, era super rápido. Nossa conversa era sempre às 9h da manhã, porque os médicos chegavam ao hospital às 7h, para examinar o Presidente e atender um pouco a família. Terminada a datilografia do boletim, eu mandava avisar os jornalistas, no auditório, para dar tempo de arrumar câmeras e microfones. E descia. Os jornalistas, a esta altura, só entravam lá credenciados, pois tinha gente que, sem nada para fazer em Brasília, ia passar a tarde no hospital. O HDB tinha virado programa.

Às vezes o boletim atrasava e, como sabia que havia muita ansiedade, eu pegava o manuscrito de Renault e descia. Enquanto a Radiobrás coordenava a cadeia nacional voluntária de rádio e TV, eu ia

Pág 77

para a máquina para datilografar. Alguns jornalistas viram isso e acharam que eu redigia os boletins. Mas eu era apenas, nesse caso, datilógrafo.

"Avisei aos médicos: 'Eu só posso convencer as pessoas, se estiver convencido. Vocês me desculpem, mas tenho que fazer perguntas'"

P – Qual foi a sua colaboração para aquele infeliz boletim da segunda-feira?

Britto – Essa discussão aconteceu ao longo do dia inteiro. Toda a conversa na sala do boletim, nesse dia, girou em torno do abdômen inchado, do que aconteceria ou não. Aloísio Franca achava que o quadro era mais sério do que dizia Renault. Renault e Pinheiro achavam que, por indução, tudo se resolveria. Eu entrei na conversa e transmiti as apreensões que ouvia lá embaixo: a cirurgia não tinha dado certo, poderia haver uma nova operação. Pinheiro desconsiderou: "Ah, esse pessoal fica inventando essas coisas. Isso não vai acontecer". Ele e Renault, duas pessoas extremamente educadas, tinham essa tendência de querer tranquilizar a gente, a família, todo mundo. Se algum erro eles cometeram, foi o de achar que, além de médicos, eram também bombeiros.

Eu, pessoalmente, estava profundamente preocupado com o fato de não entender de medicina. Diante de um incêndio, se alguém te diz que está queimando o 2º andar e outro diz que o fogo é no 8º andar, basta saber contar até 8 para descobrir onde está a verdade. Mas, meu Deus do céu, é normal ou não o íleo paralítico? Que diabo! Como é que eu vou saber esse troço? Comecei a ficar cada vez mais angustiado. E eu manifestei essa minha angústia para eles. Como eu disse depois, estava disputando uma Olimpíada sem ter feito

Pág 78

Um único treino: eu não conhecia os meus funcionários da Secretaria de Imprensa, não conhecia a família, não conhecia os médicos não conhecia o hospital e não conhecia o assunto que estava sendo discutido. Eu avisei os médicos: "Gente, eu só posso convencer as pessoas se estiver convencido. Vocês me desculpem, mas eu tenho que fazer essas perguntas..."

P – E com este boletim infeliz, de 4 linhas irreais, você desceu para enfrentar os jornalistas...

Britto – Fui extremamente angustiado. Aí surgiu a história das pessoas prestarem mais atenção em minha cara do que no texto do boletim. Eu não podia conviver numa UTI, acompanhando uma doença difícil, tomar parte em reuniões terríveis e descer assobiando. A cara que eu levava lá para baixo era a cara de quem tinha vivido tudo aquilo.

P – Não era uma cara produzida?

Britto – Era uma coisa tão natural em mim que só depois é que fui me preocupar com a repercussão disso. Dois ou três dias depois, as pessoas começaram a dizer: "Ih, hoje ele está mais preocupado. Olha, ele está sorrindo". Comecei a me dar conta de que, além do problema do boletim, e de tudo o mais, eu tinha que me preocupar com a cara. Um dia, já em São Paulo, num momento de melhora do dr. Tancredo, eu liguei para minha casa, em

Brasília, e soube que meu filho estava doente. Podia ser pneumonia. Eu fiz a ligação de dentro da UTI, momentos antes de ler o boletim. E desci preocupado com meu filho, com uma cara que não correspondia ao momento do Presidente. Eu vivi, também, o oposto. No meio da Semana Santa, entrei no elevador do Instituto do Coração muito angustiado, dizendo para mim mesmo: "O Presidente vai morrer". Foi o momento em que assumi a idéia da morte, depois de uma conversa terrível que tive com

Pág 79

um médico na Quinta-Feira Santa. Quando desci e atravessei a rua, em direção ao Centro de Convenções Rebouças, onde apresentava os boletins, eu sabia que estava com a cara ruim – e pouco me importava com isso. Era um momento terrível: eu descobrira, antes do que a maioria das pessoas, que o Presidente ia morrer. Eu tinha consciência do que isso significava, do ponto de vista humano, pessoal e político. Naqueles dois ou três minutos de preparação das equipes de rádio e TV, que antecederiam a minha entrada em rede nacional, um rapaz de uma rádio de São Paulo, dono de um vozeirão, começou a gritar ao microfone, bem perto de mim, com aquela entonação de locutor: "E atenção, senhores ouvintes, vai ser lido mais um boletim. Daqui a pouco o porta-voz Antônio Britto vai dizer aquele famoso", fez uma pausa, encheu os pulmões e disse: "Senhores..." Aquilo me deu uma vontade louca de rir, e o ar risinho na minha cara nada tinha a ver com a convicção terrível que eu ganhara de que o Presidente ia mesmo morrer. Naquele pequeno trecho que eu vencias a pé, entre o Instituto do Coração e o auditório da imprensa, às vezes tinha centenas, até milhares de pessoas que eu não encarava. Passava de cabeça baixa e ouvia: Olha lá como ele está... Não, mas ele não está rindo". Eu lembro ainda hoje de uma senhora ajoelhada na porta do auditório, rezando pelo dr. Tancredo, que um dia se agarrou em mim, apertou forte o meu braço e implorou: "Britto, pelo amor de Deus, sorria".

Pág 80

7. Ajunta Médica

P – Na noite de segunda-feira, dia 18, o Presidente continuava com seus problemas pulmonares e intestinais, passadas 72 horas do pós-operatório. Renault voltou a insistir numa junta médica e a família, afinal, concordou. E então?

Britto – Iniciou-se uma reunião, às 21h, com os médicos, Aécio e Tancredo Augusto. Começaram a fazer a lista. O dr. João Baptista de Resende Alves, amigo particular do Presidente, foi recomendado por dona Risoleta. Renault sugeriu o nome do nefrologista Jayme Landmann. O dr. Henrique Pinotti foi citado pela família, mas ele tinha sido colega de Pinheiro em Paris. Por isso, foi um nome consensual, ali. Aécio ia colocando os nomes no papel e, a cada nome acertado, alguém ligava pelo telefone e convocava. Lá pela 1h da madrugada, os nove especialistas estavam contactados. Os médicos de São Paulo, Pinotti e Agostinho Betarello, acertaram de vir no primeiro voo de terça-feira para Brasília. Os três cariocas viriam pela ponte-

Pág 81

aérea e os quatro mineiros chegariam num táxi-aéreo. Seriam recebidos por Renault e por Pinheiro no aeroporto e ali mesmo, no hangar da Líder, teriam uma primeira reunião antes de vir para o hospital.

As 9h30m da manhã de terça-feira, dia 19, o quadro do Presidente tinha se agravado, especificamente porque não melhorava. Nada daquilo que podia

acontecer tinha acontecido, as hipóteses boas não se confirmavam: o intestino, o abdômen, o pulmão, continuava tudo na mesma. Cinco dias depois da operação, não havia nem perspectiva do Presidente subir do 2º para o 4º andar, quanto mais sair do hospital. As pessoas começaram a fazer essas contas. Resolvemos então anunciar a vinda dos médicos de fora. Aí teve outra discussão. Eu defendia o ponto de vista de que 9 médicos especialistas, vindos de outras capitais, não iam entrar e passear pelo HDB sem que ninguém visse. E era melhor que isso fosse anunciado antes da chegada da junta, para ganhar do boato. Eu defendi esta posição porque a tendência de Renault, por sugestão da família, era de que eles entrassem sigilosamente no hospital, fizessem o exame e só depois se anunciasse sua presença. Eu achava este negócio muito perigoso: "Por onde eles vão entrar? Descem na base aérea, no aeroporto? Vêm em grupo ou separados?", perguntei. A gente acabaria se perdendo por uma bobagem. Uma coisa que a gente pode oficializar corre o risco de virar um boato. Consegui, então, colocar a notícia da junta no boletim das 9h45m.

(Terça-feira, 19, 8h. Prontidão no Hospital das Clínicas em São Paulo. Pinotti viaja para Brasília.)

P—Não foi uma forma abrupta demais de informar o país da presença da junta médica?

Britto — Eu acho que a fórmula não foi boa. Foi um susto lá embaixo. Eu lembro que lia o texto e, quando passei para a quinta e

Pág 82

"O desafio era tentar ganhar da maré de boatos. Cada hora que passava sem uma palavra oficial, ela aumentava ainda mais"

última linha do boletim, que falava nos especialistas as pessoas no auditório fizeram uma cara incrível. Todo mundo me fazia a mesma pergunta: por que novos especialistas? Foi uma das primeiras vezes em que tive dificuldade física para sair do auditório, porque me fecharam o caminho e tentaram me entrevistar à força. A explicação que eu dei, na hora, foi a de que era o momento de fazer uma avaliação. O boletim me estabelecia o limite, eu não tinha como ir além. Se Renault e Pinheiro escreviam e assinavam os boletins daquela forma, é porque eles estavam fazendo uma aposta. E as circunstâncias fizeram com que eles perdessem a aposta. Que aposta era esta: o Presidente superaria estas pequenas dificuldades e, superadas, elas ficariam na história como detalhes insignificantes. Eles teriam mantido o país tranquilo enquanto o Presidente se recuperava. Não aconteceu nem uma coisa nem outra.

(Tensão aumenta. Às 11h, três Governadores aterrissam no HDB, junto com Ministros, parentes. Ninguém fala. Todos tensos. Triplicam os jornalistas. Os telefones congestionam. Intensa boataria. E nada de boletim.)

P — Como a imprensa reagiu ao susto?

Britto — Aquilo virou um inferno. Toda vez que se jogava uma informação ruim lá embaixo, como a da chegada da junta médica, o meu problema do resto do dia não era nem comentar ou explicar esta dificuldade. Meu desafio era tentar ganhar da maré de boatos que vi-

Pág 83

nha em cima disso. Ninguém me telefonou para saber porque os especialistas tinham vindo. Todo mundo queria saber a que horas seria a nova cirurgia, quando seria a remoção para São Paulo.

P – O que não era exatamente um absurdo. Depois deste boletim, Britto, você submergiu durante sete horas e meia. Isso não ajudou a alimentar a boataria?

Britto – Foi um erro que eu cometi. Havia já a cogitação, por parte da família, da transferência do Presidente para São Paulo, onde se reservara o Instituto do Coração. Assim, com um hospital reservado e nove especialistas na praça, tive que passar boa parte do dia tentando desmontar aquilo que até então era boato. Foi um dia ruim e, por isso, eu não pude descer. Quando se jogava uma bomba atômica dessas e se saía de perto, a avalanche de boatos era tão grande que, a cada hora que passava sem ir lá, sem dar uma palavra oficial, ela aumentava mais e mais.

P – O que você deveria ter feito?

Britto – O que eu passei a fazer a partir daí. Descer às vezes, nem que fosse para não dizer nada. Só para as pessoas verem que você estava vivo e que as coisas continuavam andando. Eu cometi o erro de ficar mais de sete horas sem descer.

"O Pinotti era o mais extrovertido e falante do grupo. Tinha um jeito de quem tinha acabado de praticar esporte e passado por uma sauna"

Pág 84

P – E por que não desceu?

Britto – Eu fiquei esperando que a junta se reunisse, fizesse o laudo e me entregasse. Enquanto eu estava lá em cima, preso, acompanhando esse negócio, o mundo estava desabando. Um amigo meu, funcionário da Seplan, me ligou apavorado, por volta do meio dia, para reclamar: "Britto, a Bolsa de Valores está parada. Vocês têm que dar alguma notícia" E eu dizia: "Mas nós não temos notícia para dar".

Os médicos chegaram, foram recebidos pelo Gustavo Arantes, diretor do HDB, e levados para o 4º andar. Quando a gente chegou, havia um clima ainda cerimonioso, onde Pinheiro e Renault faziam as honras e apresentavam as pessoas. Além dos 9 especialistas, havia os quatro médicos de Brasília (Pinheiro, Renault, Gustavo e Franca), dois radiologistas e o primo do Presidente, Aluizio Neves.

(Cresce a bolsa dos boatos: peritonite? obstrução intestinal? trombose do mesentério? transferência para São Paulo? remoção para os Estados Unidos? nova cirurgia?)

P – Qual foi sua primeira impressão do Pinotti?

Britto – Era a pessoa mais extrovertida e falante do grupo. Tinha um jeito assim de quem tinha acabado de praticar esporte e passado por uma sauna. Era um perfeito relações-públicas. Afirmativo, cativante, falava alto e se destacava visivelmente do conjunto. Quando se aproximou de mim, apresentado por Pinheiro, Pinotti festejou: "Ah, é muito bom ter um porta-voz. Médico não deve falar, quem deve falar é o porta-voz..."

Pág 83

P – Quem diria, hein?

Britto – Aí, ele e Pinheiro recordaram o fato de que já tinham participado de alguns congressos internacionais juntos, que eram muito amigos e que essa amizade vinha de anos. "Além de sermos muito amigos, temos um respeito muito grande um pelo outro", dizia Pinotti de Pinheiro. Logo em seguida chegou o chefe do setor de radiologia do hospital, trazendo as radiografias batidas do Presidente. Demos um jeito de esvaziar a sala, para deixar os médicos em condições de trabalhar. Gustavo sugeriu buscar o megatoscópio, para exibir as radiografias, mas Renault foi mais prático: "Use a janela. Ali tem bastante luz".

E foi uma festa para os fotógrafos da im-

"Isso é uma desmoralização, bradava um médico. Isso vai desmoralizar a medicina de Brasília"

prensa, que descobriram os médicos examinando raio-X na janela. Terminado o exame das radiografias e feita a exposição geral do quadro, foi dada a palavra a cada um dos médicos convidados. O primeiro a falar foi Landmann, seguido depois por Lopes Pontes, Bertarello e Pinotti. Quando chegou na vez do dr. Resende Alves, ele pediu para ficar para o fim. Todos, de um modo geral, reconheciam que a situação era grave, que a conduta médica era correta e que se deveria continuar tentando a indução para fazer funcionar os intestinos. Quando o dr. Resende Alves falou, mudou tudo. Ele disse que o caso era cirúrgico e que era preciso operar: "Não há outra saída", disse. A discussão ficou um pouco tumultuada mas, afinal, inclusive com o apoio de Resende, o grupo decidiu esperar um pouco mais e continuar tentando os medicamentos. O dr. Landmann recomendou que a junta informasse à família que a situação era grave, muito grave. Neste momento, os médicos se

Pág 86

para os três de Brasília e Bertarello, resumindo o clima da reunião, confessou: "Nós não queríamos estar na pele de vocês".

P – Um diagnóstico animador, não?

Britto – Eu fiquei preocupado antes mesmo da chegada dos médicos. Depois de ler o boletim anunciando a vinda dos especiais, entrei no elevador junto com um médico da direção do hospital e um segurança. E subi embalado por um discurso, irado, do médico contra a junta: "Isso é uma desmoralização", bradava ele. "Isso vai desmoralizar a medicina de Brasília". Fiquei pensando no clima de guerra que a junta deixaria no seu rastro, e me consolei: "Só faltava mais essa...".

Lá embaixo, continuava a confusão. Telefonema do Palácio, da Bolsa, e nenhuma notícia... Até que o Presidente Sarney mandou o Ministro José Hugo acompanhar de perto o problema, enquanto os outros ministros eram bloqueados – a ordem era que cada um ficasse em seu Ministério, trabalhando. A irritação da família com o assédio das pessoas levou-a a determinar que ninguém mais subisse, à exceção do chefe da Casa Civil, que representava o Presidente da República. Aí chegou o Deputado Ulysses Guimarães, com sua esposa, e trombou na proibição: ninguém subia. E ele normalmente subia. Eu desci para explicar ao dr. Ulysses o que estava acontecendo. Ele, com muita clareza, me disse: "Eu não queria estar aqui. Eu preciso estar aqui. Sou Presidente da Câmara". A esta altura já havia um monte de ministros e parlamentares querendo subir, mas encontramos a fórmula: "Subiu o Ministro José Hugo como representante do Poder Executivo e subirá o dr. Ulysses como representante do Poder Legislativo". D. Mora, esposa do Deputado, voltou do térreo para casa e o dr. Ulysses subiu. Isso tudo ocupou uns 40 minutos de negociação. Estávamos todos lá em cima, conversando, naquela espera

angustiante da avaliação da junta. Quando eles chegaram, lá pelas 13h 30m. Em vez de sentar e conversar com a gente, eles se fecharam no refeitório do 4º andar e foram almoçar. E o almoço não terminava. Lá pelas 16h, eles vieram conversar com a família, com a mi-

Pág 87

nuta do boletim pronta. O ar geral dos médicos era de preocupação, muita preocupação.

P—Até mesmo o dr. Pinotti?

Britto — Não. Ele contrastava com o grupo. Quando a porta se abriu, ele me disse: "Fique tranqüilo, o Presidente vai ficar bom, está tudo bem". Falando com dona Risoleta, ele repetiu: "Fique tranqüila, nosso Presidente vai voltar logo".

"Para quem está de fora, a expressão 'sinais vitais preservados' é assustadora, mas não passa de um clichê médico"

P — E o porta-voz finalmente reapareceu, para o boletim das 19h, ao lado do dr. Ulysses e do Ministro José Hugo, lendo a nota de três itens da junta médica. Mas o segundo item da nota preocupou mais que tranqüilizou, ao dizer que o Presidente tinha um estado geral "bom, com os sinais vitais preservados". O que aconteceu?

Britto — Acho que, na hora, eu não avaliei bem isso. Essa foi uma das frases que me custou mais caro no episódio. A gente aprendia, errando. O fundamental, naquela entrevista ao lado do Deputado e do Ministro, era a preocupação política de acalmar o país. A Bolsa no Rio e em São Paulo, a inquietação no Planalto e no Congresso. todos os indicadores que chegavam ao hospital eram terríveis. Para quem está de fora, a expressão "sinais vitais preservados" é assustadora, mas não passa de um clichê médico. Indica que o coração, os pulmões e o cérebro não apresentam risco. Isso não queria dizer nada, mas para um leigo, para uma pessoa comum, é uma expressão que

Pág 88

apavora. Este boletim nem revelou a dificuldade que existia e criou a idéia de que pudesse existir outras dificuldades. Terminada a avaliação os médicos da junta começaram a voltar para suas cidades, mas Pinotti se ofereceu para ficar. E a família do Presidente pediu que o dr. Resende Alves também ficasse. Depois de conversar com Pinheiro, Pinotti chamou de São Paulo os dois primeiros médicos de sua equipe, que chegaram a Brasília no início da noite.

P — Terminada a leitura do boletim da junta, os repórteres apertaram o cerco, querendo mais detalhes, mas você se limitava a reler o boletim. Não havia respostas?

Britto — Naquela terça-feira, a situação começava a ficar realmente insustentável. As dificuldades de comunicação eram cada vez mais claras, e era cada vez maior o número de jornalistas que não acreditavam nos médicos e nos boletins. Repetindo a leitura, várias vezes, eu queria mostrar que não poderia, nem sairia do boletim. Ficamos numa conversa de surdo e mudo.

"O fato de Pinotti ter ido para televisão dava a ele a condição de salvador da pátria, o homem que veio e resolveu"

P — Você não podia responder?

Britto – Não era isso. O que eu tinha a dar era uma resposta especulativa, que os médicos não estavam querendo dar. Por que eu daria? Não tinha autoridade para isso. O médico entende, com alguma razão, que boletim é feito para descrever como o paciente está agora, e não para anunciar como ele estará depois. Médico nenhum

Pág 89

aceita jogar no futuro, se tiver juízo. Só que a imprensa não estava querendo saber o que acontecia naquele momento. Ela queria um exercido de futuro: e se não der certo? E nisso os médicos demonstram uma unanimidade impressionante – eles se recusam a fazer boletim especulando ou prevendo. E ficava o confronto entre dois mundos diferente, . O do médico e o do jornalista.

Pág 90

8. A Guerra dos Médicos.

P – E o confronto entre os médicos?

Britto – A partir da chegada da junta, o que era uma coisa mais ou menos latente se transformou numa coisa concreta. A questão da medicina de Brasília, agora, não era apenas salvar o Presidente. Era mais do que isso: tratava-se de salvar o Presidente, o prestígio do Hospital de Base e a imagem do Médico de Brasília. Tudo isso deixou as pessoas num clima de excitação, de irritação, de sensibilidade que tornava muito difícil o trabalho. Várias vezes,

a partir daí, Gustavo Arantes me procurou para alertar: "Não estou conseguindo segurar o meu pessoal. Eles vão sair por aí, dando declarações". E eu, apavorado, pedia: "Pelo amor de Deus, evite isso".

Pág 91

(Madrugada de quarta-feira, 20. Tancredo sofre duas horas para introduzir sonda no intestino, ainda paralisado. Tancredo esgota-se e enfraquece. Quadro piora. 16h: Pinotti reabre local da primeira cirurgia. Costura de Pinheiro estava desfeita. Técnica obsoleta, acusa Pinotti. Desfeita a costura, um pedaço do intestino grosso enfiou-se pela brecha da parede interna do abdômen, provocando a alça intestinal e a obstrução. Pinotti desdobra-a, coloca-a no lugar certo, lava e revisa manualmente os sete metros de intestino. Prevista para 2h, a operação dura quase 5h.)

P – O Presidente enfrentou sua segunda cirurgia, na quarta-feira, mas quem preocupa, na sexta, são os médicos. O dr. Pinotti dá uma entrevista, no "Bom Dia, Brasil", da Rede Globo, anunciando alta em uma semana.

Britto – Eu vinha de casa, naquela manhã, e encontrei o pessoal no hospital em pé de guerra. O fato de Pinotti ter ido para a televisão dava a ele

a condição de salvador da pátria, o homem que veio e resolveu. Os médicos tinham sido estimulados a cuidar do Presidente e evitar entrevistas. "Isto é só para nós", reclamavam, pensando no Pinotti. Eu também achava aquilo perigoso, porque começava a estabelecer metas. Uma declaração dessas, naquele momento de greves em São Paulo e interinidade, paralisava a administração e enfraquecia o Governo. E era importante um governo forte, até para ajudar o dr. Tancredo quando voltasse. Aí, sem consultar ninguém, resolvi

descer e bancar para os jornalistas: "Não existe data marcada para nada". Infelizmente, a partir destas declarações, nas 48 horas seguintes nós cuidamos muito mais dos médicos do que do dr. Tancredo. Pinotti já tinha aparecido, na noite de quinta-feira, no "Globo Repórter", e os jornalistas começaram a frequentar mais o hotel do Pinotti do que o hospital, onde a equipe paulista estabelecia uma série de críticas à conduta dos médicos de Brasília.

Pág 92

P – Na quinta-feira, a "Folha de São Paulo" incendiou a questão, publicando uma manchete que dizia: "Tancredo teve um tumor benigno". E informava sobre a extirpação do leiomioma.

Britto – Era a madrugada seguinte à cirurgia e eu tinha acordado muito cedo. Quando recebi a sinopse em casa e vi a manchete da "Folha", fiquei maluco. Eu imaginei a confusão que se aprontava

"O Pinotti e o Renault resolveram assumir o divertículo, apesar de terem constatado que era tumor"

para o dia. A família tinha sido informada, no primeiro momento, por Pinheiro e por Renault, que tinham operado um divertículo. Um dia depois da primeira cirurgia, 16 de março, um médico me ligou do Rio e disse: "Olha, tem um negócio errado aí nessa história. Se essa cirurgia foi para tirar um divertículo.

ela não foi assim. Se foi assim, não foi para divertículo. A técnica cirúrgica é outra", contou ele, depois de ter assistido à entrevista daquela manhã, na TV, de Renault e de Pinheiro. Um número cada vez maior de pessoas falava em tumor. As evidências cresciam e depois apurei, com a própria equipe médica, que não tinham admitido isso porque queriam manter a palavra "tumor" longe da opinião pública.

P – Decisão da família?

Britto – Não, dos médicos, tomada dentro da sala de cirurgia, no momento da operação. Pinheiro e Renault resolveram assumir o divertículo, apesar de terem constatado, imediatamente que era tumor. Eles tinham uma cobertura científica para isso, pois até a biópsia qualquer diagnóstico valeria.

A

questão é que, horas após a

Pág 93

"Que era mentira, ninguém maistinha dúvida, o que se discutia ali é se seria oficializada a mentira"

cirurgia do dia 14, o laudo do dr. Miziara já comprovava o leiomioma. Quando a família foi informada disso, através de Tancredo Augusto e de Aécio, já se concordava que a tese do divertículo protegeria o Presidente de certas especulações. Antes ainda da manchete da "Folha", eu disse a Pinheiro que já se sabia do laudo e do tumor. "Não, isso não é verdade", insistiu ele. Quando vi a manchete do jornal, na sinopse, imaginei: "Bem, agora ninguém mais segura a credibilidade disso aqui". Telefonei para o hospital e pedi para o pessoal da Presidência conseguir um fac-simile da primeira página da "Folha". Antes das 7h da manhã, um funcionário do Planalto entregava a reprodução, num envelope fechado, na casa de Pinheiro. Eu o acordei, pelo telefone, avisando da remessa. "Não, não é verdade. Isso é uma indignidade", disse mais uma vez Pinheiro. Ele veio correndo para o hospital e nós tivemos uma primeira reunião, onde ele sustentou novamente o divertículo. Mas, no final da manhã de quinta-

feira, quem se sentia apertado pela pressão dos repórteres era o dr. Miziara, que pediu uma reunião sigilosa com os médicos, eu e Tancredo Augusto. Ele falou da necessidade ética de se proteger profissionalmente. Todo mundo, ali, sabia porque tinha se decidido chamar o tumor de divertículo. O problema ali era achar uma forma de atender à angústia do dr. Miziara.

P – O que se podia fazer?

Britto – Ficou acertado que aquele primeiro laudo de biópsia, atestando o leiomioma, permaneceria guardado, longe da curiosidade pública. E se acenou que seria elaborado um segundo laudo, reconhecendo o tumor mas explicando o diagnóstico de divertículo de Meckel com base na ética médica e nos preceitos de privacidade que

Pág 94

protegem o paciente. A ética médica obriga a revelar ao paciente o que ele tem, mas em nenhum momento o médico pode expor a doença publicamente. Que era uma mentira, ninguém mais tinha dúvida. O que se discutia ali, naquela reunião, é se seria oficializada ou não a mentira.

P – E oficializaram a mentira?

Britto – Protegeram a mentira.

P – Qual a diferença?

Britto – A diferença é a decisão de não sair a discutir se era divertículo ou não, se era leiomioma ou não. Decidiu-se proteger Miziara do fato de Miziara ter alguma vez escrito e assinado um laudo falando em divertículo

P – A verdade, nesse caso, sofria mais que o dr. Miziara?

Britto – A minha posição, na reunião, foi a de que o episódio evidentemente trazia um desgaste definitivo à imagem de todos. Não havia mais como restabelecer o fato de que tinha havido um erro de terminologia, o que era grave, principalmente porque não era uma diferença decisiva. Quer dizer, aquilo era uma proteção para algo que não precisava ter sido protegido. O tumor era benigno.

Na sexta-feira, telefonei para o Ministro José Hugo para avisá-lo que tinha desautorizado a alta anunciada por Pinotti. E o alertei pa-

"No sábado, tudo explodiu no encontro entre Pinotti e Pinheiro, no corredor da UTI, que quase acabou em briga"

Pág 95

ra a hostilidade crescente entre os médicos de Brasília e São Paulo:

"Isso aqui vai virar uma guerra de estrelas, Ministro". À noite, ele veio ao hospital para uma reunião comigo e com os médicos. "Nós vamos dividir as tarefas: o dr. Britto cuida da imprensa e os senhores cuidam do dr. Tancredo". O dr. Pinotti tratou de avisar que, naquele mesmo dia, havia dado outra entrevista ao "Jornal do Brasil". O chefe da Casa Civil ponderou: "Bem, se o sr. já falou, está falado. Mas, a partir de agora, temos um acordo de cavalheiros: não se fala mais.

Não adiantou nada. A entrevista saiu no sábado, no JB, e todo mundo sabia que o autor das críticas era Pinotti. Os médicos ficaram possessos. E, para complicar, o pessoal de Brasília descobriu que os médicos de São Paulo, além de darem entrevistas críticas no hotel, estavam indo pessoalmente a

algumas redações para serem entrevistados. Quando cheguei em casa na noite dessa sexta, com a cabeça arrebatando pelo péssimo dia no hospital, recebi um telefonema contando que alguns médicos da equipe de Pinotti estavam na sucursal da revista "Veja", em Brasília, dando uma entrevista pelo telefone para a sede, em São Paulo. No sábado, tudo explodiu no encontro entre Pinotti e Pinheiro, no corredor da UTI, que quase acabou em briga.

("Você está destruindo minha carreira. Fiz a gentileza de lhe ceder o ato cirúrgico e você me faz uma coisa dessas", protesta Pinheiro avançando sobre Pinotti, no corredor da UTI, sábado, 23.)
PÁG 96

9. A Última Foto

(Primeiro contato de Tancredo com o mundo exterior: dita mensagem de 13 linhas elogiando Sarney por sua "irrepreensível correção moral".)

P – E a idéia da foto?

Britto – Na manhã de domingo, Renault sugeriu que o Presidente começasse a sair da UTI, caminhando, dando uma volta pelo corredor, talvez indo um pouco ao 4º andar. O médico identificava muito do problema do dr. Tancredo na depressão psicológica e no stress emocional. Se abrissem janelas para ele retomar contatos, o próprio Presidente, imaginava Renault, daria uma contribuição importante à sua recuperação. Trecho do relatório, secreto até hoje, feito pelo médico que encerrou seu plantão às 9h da manhã do dia 25 de março, segunda-feira: "Bom estado geral. Está hidratado, conscien-
Pág 97

te, contactando normalmente, pressão 17 por 9, eletrocardiograma normal, pulmão estável, fez fisioterapia, abdômen muito menos distendido, flácido e indolor, não tem febre, sem sinais de toxemia, leucócitos a 15.900". Diagnóstico do médico: "Os problemas atuais são a persistência do problema no pulmão com atelectasia e secreção, distensão, anemia discreta, suspeita de infecção e leucocitose". Este relatório reservado mostrava que o Presidente continuava doente e com problemas, mas ele nunca, nos últimos dias, estivera tão bem como naquela manhã de segunda-feira. Quando dona Risoleta e as filhas desceram para UTI, às 9h 30m, os médicos disseram que era o momento propício para a fotografia. Psicologicamente era interessante, como uma retomada do Presidente com o mundo exterior. Dona Risoleta consultou o dr. Tancredo e ele concordou. Então, eu, dr. Gustavo e o fotógrafo oficial do Presidente, Gervásio Batista, descemos para a UTI. Vestimos as roupas especiais e o protetor dos sapatos e fomos em direção ao quarto do Presidente, à direita do corredor. Dobramos à esquerda e chegamos a uma sala ao lado do quarto do Presidente, destinada ao repouso dos médicos. Ali começamos a montar o cenário para as fotos.

"Como vai, Britto? saudou-me. Tudo bem, Presidente. Como vai o senhor? Vamos lhe incomodar um pouco."

P – Por que não fotografar o dr. Tancredo onde estava?

Britto – Primeiro, pelo problema da infecção, pois seria mais gente entrando no quarto do Presidente. Segundo, era um pressuposto da foto que

ela mostrasse o dr. Tancredo em sua dignidade, e uma foto dele fora da cama eliminaria aquelas coisas próprias da UTI, como sondas, soros, etc.

Pág 98

P – Pó que não é recomendável que vocês entrem no quarto dele mas é aceitável que ele venha até vocês? O risco de contaminação não é o mesmo?

Britto – Isso foi escolha dos médicos. Lá dentro, segundo eles, seria menos aconselhável do que fora. O Presidente vestiu o robe de chambre sobre o pijama e colocou uma echarpe para cobrir o pescoço, embora ali não tivesse nada. Ele tinha apenas duas sondas, uma de soro e outra de alimentação parenteral. Aí o Presidente saiu de seu quarto, numa cadeira de rodas, acompanhado de dona Risoleta e enfermeira, que segurava os dois frascos de soro. O cenário estava pronto: tínhamos juntado dois sofás que estavam num canto da sala, e formamos um conjunto em forma de "U": um sofá de três lugares no centro e dois jogos de dois lugares nas laterais. Colocamos uma mesa de um lado e trouxemos flores. Dona Risoleta mudou um pouco o jeito das flores.

Eu, que só tinha visto o Presidente entrando e saindo do centro cirúrgico, falei pela primeira vez com ele desde a internação. "Como vai, Britto?", saudou-me. "Tudo bem, Presidente. Como vai o senhor? Vamos lhe incomodar um pouco", disse-lhe. Ele parecia mais pálido, cansado e um pouco inchado. O Gervásio Batista se emocionou muito ao vê-lo, e não se cansava de repetir: "Mas, meu Presidente, que bom lhe ver, meu Presidente. Mas que bom!". O dr. Tancredo se acomodou no sofá do centro, a enfermeira colocou os dois frascos de soro no chão, atrás do sofá, e saiu de cena. Nós já tínhamos definido o lugar onde cada um sentaria: o dr. Resende Alves, o decano da equipe, no sofá junto como Presidente e dona Risoleta, Renault e Pinheiro à esquerda e Pinotti e Gustavo à direita.

P – Tiveram o cuidado de não colocar Pinotti e Pinheiro lado a lado?

Britto – Fizemos a marcação dos lugares e Gervásio fez a medição de luz para os três tipos de filme que usaria: preto e branco, cor e

Pág 99

cromo. Dona Risoleta não queria sair na primeira foto, mas nós insistimos. Eu, preocupado com o tempo, pedia para Gervásio andar logo com o serviço. Mas Gervásio, como todo bom fotógrafo, exigia: "Mais, só mais uma". E quem se mostrava mais tranquilo era o dr. Tancredo, que parecia estar gostando: "Fiquem calmos. Façam o trabalho de vocês". Ele conversava com o dr. Resende, ao seu lado, explicando: "Isso é assim mesmo. Demora um pouco. Eles são muito cuidadosos". E Gervásio insistia: "Só um minuto, Presidente".

P – Por que o Presidente é o menos sorridente na foto?

Britto – Não sei, mas ele não chegou lá sorrindo. Ele não estava com o humor habitual dele, é evidente que não. Mas ele estava bem, e passou um bom tempo conversando com dona Risoleta e o dr. Resende.

P – E por que todos riam na hora da foto?

Britto – Eu acho que era um momento alegre, um momento simbólico, apesar de todas as dificuldades. Depois é que não deu certo. Mas não havia nenhum indício, naquele momento, de que não fosse dar certo. Fica muito fácil ouvir essa história depois. Se eu soubesse que ia ter uma hemorragia seis horas depois, eu não pediria para bater foto.

P – Ele não tinha hemorragia, neste momento?

Britto – É evidente que não

P – Evidente por quê?

Britto – Porque em nenhum momento houve isso.

Pág 100

p – Ele não sangrava durante as fotos?

Britto – Claro que não, porque isso seria supor que ali havia nove criminosos.

P – Não necessariamente. Ele poderia estar sangrando sem o conhecimento de vocês...

Britto – Poderia. Agora, como se descobriria isso? A sessão de fotos durou uns 10, 12 minutos. Depois disso ele voltou, de cadeira de rodas, para o quarto. Aí, então, coloquei em marcha a operação

"Eu estava numa guerra há dez dias para convencer as pessoas até de que o Presidente estava vivo"

secreta que havia montado para revelar os filmes. Eu temia que alguém furasse a divulgação, o que causaria um grande constrangimento Peguei três pessoas – Gervásio e meus dois adjuntos, Murilo Portugal e Pedro Luis Rodrigues –, dei um carro e um segurança do palácio para cada um e mandei-os para lugares diferentes. Pedrinho foi para a EBN, com os filmes preto-e-branco e com instrução de ficar dentro do laboratório o tempo todo e trazer o filme inteiro, não deixando que o laboratorista cortasse o filme. Gervásio foi, com a mesma recomendação para o laboratório do Ministério do Interior revelar os cromos. E Murilo seguiu para a Kodak com os filmes coloridos. Fizeram uma cópia de cada foto e voltaram para o hospital. Fizemos uma pré-seleção, dona Risoleta e eu. Tomei o cuidado de pegar todas as fotos que não seriam usadas, cortar os negativos e entregar a dona Risoleta. Seleccionados os negativos, eles voltaram para os três laboratórios para serem ampliados e copiados. Às 16h, eu estava

Pág 101

com uma coleção completa de nove fotos do Presidente, em cor e preto e branco.

Eu lembro que foi um momento bonito da gente. No meu caso, havia outra emoção: eu estava numa guerra, há dez dias, para convencer as pessoas, em certos casos, até de que o Presidente estava vivo. E a última foto do presidente vivo é a foto de um Tancredo digno. Eu experimentava um sentimento estranho, caminhando pelo corredor, rumo ao auditório da imprensa, com o envelope das fotos bem apertado debaixo do braço. Eu andava sozinho, daquela vez, o que era algo difícil... Sempre tinha alguém me assediando. Uma coisa que me angustiava muito é que eu era um sujeito muito sozinho naquela história. Para a imprensa e para o país, era a única pessoa conhecida daquele mundo fechado. E para o mundo fechado da família e dos médicos, era uma das poucas pessoas que entendia o que era a imprensa, a opinião pública. Me sentia muito sozinho. E aquele ato de carregar as fotos, em minha mente, aparecia como se estivesse ligando, aproximando esses dois mundos.

Quando cheguei na ponta do corredor, foi uma loucura. Não era eu que

estava chegando – eram as fotos. Os repórteres saíram numa correria infernal, rumo ao auditório. Já estava todo mundo a postos para entrar em cadeia nacional. No momento em que abri o envelope e mostrei as fotos, me vi emocionado, extremamente aliviado. Olhei para aquelas fotos como se aquilo fosse um símbolo de sorte. Pensava comigo: "Vamos ver se, a partir de agora, as coisas andam". Uma foto era uma coisa concreta. Achava que iria passar o sufoco. Lembro que os fotógrafos ficaram muito irritados comigo, queriam que eu mostrasse as fotos para eles. Mas, naquela hora, queria mostrar as fotos para o país. E eu sabia onde estavam as câmeras de televisão. Fiz sinal com a mão para os fotógrafos, para que aguardassem

"O país mergulhou no otimismo, às 16h 30m, e nós caímos no desespero a partir daí. Era brutal a coincidência"

Pág 102

um pouco. Dei algumas entrevistas e subi correndo. E aconteceu uma coisa terrível...

P – O que foi?

Britto – Entrei no elevador, já passava das 17h, e encontrei Pinheiro. Ele estava com uma cara de quem tinha acabado de tomar um banho e, além do banho, um grande susto. Estava muito assustado. Eu já conhecia bem a sua cara de susto. Eu estava ainda excitado pelo auditório e disse para ele, assim meio ingenuamente: "Olha, acabei de mostrar as fotos... O senhor não quer ver?". Ele não queria: "Não posso ver agora. Estamos com um problema sério", disse, com a voz tensa. Gelei. Quer dizer: a minha alegria pelas fotos não chegou a durar cinco minutos. Chegamos ao segundo andar, ele saiu do elevador e fui atrás.

Enquanto estava divulgando as fotos, lá embaixo, ali pelas 16h 30m, o médico plantonista da UTI, dr. Borges, notou que o Presidente estava com uma hemorragia digestiva baixa. Gustavo foi avisado e chamou Pinheiro em casa. Gustavo desceu assustado. Quando descia, encontrou uma repórter que, emocionada pelas fotos, pedia-lhe uma entrevista sobre o dia em que o Presidente tomaria posse. O choque entre as duas realidades colocou Gustavo em parafuso: o país mergulhou no otimismo, às 16h 30m, e nós caímos no desespero a partir daí. Era brutal a coincidência.

Pinotti tinha voltado a falar numa alta em cinco dias, e marcou-se nova reunião para apagar o incêndio, no início da noite. Participariam os médicos e os Ministros Francisco Dornelles, José Hugo e Ivan Souza Mendes, chefe do SNI. Enquanto as fotos estavam sendo reveladas, eu procurava um local discreto no hospital, junto com Gustavo e o Capitão Pimenta. Acabamos escolhendo a antiga biblioteca, no 4º andar, quase em frente à suíte do Presidente. Com o susto da hemorragia, a reunião aconteceu na sala de Aloísio Franca, na UTI. O Ministro José Hugo voltou a indagar: "Os senhores podem garantir que dia vai ser a alta? Não? Então, parem de falar nisso". Pinotti expli-

Pág 103

"Renault propôs: 'Acho bom levar para S.Paulo'. 'Está certo', diz Pinotti, surpreso com a boa notícia"

cou que se referia à alta clínica, ou seja, quando o paciente sobe da UTI para o quarto de recuperação. José Hugo ensinou: "Para o povo, alta é alta. Alta é quando sai. Então, não se fala mais nisso." O Ministro encerrou: "Detesto esse negócio de alta, até porque nós nem estamos falando nesse problema da hemorragia que surgiu. É uma razão a mais para não se falar em alta."

Aquele sangramento era uma coisa que preocupava mas não assustava. Podia ser simplesmente stress emocional. Mas podia também ser uma coisa terrível, o início de um processo de hemorragia. Foi dado um alerta para que os médicos que faziam colonoscopia (exame interno do intestino com uma sonda) ficassem de prontidão. As 20h 30m, quando terminava a reunião com os Ministros, o Presidente sofreu uma nova perda de sangue.

Pág 104

10. O Vôo sem Volta

P – O Presidente Sarney, acompanhado de Ulysses Guimarães esteve no HDB às 19h. Era por cusa da hemorragia?

Britto – Não, ele nem sabia do problema. Ele esteve com a família, apenas, e não foi informado. Quando ele deixava o hospital, pedi a um assessor para ter uma palavrinha com o Presidente, a sós. De pé, andando no corredor, falei: "Presidente, quero lhe pedir licença para comunicar algo que considero muito importante: está surgindo um problema aí. Houve uma ocorrência de perda de sangue. Pode ser stress emocional, pode ser uma série de coisas, mas também pode ser algo muito grave". O Presidente ficou emocionado, me agradeceu a informação e continuou andando, tenso.

Chamaram os médicos para fazer a colonoscopia. Era meia-noite e a perda de sangue se tornava mais freqüente. O Presidente recebeu uma nova transfusão de sangue, enquanto os médicos decidiam pela realização de uma arteriografia. O dr. Resende Alves, até então

Pág 105

sempre calmo, mostrava-se já muito nervoso. Nesse momento chegaram Tancredo Augusto e Aécio dizendo que, se houvesse necessidade de outros exames, realizados apenas em São Paulo, eles já tinham o avião da Presidência à disposição. Renault então propôs: "Acho bom levar para São Paulo". Todo mundo concordou com a transferência e Renault informou Pinotti, que naquele momento cuidava do Presidente. "Hein, está bem, está certo", disse Pinotti, um pouco surpreso pela boa notícia. Pinotti disparou telefonemas para o Governador Montoro e a dra. Angelita Gama para colocar o Instituto do Coração (INCOR) a postos.

"Eu, na verdade, entrei no avião achando que o Dr. Tancredo iria morrer naquele dia"

Fui acordado em casa, às 4h da madrugada, por um segurança acionado pelo Aécio. Não levei um susto porque já estava mais ou menos prevendo isso. Tinha chegado à conclusão que não era mais questão de hemorragia. Era uma questão de insegurança em relação ao hospital, ao clima em Brasília. Peguei minha mala e saí, disparado.

P – Na noite de 14 de março, você entrou no carro com a Constituição no bolso. Nessa madrugada do dia 26, você carregava uma mala. Qual era a diferença?

Britto – Na véspera da posse, estava todo mundo preparado para participar de uma festa e começar a trabalhar no dia seguinte. E adiaram a festa. Nesta madrugada da viagem para São Paulo, estava saindo para o desconhecido. Minha única certeza é que era a viagem para o desespero, talvez para a morte. Na noite anterior, quando a gente sabia que as coisas iam mal, o

realista, me avisou: "Estamos descendo a ladeira. E acho que ele não sai dessa".

Cheguei, o hospital estava estranhamente calmo por fora, entreguei minha mala para um rapaz da segurança e corri para o 2º andar. Um grupo de médicos trabalhava o Presidente, Pinheiro e Renault tinham ido em casa pegar roupas, as bagagens estavam sendo fechadas no 4º andar. Tratei de convocar o meu pessoal para me ajudar em São Paulo. O General Ivan providenciava o avião, Gustavo cuidava da ambulância. O dr. Tancredo, que dormia, ainda não sabia de nada. Ele foi acordado, às 5h, pelo dr. Resende e avisado de que iria para São Paulo. Vi o General Ivan perguntando para o Gustavo: "Porque ir para São Paulo?". Gustavo disse aquilo que eu achava: Eu acho que, acima de tudo, General, não há mais condições emocionais da equipe para ele ser tratado aqui. São Paulo vai dar melhores condições para isso". O General Ivan se convenceu: "Então não se discute mais"

Ali pelas 6h 25m, saiu a comitiva rumo à base aérea. Datilografamos correndo o boletim e, no portão do hospital, o pessoal da Globo me parou para uma entrevista. Eu estava extremamente tenso e nervoso. Não conseguia respirar. Aquele boletim foi a coisa mais difícil que eu tinha lido na minha vida.

Chegamos na base aérea pensando em como organizar as coisas em São Paulo. Lembro de gente perguntando "cadê minha mala, cadê minha mala" – e estava com a mala na mão. A equipe médica subiu com o Presidente, pela porta da frente, junto com a família. O resto, eu, o pessoal da segurança, os médicos, subimos pela porta traseira do Boeing da Presidência. Eu, na verdade, entrei no avião achando que o dr. Tancredo iria morrer naquele dia.

Quando o avião estava pronto para decolar, as pessoas já se acomodando, entrou um padioleiro do HDB e me disse: "Eu preciso levar a maca de volta". Irritado com aquele zelo natural do sujeito, eu o despachei: "Diga que a maca foi para São Paulo". Decolamos às 7h. Quando o avião saiu do chão, senti uma coisa ruim no estômago. Olhei para Brasília, lá embaixo, e tive a certeza de que não voltaríamos. Fiquei pensando que naquela terça-feira o país acordaria sem entender mais nada – o confronto entre a foto dele nos jornais e a cena

Pág 107

terrível da maca subindo as escadas do avião. Fiquei com aquele sentimento de ódio com o destino. Passei a ter ódio de tudo aquilo: o melhor dia passou a ser o pior dia. Comecei a pensar naquele aeroporto de São Paulo, na loucura que ia ser. Senti uma coisa apertada, doída, dentro do peito.

P – O Presidente estava aonde?

Britto – O avião tinha dois compartimentos, separados por uma porta. O dr. Tancredo estava na maca, na parte da frente, acompanhado pelos drs. Pollara e Tarcísio. Dona Risoleta, as filhas, Tancredo Augusto e Aécio sentaram ali, ao lado dele. Nós ficamos na parte de trás. Na minha frente sentaram Renault e Pinheiro. Do meu lado direito ficaram Pinotti e Resende. Sentei ao lado do Pedrinho, do Murilo. Mais atrás vinha o pessoal da segurança, de apoio e de co-

"A polícia de prontidão, a multidão de fotógrafos, câmeras de TV. A maca descendo as escadas. Exatamente a cena que eu temia"

municações. Eram umas 40 pessoas no total. Logo que o avião levantou, fui

conversar com Pinotti e Resende para saber como seria em São Paulo. Pinotti me explicou que faria exames, assim que chegasse, para localizar o ponto de sangramento. Fizemos uma reunião, cuidando de questões como bagagem, hotel, lista de quem viajava. Aí lembrei que, naquela mesma manhã, o Presidente Figueiredo estaria fazendo um exame de rotina no INCOR. Pelo rádio do Boeing, a segurança localizou a assessoria do Presidente Figueiredo e propôs uma mudança de horário.

Tudo tinha sido improvisado, mas estava funcionando.

Pág 108

Num certo momento, levantei e fui lá na frente. Aécio estava atirado na poltrona, angustiado, passando a mão pelo rosto, os olhos fechados. A maioria das pessoas estava sem dormir. Sentei e falei para Aécio e Tancredo Augusto: "Gente, chegou a hora na qual vocês têm a obrigação de ser apenas neto e filho. Cuidem da dor de vocês, cuidem da dor e da preocupação da mãe de vocês, da avó de vocês. Sejam netos e filhos, que a gente faz o resto. Aécio, assumo que você é neto de um doente, não do Presidente. Cuide disso, só."

A gente estava ali muito junto, num clima fraternal, aproximados pela dor. Dona Risoleta descansava um pouco, naquela hora, e de longe o dr. Pollara, que atendia o Presidente, me fez o sinal de "Ok" com o polegar. Quando começamos a descer, pouco antes de chegar a São Paulo, enfrentamos um pouco de turbulência. E o Presidente, então, acordou, perguntando o que era. O primo Aluísio, a seu lado, o tranqüilizou. O avião rolou na pista e eu vi,

ao lado da pista, aquele monte de carros. Vi o Governador Montoro, o Delegado Romeu Tuma, a polícia de prontidão, a multidão de fotógrafos, câmeras de TV. A maca descendo as escadas do avião, exatamente aquela cena que eu temia. O repórter Clóvis Rossi, da "Folha de S. Paulo", me gritava, do alto de uma varanda onde se concentrava a imprensa: "Britto... E daí?". Fiz o sinal de "calma" para ele. O dia 14 tinha sido um dia de tumulto com preocupação. Agora, era tumulto com angústia. Atravessamos a pista e entramos no primeiro Opala preto que apareceu. Sentei atrás, com o Renato (da Secretaria de Imprensa) e o Tenente Vieira (da segurança). Na frente iam o motorista e um segurança, que mandou: "Toca! Toca!" O motorista enfiou a mão na buzina e saiu manobrando, em meio àquele engarrafamento normal das manhãs, em São Paulo. Com a mão para fora, a gente fazia sinal, pedindo para abrir espaço na rua. As pessoas nos identificavam, entendiam e cediam a rua. Assim fomos chegando próximos ao INCOR. A mais ou menos 1 quilômetro do hospital, já havia barreiras impedindo o trânsito para facilitar a chegada da comitiva. E fomos vítimas disso, pois nenhum carro mais andava. Descemos e fizemos correndo o resto do percurso. O Tenente, muito melhor preparado do que eu e Renato, tomou a dianteira e nos deixou para

Pág 109

trás. Parecia que aquele quilômetro não acabava mais. Cheguei ao hospital com o coração na mão – pela corrida e pelo Presidente.

Enquanto corria, lembrava que o dr. Tancredo tinha chegado ao Hospital de Base, em Brasília, discretamente, sozinho, sem o povo. E durante todos aqueles dias, a gente não teve contato com a emoção do povo brasileiro, a não ser pelos jornais e pela televisão. Chegar em São Paulo e ver todo aquele povo na rua, em silêncio, deu um nó na garganta. As pessoas estavam quietas e dona Maria do Carmo, filha do Presidente, ainda emocionada pela mudez respeitosa do povo da maior cidade brasileira, me observava: "Essa cidade fez silêncio, Britto. Essa cidade fez silêncio." Só mesmo São Paulo para dar essa dimensão do drama que a gente vivia.

P – O Presidente foi direto para a sala de cirurgia?

Britto – Não. Ele foi levado para o subsolo, para fazer a cintilografia, enquanto a família subia para o apartamento no 8º andar, exatamente ao lado do paciente Carlos Ferro, que tinha acabado de vencer a guerra do transplante do coração. O que predominava naquele apartamento, onde a família recebia o Governador Montoro e dona Lucy, Orestes Quércia, Mario Covas, era o silêncio pesado, tenso. Dona Risoleta ficou sentada ao lado de dona Lucy, enquanto os exames prosseguiram lá embaixo. Uma coisa que chamou atenção, logo, é que dez ou quinze minutos após nossa chegada o esquema de segurança já estava montado. Só entrava pessoal autorizado. Logo aprontaram duas salas e, uma hora depois, instalavam a sala de imprensa no auditório do Centro de Convenções Rebouças. Isso tudo tranquilizava um pouco, muito embora todos soubessem que a terceira cirurgia, se não iminente, era provável. Aí comecei a aplicar as lições de Brasília: descer para informar com frequência ainda maior em momentos de tensão, dando o maior número de detalhes. Esta batalha já estava ganha, dentro do Governo e entre os médicos. O outro jeito tinha dado tão errado que, naturalmente, se passaria a proceder de maneira diferente. Estreei fazendo uma minuta, bem detalhada, comunicando a internação do Presidente.

PÁG 110

"Anunciada a terceira operação, o dr. Tancredo reagiu. 'Mas eu estou tão cansado...'"

Pouco depois das 10h da manhã, assisti uma cena que provocaria minha grande explosão de emoção, nesse caso. O Presidente estava numa sala semi-circular, rodeado de máquinas que faziam os exames para localizar a hemorragia. Vi o Presidente, pelo vidro, cercado de médicos que o examinavam. Fora, no corredor, havia outra roda de médicos, onde não conhecia ninguém, absortos numa discussão técnica sobre a questão essencial daquele momento: opera ou não opera? Encostei no grupo e ouvi alguém argumentar: "Isso é perda de tempo, o problema não vai ser resolvido por aí. E a cirurgia fica, a cada momento, mais difícil." Outro médico sustentou o contrário, achando que se devia evitar a operação. Passaram-se alguns minutos e o médico que tinha ido lá dentro, avaliar a evolução do tratamento, retornou sacudindo a cabeça, com um certo ar de derrota. Ninguém precisou falar nada – a discussão cessou e o grupo se dispersou naturalmente, cada médico tratando de tomar a sua providência para a cirurgia inevitável. Quando vi aquelas pessoas agindo, me dei conta de que ninguém tinha avisado, ainda, a família. Já se sabia da previsão de uma possível cirurgia, mas não havia confirmação – nem para dona Risoleta, nem para o Presidente. Procurei o dr. Resende Alves, que estava um pouco distante, e alertei: "Professor, acho que já decidiram a cirurgia". Ele retrucou: "Era inevitável...". Continuei: "Pois é, mas acho que mais uma vez o senhor vai ter que avisar o dr. Tancredo e dona Risoleta". Subimos, dona Risoleta foi informada, e depois descemos ao subsolo, para avisar o Presidente. Quando Resende Alves anunciou a terceira operação, o dr. Tancredo reagiu: "Mas eu estou tão cansado...". Estava na hora de procurar os jornalistas para anunciar a cirurgia antes que ela começasse. Eu tinha ficado por ali, conversando um pouco no corredor com Pinotti, Resende e Aluizio Neves, o primo do Presidente. Pinotti mostrava como era raro um caso desses, onde as dificuldades se somavam sucessivamente, tornan-

Pág 111

do a situação mais complicada. Depois, tomou o caminho da sala cirúrgica. Fiquei ali, preparando a minuta do anúncio da operação, aprovada pelo dr. Resende. Quando saía do centro, vi o Presidente passar na maca, em direção à

sala de operações. Fiquei pensando naquele desabafo – "estou tão cansado" – , que era algo que arrebatava com a emoção da gente, e pela primeira vez me entreguei. Parei para chorar.

"Eu tinha três ou quatro minutos para mudar de cara. Não podia entrar em rede nacional de TV, chorando"

E desci para ler o boletim. Era uma coisa terrível, que poucos entendiam: eu tinha três ou quatro minutos para mudar de cara. De um lado, tinha que ter serenidade, não podia entrar em rede nacional de TV, chorando. Mas, de outro lado, eu não era artista, não podia descer lá britanicamente. Algumas vezes, no início, me criticavam achando que eu era um porta-voz emocionado... Mas, como é que se vive uma coisa dessas?

P – E como é que se faz para mudar de cara?

Britto – Não era mudar de cara. Era, simplesmente... Chorei um pouco no corredor, à entrada do centro cirúrgico do 2º andar. Parei para respirar fundo e me acalmar. Depois aprendi, nessas horas, a não tomar elevador, que sempre demora e te impacienta. Eu preferia descer pela escada, que era uma forma também de forçar a respiração e relaxar. Além disso, recebi a sugestão de sair pelos fundos do hospital, embarcar num carro, atravessar a rua e chegar ao auditório pelos fundos, nos dias especialmente agitados pela afluência popular. Mas descobri, de repente, que podia usar aquela espécie de desfile de

Pág 112

quase uma centena de metros entre a porta do hospital e a porta do auditório para tranquilizar as pessoas, para anunciar com minha presença que chegavam notícias. Eu queria dar um pouco de rotina nessa coisa tão maluca e imprevista que se vivia. E passei a dispensar o carro. Essa rotina acabou criando uma coisa emocionante: um cordão de proteção formado por meus colegas jornalistas. Era algo que me tocava fundo sentir aquele pessoal, homem ou mulher, me pegando pelo braço, passando a mão no cabelo, afagando, acariciando, procurando me transmitir força.

(Terça-feira, 26, 14h 05m. Abertos os pontos da segunda operação, descobre-se perto dali a artéria que sangrava. Pinotti extirpa um anel de 1 cm do intestino delgado. Artéria é ressecada. Pinotti usa agora fios de algodão, costurando as paredes mais internas do abdômen. Não fecha a ferida para permitir futuras drenagens. Operação dura 5h 20min.)

P – O boletim das 13h anunciou a terceira cirurgia uma hora antes de seu início. O esquema em São Paulo começava a funcionar melhor?

Britto – Depois desse boletim, quando subi, já encontrei o esquema mudado: a família tinha descido do 8º para o 4º andar, que era um setor de atendimentos especiais. Ali seria nossa base de operações pelos próximos 27 dias. Era um lugar muito simples, em forma de retângulo. Ao sair do elevador, caminhava-se por um longo corredor que levava a uma porta, onde colocaram um biombo, uma mesinha e dois seguranças, com uma lista elaborada por Mauro Salles com os nomes das pessoas com acesso autorizado. Do outro lado da porta, o corredor levava, à esquerda, a uma saleta com janela de vidro onde se instalou a central telefônica. Era ali que ficava o pessoal da PM de Minas, de estrita confiança do dr. Tancredo, que tinha a tarefa brutal de atender ligações do mundo inteiro. Entre eles, o Zeferino, moto-

"Olhávamos aquele povo lá em baixo, firme, rezando, acenando para nós, nos enchendo de força"

rista de Israel Pinheiro, figura histórica do Governo de Minas e que agora trabalhava com o dr. Tancredo. Era um diplomata, doce, suave, encarregado de missões impossíveis como, por exemplo, dizer para um Governador que não subisse. Do lado direito deste corredor, havia uma sala um pouco maior transformada em copa, onde sempre havia frutas, sanduíche, suco, café. No extremo do corredor, situava-se um salão grande, dividido por sofás em três ambientes. No canto esquerdo ficava o aparelho de televisão. Os vinte lugares do salão foram ampliados, mais tarde, para acomodar 40 pessoas sentadas. O salão abria, do lado esquerdo, para três quartos pequenos e simples onde se revezavam, dona Risoleta, os filhos e dona Tita, uma pessoa discreta, que caminha e fala suavemente e que passou 24 horas por dia ali, solidária a dona Risoleta, sua cunhada. Do lado direito do salão, ficavam três quatinhos reservados para serviços: um com mesinhas para almoçar e jantar, outro com uma TV onde ficávamos eu, Mauro Salles e o pessoal da segurança, e um terceiro quarto que abrigava os cinco telefones diretos do local, ligados com o Presidente Sarney, o dr. Ulysses, o Governador Montoro, o Palácio dos Bandeirantes e o auditório do Centro de Convenções. Todo esse salão ocupava um canto do 4º andar do hospital, que abria para um varandão que circunda todo o prédio.

P – Onde a família era fotografada?

Britto – Ali acabou sendo um lugar importante, pois era o lugar onde se caminhava para descontraír, chorar, conversar, desabafar. Ali fora é que se discutia e avaliava o andamento do caso, enquanto olhávamos aquele povo lá embaixo, firme, rezando, acenando para nós, nos enchendo de força. O nosso problema, como sempre, era o

Pág 114

"Tinha gente que esperava a hora do boletim para pegar uma carona da audiência da TV"

acesso, apesar de ter sido destinado um livro para atender às autoridades no térreo e uma outra sala para recepcioná-las no 2º andar. Era um inferno ficar administrando, de cinco em cinco minutos, o número de gente que queria subir. Havia ordens rigorosas de Tancredo Augusto para não subir ninguém. Ali no quarto andar só entrava Ministro e Governador, e mesmo assim em horário limitado, das quatro às cinco da tarde. A família estava envolvida em outras necessidades, e Tancredo Augusto me pediu que divulgasse publicamente estas restrições, para ver se coagia um pouco os visitantes. Depois se criou outro problema: todo mundo queria dar entrevista no auditório do Centro de Convenções. Tinha gente que esperava a hora do boletim e aí se oferecia para ir junto comigo, para pegar uma carona na audiência da TV. E o que nós queríamos era consagrar aquilo como um local de informação oficial, apenas.

P – Ninguém podia subir ali?

Britto – Ninguém. Só o porta-voz e, num caso extremo, o Governador Montoro, que era o anfitrião. Dramático era ver alguém, que não tinha estado com a família, com o médico, que não subia e não sabia de nada, descer e largar versões inacreditáveis sobre o caso. Infelizmente, ali também tinha se restabelecido aquele concurso de "papagaio de pirata". Um dia, estava

assistindo à TV e vi um sujeito de branco dando uma ampla e minuciosa entrevista na porta do hospital. Descrevia tudo: o que acontecia, o que não acontecia. Diabo, nunca tinha visto aquele médico ali dentro! Aí chamei um médico da equipe do dr. Pinotti, que estava por perto, e ele me confirmou que o sujeito não era do hospital. Ele se dizia gastroenterologista, não tinha chegado nem perto dos médicos que atendiam o Presidente e termi-

Pág 115

nava anunciando as fases de recuperação do dr. Tancredo. Um jornalista tentou justificar a atenção dada a este indivíduo, alegando: "Vocês não dão informação com frequência e a gente tem que acreditar, às vezes, em quem não devia". Isso era um exagero. Não é possível dar informação de hora em hora. Esta exposição permanente acabou gerando aquele "pátio dos milagres" armado diante do Instituto do Coração, onde se via profissionais de conduta respeitável ao lado de exemplares vivos do mais puro exibicionismo, que às vezes descambava para o mercantilismo. Um "picareta" estendeu, diante do hospital, uma faixa sugerindo a homeopatia para a cura do Presidente – evidentemente com os remédios da linha de produtos que ele fabricava. Havia pessoas que chegavam ali cedo, angustiadas, e passavam o dia ali, sinceramente preocupadas com o dr. Tancredo, rezando incessantemente. Mas também tinha uma senhora que só tinha crise de choro quando acendia a luz de alguma equipe de televisão. No escuro ela era calma. Aos poucos, entre os próprios jornalistas, criou-se a consciência de não dar espaço mais para este tipo de oportunismo. Era uma coisa curiosa. Formou-se ali uma estranha comunidade de rua, onde ninguém tinha casa, sala ou cadeira. Tinha uma mulatinha, muito esperta, que vendia seu produto adaptado ao meio: "Café ao vivo, café ao vivo", gritava ela. No dia seguinte, ela descobriu outra fórmula: "Café, café, a bebida do porta-voz".

"Passadas algumas horas em S. Paulo, o sentimento geral era um só: 'Porque não viemos para cá antes?'"

Pág 116

11. A Fé no Milagre

P – Mas, em termos do hospital, a situação tinha melhorado bastante em relação a Brasília não?

Britto – Passadas as primeiras horas em São Paulo, ficou claro para todo mundo que o hospital estava ou era organizado para estas circunstâncias. Tudo ali fluía melhor. O sentimento geral, naquelas primeiras horas, era um só: "Puxa, por que não viemos para cá antes?" Pouco depois da cirurgia, eu lembro de Pinotti andando pelo hospital e mostrando para nós, orgulhoso, a assepsia, a limpeza, aqueles batalhões de gente de branco circulando por corredores imaculados... Isso era ainda mais intenso na UTI, no 3º andar, onde fiou o Presidente. A gente abria a porta do vestiário masculino, cheio de armários de metal, e dali tirava os uniformes para ingressar na unidade. Logo na entrada, tinha uma salinha de médicos onde eram depositados os relatórios de cada paciente. Era um cubículo, em forma de triângulo, com uma sofá para três pessoas. Ali ficou sendo nossa

Pág 117

sala de reuniões e de redação. Dali em diante começava a UTI, de fato – compartimentos de 3m x 4m, cada um, dotados dos equipamentos para atender quase 40 pessoas, individualmente. No canto esquerdo desta imensa

sala de UTI foram colocados biombos, um segurança devidamente paramentado com jaleco e sapatilha e a cama do dr. Tancredo. Uns dois ou três dias depois da chegada do Presidente, o pessoal do hospital, sem que ninguém pedisse, pendurou no vidro da porta que dava acesso ao quarto da UTI um daqueles cartazes do "Muda Brasil", com o verde-amarelo e o sorriso característico do dr. Tancredo. Naquele branco asséptico do hospital, aquele cartaz político e colorido era uma imagem que me impressionava.

"Havia o tumor, a hemorragia, sempre coisas decisivas. A partir dessa quarta-feira, a infecção passou a ser uma palavra chave"

E não esqueço o dia em que esperava o elevador, quando subitamente saiu uma maca com um doente do interior da UTI. Parou ao meu lado e me cumprimentou: "Tenham fé. Eu também cheguei aqui muito mal e estou saindo dessa". Era um empresário que tinha se recuperado a partir de uma cirurgia no coração e que estava finalmente subindo para a sala de recuperação do 8º andar. Justamente o sonho de todos nós em relação ao Presidente.

P – Mas a terceira operação era mais um pesadelo?

Britto – O dr. Resende comunicou à família que essa cirurgia seria difícil. Ele deixou o quadro bem claro: era uma situação complicada. Seguiu-se o silêncio e enquanto a operação evoluía, a gente via

Pág 118

as pessoas formando pequenas duplas e dando voltas e voltas em torno daquele varandão. Nesse momento, uma parte da família estava por perto da TV ligada e viu o dr. Ulysses dizer, no momento em que o Presidente estava sendo operado: "Os homens passam e as instituições ficam". Claro que a frase tinha um componente de realismo, no sentido de que a cirurgia era extremamente problemática, e talvez o dr. Tancredo não sobrevivesse a ela, mas dita daquele jeito foi muito infeliz. A família reagiu imediatamente, indignada: "Puxa, dizer isso logo agora?"

(Sarney visita Tancredo, às 10h 30m no Incor. Tancredo, pelo vidro, aponta a barriga e faz sinal de "ok").

P – No boletim das 11h 30m da manhã seguinte, quarta-feira, surge pela primeira vez o fantasma da infecção.

Britto – Nos primeiros dez dias, naquele período de Brasília, o tema da infecção nunca foi colocado como uma razão que levasse ao que levou. Podia ser uma coisa importante, mas era ainda um problema secundário. Havia o tumor, a hemorragia, sempre coisas mais decisivas. A partir dessa quarta-feira, a "infecção" passou a ser uma palavra fundamental. Depois dessa cirurgia, entrou no esquema a equipe do professor Vicente Amaro Neto, um homem de temperamento tenso e nervoso, que dizia sempre: "A pior briga é a minha" – identificar o inimigo que ele não sabia qual era, quantos eram, nem onde estavam. E começou aquela guerra sem fim: testes permanentes, a equipe dele crescendo, virando dia e noite em exames de laboratório naquela busca angustiante para identificar a bactéria. Na fase de recuperação da terceira cirurgia, começou a ficar claro na cabeça das pessoas que o problema era a infecção.

Pág 119

P – Havia algo no ar, além das bactérias: os boatos.

Britto – O que era terrível, sobre nós, era a pressão pela definição: todos ali dentro querendo descobrir o que acontecia e as pessoas lá fora supondo que nós sabíamos e não queríamos contar. Eu recebi um telefonema patético do Senador José Fragelli, Presidente do Senado, que me ligou de seu gabinete, cercado de senadores, implorando: "Pelo amor de Deus, Britto, o que está acontecendo?". E eu dizia que estávamos em dificuldades. Mas, na verdade, o que as pessoas queriam saber era outra coisa: o que é que vai acontecer? E eu não tinha o que responder.

P – Desse momento em diante, você começou a enfatizar que o Presidente era um homem de 75 anos, que tinha passado por três operações em doze dias. Era uma preparação para o pior?

Britto – Nesse dia me ocorreu o seguinte raciocínio: se o Presidente se recupera e vai para o Palácio do Planalto, ninguém terá nada a explicar. Teremos festa em tudo que é canto. Milagre você não explica, comemora. Eu fiz essa frase para mim, depois repeti para os

"Eu acho que os boletins de Brasília causaram grandes desserviços"

médicos. Mas havia outra possibilidade concreta. E o que se fazia para ela? Aí eu lembrei que estávamos numa "corrida de obstáculos": o fato de ter sobrevivido e vencido essas oito horas não dava nenhuma garantia sobre as próximas oito horas. Então, era preciso ter uma estratégia de comunicação e passei a caracterizar bem que eu falava só sobre aquele momento, sempre lembrando que havia dificuldades sérias.

Pág 120

P – Ao meio-dia dessa quarta-feira, você apareceu na TV e disse: "Daqui a algum tempo, o dr. Tancredo Neves estará no seu lugar, o Palácio do Planalto, construindo a Nova República, que hoje já não é mais desejo nem determinação da opinião pública. É obstinação dos brasileiros." Por que o discurso?

Britto – Havia muitas etapas a vencer. Mas, de outro lado, havia pessoas que estavam matando e enterrando o Presidente quando ainda havia esperanças.

P – Que pessoas?

Britto – Uma parte da imprensa já não acreditava mais e ainda não era hora de não acreditar. Eu insistia: a situação é grave, é difícil, existem dificuldades, mas precisamos ter esperanças, lutar. Eu acho que os boletins de Brasília causaram grandes desserviços. Desserviço ao Governo, porque estabeleceu uma confusão política neste país para ninguém botar defeito. Desserviço aos médicos que, se fossem mais explícitos e detalhados, teriam preservado sua credibilidade. E desserviço a imprensa e ao meu trabalho, porque ficamos enredados numa situação viciada. Nosso ponto de partida era de que o boletim não servia de ponto de partida para conversa nenhuma. Em São Paulo, as coisas clarearam. O boletim era mais detalhado e a imprensa passou a acreditar mais nele. Além do boletim, passei a ter conversas informais com os jornalistas, duas, três vezes por dia. Dava uma média de três horas diárias de conversa fechada, sem gravador, sem microfone. E passei a dar, também, muitas entrevistas gravadas procurando manter a esperança, mas evitando que ela aumentasse demais.

P – E como achar o tom exato?

Britto – Comecei a me sentir numa gangorra. Quando havia esperança demais, tentava jogar a gangorra para baixo. Quando ti-

Pág 121

nha esperança de menos, jogava para cima. Era uma coisa complicada porque a família, mais do que eu ou qualquer outra pessoa, queria que o Presidente ficasse bom. Um dia, a família ficou revoltada porque a imprensa, apesar das notícias boas, chamava atenção para os riscos e problemas. Peguei o Aécio e o Tancredo Augusto, na varanda, e tentei explicar: "Gente, nós não vamos precisar explicar nada se tudo isso der certo. O que nós precisamos é ter a opinião pública preparada para a outra hipótese".

"Os médicos passaram a ser meus informantes. Aos poucos conseguimos quebrar aquele gelo"

P – E eles aceitavam?

Britto – Claro. As pessoas cometem uma injustiça com eles. Esquecem que eles estavam ali como família: era o pai deles, o avô deles, o marido. Não é possível esperar atitudes políticas, racionais, definidas, frias da parte deles, quando o dr. Tancredo está doente. Não é possível ser olímpico quando o pai, o marido está no hospital. Tinha que haver a emoção.

P – Os médicos entendiam essa emoção com o caso?

Britto – Eu estava sentado na salinha da UTI, um dia, quando chegou o dr. Rui Gomide do Amaral e me pediu: "Você que é jornalista, me explica: que loucura é esta lá embaixo?". Ele se referia ao excesso de informações que, a juízo dele, cercava a doença do Presidente. "Mas existe um país todo interessado nisso", eu dizia. E brincava: "Esse é um problema econômico, não jornalístico. Há uma grande

Pág 122

"Nos reunimos na sala da UTI para fazer o boletim e o Pinotti me fez a observação de que deveria ficar só o nome dele"

demanda por este produto. As pessoas querem este produto. Agora, nós é que temos que escolher: ou vamos colocar o nosso produto e ocupar nosso espaço no mercado ou vamos sair da disputa e deixar o lugar para qualquer produto sem qualidade. Pode aparecer um sujeito, lá embaixo, dizendo o que sabe e o que não sabe. Temos que ir para lá levando informação e informação. A única vacina contra boato é informação", expliquei. "E é por isso que eu chateio tanto vocês, perguntando tantos detalhes". Aos poucos apareceu na cabeça dos médicos a importância, que eu sempre destacava, de não se ficar limitado aos boletins. Era preciso dar outras informações. Às vezes, sentados para fazer o boletim, um deles dizia: "Ah, isso é bom para Britto dizer lá embaixo" – e eu anotava. Detalhes do tipo: andou, não andou, falou, escreveu bilhete. Os médicos passaram a ser meus informantes. Aos poucos conseguimos quebrar aquele gelo. Desapareceram as inibições e, à medida que as dificuldades foram crescendo, começamos a ficar cada vez mais juntos.

Pág 123

P – Mas o dr. Pinotti, por exemplo, pensava o contrário. Na quinta-feira, dia 28, ele assinou o boletim sozinho.

Britto – O boletim é sempre responsabilidade do clínico, pelo que fui informado. O clínico do Presidente, em Brasília, era Renault. A partir de São Paulo, o primeiro boletim, do dia 26, trazia o nome de Pinotti na frente, como responsável. Até que, na manhã desta quinta-feira, nos reunimos na sala da UTI, às 9h, para fazer o boletim e Pinotti me fez a observação de que deveria ficar só o nome dele, como responsável.

P – Você não estranhou?

Britto – Eu observei que isso causaria uma polêmica danada, pois haveria uma única leitura: Pinheiro e Renault não estavam mais

Pág 124

em São Paulo e o dr. Resende estava afastado. Pinotti insistiu que era um hábito da Faculdade e que assinaria só por uma questão de responsabilidade legal. Ele dizia que, do jeito que estava, não parecia que ele chefiava a equipe, mas apenas fazia parte de uma lista de médicos. Eu desci e li o boletim. A imprensa estava acostumada que eu desse a data, o horário e os nomes dos médicos. Li só o nome de Pinotti e disse "muito obrigado", como sempre encerrava o boletim. Foi batata: desci e fui cercado pelo pessoal, que estranhava: "o Pinheiro? o Renault?". Eu dei a explicação que Pinotti havia me dado.

"A gente já estava com tanta guerra pela frente e vou ter que explicar esse negócio de Professor Doutor, Doutor Professor"

Subi e conversei com Aécio, com Tancredo Augusto, para contar que tínhamos uma nova dificuldade. Aí o dr. Resende ponderou com Pinotti e encontraram uma fórmula pela qual se colocava, no cabeçalho do boletim, que a equipe médica era chefiada pelo professor Pinotti. No final, depois da assinatura de Pinotti, reapareciam os nomes dos outros, neste segundo boletim. E aí, quando desci, me cobraram o inverso: por que voltou?... A gente perdia muito tempo com essas histórias. Então expliquei que ele, como chefe e anfitrião, havia gentilmente solicitado que os outros médicos continuassem assinando. No dia seguinte, outro problema: Pinotti me chamou, notou que eu talvez desconhecesse a estrutura da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e do Hospital das Clínicas, e disse que ali havia dois tipos de médicos. Os médicos, evidentemente, são todos doutores, mas havia aqueles que, tendo feito concurso, ganharam o direito de serem chamados de professores. Era o caso dele. Ele

Pág 125

havia feito concurso, tinha passado na cadeira de Cirurgia do Aparelho Digestivo, e desde então a forma correta de tratamento era Professor Doutor. Era assim que rezava o estatuto da Universidade e assim deveria ser feito. A partir de determinado momento, eu aprendia um pouco mais como é que funciona a cabeça das pessoas. E tinha que atuar como bombeiro, para não brigar por coisas assim. Só fiz uma observação: "Não conheço o regimento da Universidade, não vou discutir isso. Só que dessa forma parecerá um pouco pedante." Isso me criava outra dificuldade, também: Resende e Pinheiro eram professores, mas Renault não. A gente já estava com tanta guerra pela frente, pensei, e vou ter que descer e explicar esse negócio de Professor Doutor, Doutor Professor. Para provar que não era pedante, Pinotti invocou o

testemunho do dr. Guilherme Rodrigues da Cunha, superintendente do Hospital das Clínicas...

P – Professor Doutor...?

Britto – Não sei, acho que era Professor também. Na sexta-feira, à noite, quando passava pelo vestiário da UTI, encontrei Pinheiro e Renault trocando de roupa. Pinheiro me abraçou e disse: "É, Britto, acho que acabou o que a gente tinha que fazer por aqui". Estava visivelmente triste, abatido. "A gente já fez tudo o que podia. Agora o pessoal aí continua tocando. A equipe é muito competente. Está na hora de irmos embora." Eu procurei falar alguma coisa consoladora, tipo "você precisam ficar". Mas eles haviam acertado uma carona com o General Ivan, que retornaria no sábado para Brasília. No sábado, dia 30, o boletim da tarde saiu assinado apenas pelos Professores Doutores Pinotti e Resende.

P – O Presidente, nas horas seguintes, parece viver uma trégua, sem maiores sobressaltos.

Britto – Nós não víamos nada, aparentemente, agravando-se.

Pág 126

Na verdade, sabe-se hoje, a situação estava estagnada – e isso era uma derrota. O fato de não ganhar do inimigo constituía uma derrota, o fato de não ter sofrido nenhum revés evidente naquelas horas parecia uma vitória. A taxa de leucócitos diminuía, o processo infeccioso parecia contido, ele tinha voltado

a fazer exercícios e a se alimentar por via oral. Os dias que se seguiram à terceira cirurgia, até o outro domingo, dia 30, foram praticamente neutros.

"Quando cheguei à UTI dr. Ivan Ceconelo me avisou: é a 'coisa' de novo"

P – O Presidente estava melhor humorado?

Britto – Os médicos se mostravam impressionados com a tendência do dr. Tancredo de, sempre que podia, fazer uma brincadeira, uma ironia. Quando oferecem a cama de areia, quando pergunta ao enfermeiro que acabou de lhe fazer a barba: "Quanto lhe devo?". Um dia a enfermeira-chefe da UTI comentou comigo a questão da dignidade permanente do Presidente, que jamais perdia a postura do estadista, que chamava a todos sempre de "senhor" e "senhora". Esta postura digna e respeitosa convivia com sua atitude carinhosa para com as pessoas. Ele era próximo e distante, ao mesmo tempo. Um sujeito superior pela inteligência e pelo comportamento, dr. Tancredo nunca saiu do patamar da austeridade, ao mesmo tempo que estabelecia uma cumplicidade pela força do riso, da ironia, do humor.

Pág 127

13. A "Coisa"

(Batida cardíaca sobe de 86 para 105 por minuto. A pressão arterial passa de 14 por 8 para 17 por 9. A frequência respiratória aumenta de 14 para 32. A temperatura sobe de 36,6 para 37,6.)

P – Acendeu-se o sinal amarelo, às 15h da sexta-feira, dia 29: dispara coração, pressão arterial, frequência respiratória e volta a febre. Antes de

esgotar o prazo de 72 horas do risco pós-operatório, o Presidente vive 5 horas de preocupação. O que era?

Britto – Quando cheguei na UTI, encontrei o dr. Ivan Cecconello, que me avisou: "É a coisa, de novo...". O que ele chamava de coisa era a crise de bacteriemia, a prova de que o processo infeccioso ganhava força. Nesses momentos o Presidente passava a respirar com dificuldade, a frequência cardíaca subia, a temperatura se elevava,
Pág 128

ele suava frio. Era a coisa, o sinal de que a infecção estava ali. Ele passava 10, 12, 24 horas sem febre, sem alterações cardíacas. E, de repente, lá vinha ela de novo., a coisa. Os médicos me explicavam que não há como perceber se a infecção acabou ou não, a não ser pela falta de suas manifestações. O dr. Amato enfrentava a sua guerra de guerrilha. Toda vez que surgia uma crise dessas, a gente sabia que era sinal de processo infeccioso forte e, se era forte, era porque o controle de antibióticos não estava dando resultados. Ou a bactéria era resistente demais ou era uma nova bactéria. A gente sabia que o inimigo estava ali, mas não sabia onde. Era uma guerra no escuro, terrível, angustiante.

P – Nasceu aí a suspeita de que era possível perder a guerra?

Britto – Dava para perceber as pessoas de novo tensas e preocupadas. Quebrara-se aquela corrente de otimismo, isso era claro. Tudo o que se fazia, todos os medicamentos que se dava ao Presidente eram paliativos para ajudar o organismo, enquanto se ganhava tempo para o verdadeiro combate – a identificação das bactérias. E todos dependiam, aí, o dr. Amato. A chave da vitória estava em suas

"Não é só o dr. Tancredo que está na UTI; é o Brasil inteiro que está na UTI"

mãos. Nesse dia eu me dei conta não de que perderíamos a guerra, mas de qual era a guerra: o Presidente tinha um processo infeccioso que vinha de antes da primeira operação. Essa infecção resistiu a três cirurgias, persistia por mais de 15 dias e estava tão presente, naquela sexta-feira, como no primeiro dia. A partir daquele dia fiquei mais triste, emocionalmente mais abalado, mas racionalmente mais seguro. Agora eu entendia o que estava acontecendo. E o país mergulhou
Pág 129

na neurose da febre. Todo dia, a pergunta dos jornalistas era sempre a mesma: e a temperatura? O Presidente entra num período que o dr. Resende define como "equilíbrio instável". Equilíbrio porque, neste momento, não acontece nada de novo que agrave a sua situação. Instável porque pode se romper de uma hora para outra.

P – E se rompia para pior?

Britto – A doença do Presidente não tinha uma linha reta. Na média, ela sempre andou na mesma direção – para baixo. Se imaginarmos um grande gráfico, feito de hora em hora, é claro que o Presidente tem momentos melhores. Mas a linha geral é descendente.

P – O gráfico era constante. Por que, então, o país pulava do otimismo para o desânimo?

Britto – Um dia o dr. Pollara me procurou com um jornal na mão que trazia uma manchete otimista, falando na recuperação do Presidente: "Britto, é uma loucura o que esse pessoal está dizendo aí. O negócio está muito complicado, difícil, e é mais provável que não aconteça. Por que o otimismo?". Eu tentei dar uma explicação:

"Não é só o dr. Tancredo que está hospitalizado na UTI. O Brasil inteiro está na UTI." E num país assim qualquer aceno, não digo nem de melhora, mas de não-piora, já é motivo para um otimismo que às vezes vinha do nada. A ausência de notícia ruim chegou a gerar otimismo. Uma vez, quando ia para o hospital, ouvia no rádio do táxi um radialista de São Paulo proclamando:

"Pessoal, faz cinco horas que não acontece nada. O tratamento do Presidente vai dar certo, tem que dar certo". E isso era um erro. Não era um jogo de xadrez – o país estava envolvido com a emoção.

Às vezes, havia espaço também para coisas cômicas. No dia em que o Presidente marchou para sua quarta cirurgia, no dia 2, entrei na nossa salinha da UTI, no meio daquela loucura, procurando al-

Pág 130

guém para desabafar. Encontrei ali um sujeito de branco, cara de japonês, que não parava de sorrir para mim. E eu, quase chorando, explodi: "É um absurdo, esta coisa toda! Que sofrimento.., não dá mais para agüentar." E o tal médico, que eu não conhecia, só respondia: "Sim, sim, sim". Na terceira vez que ele me respondeu assim, saí dali, irritado, e fui conversar com uma enfermeira, para me acalmar um pouco. E me queixei: "Ainda pego um japonês pela frente que só sabe dizer sim, sim...". A enfermeira deu uma risada e me explicou: "Mas ele é japonês. Chegou há uma semana ao Brasil, está fazendo um estagio aqui no hospital e não sabe mais do que meia dúzia de palavras em português."

"Eu sei que você tem dificuldade para dizer a verdade lá embaixo, mas me diga aqui, ele ainda está vivo?"

Por isso, quando encontrei, certa vez, duas moças sentadas naquela salinha da UTI, fiquei quieto – não as conhecia e notei que Pinotti, ao chegar para fazer o boletim, fez questão que elas permanecessem na sala. Depois eu vim a saber que eram duas psicólogas, da equipe de Pinotti, que davam apoio psicológico a ele e aos médicos de sua equipe. Isto é: elas discutiam com a equipe, do ponto de vista psicológico, a conduta a ser adotada em relação à família, aos médicos, muito mais que ao dr. Tancredo. Passavam o dia inteiro lá conversando, ouvindo, avaliando. Lembrando delas e de suas conversas com ele, eu hoje entendo o dr. Pinotti muito mais como um médico experiente do que um otimista por temperamento. Ao longo desse tempo todo, ele fazia aquele jogo de otimismo com a gente, com a família, com os assessores, muito mais por uma necessidade política do que por convicção. É aquele principio do general no campo de batalha – ele é sempre o último a se entregar.

Pág 131

Eu entendia essa posição. Nessa época, início de abril, próximo da Semana Santa, eu ficava sentado diante da TV, na hora do jornal, e aparecia aquela série de missas, uma atrás da outra, uma choradeira atrás da outra. Será que eu não tinha compromisso nenhum com essas pessoas, também? Eu achava que tinha.

P – Que compromisso?

Britto – Eu achava que precisava dizer para esses milhões de pessoas que estavam ali, chorando, rezando, torcendo, que lá dentro ainda havia esperança. Que valia a pena ter esperança. Nem tanto pela possibilidade daquilo dar certo, mas para poder enfrentar aqueles dias. Eu levei um susto, um dia, quando um senhor com roupa de vendedor, no trajeto entre o hospital e o auditório, me pegou forte pelo braço e falou: "Britto, eu sei que você tem dificuldade para dizer a verdade lá embaixo. Mas, me diga aqui, como é que ele está? Ele ainda está vivo?"

"O bichinho oportunista podia não estar mais ali. O que sobrava era a impotência"

De Brasília para São Paulo, tinha mudado bastante a atitude das pessoas. A atitude inicial de pena, pelo fato do Presidente não ter tomado posse, cedeu lugar à esperança, naquela fase já mais religiosa em que as dificuldades crescentes arrastam as pessoas para a oração. Tudo isso cede lugar ao desespero, na terceira fase, quando as pessoas já tinham a dolorosa certeza de que não ia dar certo. Um dia desses, quando descia do elevador com meu adjunto, Pedro Luiz Rodrigues, eu confessei: "Pedrinho, sabe o que mais me dói, o que mais me cansa? Ser o porta-voz da impotência..."

Pág 132

P – A mesma impotência que sentia o dr. Amato?

Britto – Era a coisa mais difícil de entender. A caça do dr. Amato às bactérias era a coisa mais complicada de tudo. Dava exatamente esse sentimento de que não iria adiantar nada, mesmo. Recordo o dia em que ele voltou do laboratório e contou: "Tenho uma grande novidade. Descobrimos qual é o agente bacteriano". Era dois dias antes da quarta cirurgia. Aí eu pensei: "Ótimo, agora vai". Só que a realidade era outra. O bichinho oportunista, descoberto pelo dr. Amato, podia não estar mais ali, presente. Ele não era o único e, seguramente, haveria outros, dezenas de outros. E eles estavam se transformando, tornando-se cada vez mais imunes pela própria ação dos antibióticos. Então, na verdade, o que sobrava era a impotência. O momento era de impotência. Foi quando surgiu uma expressão um pouco pesada, até grosseira, mas que simbolizava bem no que havia se transformado o organismo do Presidente: um zoológico. Os médicos descobriam uma bactéria mas havia outras 30 por descobrir. Na segunda-feira, dia 19, esse processo começou a se agravar. Quando cheguei ao INCOR, na manhã de terça-feira, havia uma boataria danada: vai ter operação. Eu disse que não tinha se cogitado disso. Essa é uma hora muito infeliz para um porta-voz. Se o processo infeccioso continua evoluindo, é claro que eu sabia que, acontecendo três ou quatro coisas mais, poderia acontecer a cirurgia. Só que, às 7h da manhã, nada disso havia acontecido. E a operação não estava em pauta.

P – Mas Brasília já lidava com ela.

Britto – Quando se passava informações para o Governo, em Brasília, não se relatava apenas o que estava ocorrendo. Nós éramos obrigados a fazer um exercício de especulação. As conversas da segunda-feira à noite com o Presidente Sarney e os Ministros do SNI e da Casa Civil foram nesse sentido: se a infecção continuar assim, será feito um novo exame, que poderá localizar um foco, que poderá determinar uma cirurgia. Este tipo de avaliação vazava em Brasília e rea-

Pág 133

limentava São Paulo. Quando os jornalistas me pressionavam, ali, eu não podia confirmar uma cirurgia que não estava marcada. A cirurgia, como os próprios jornais noticiaram, foi discutida entre 11h e 12h da manhã. Esse é o problema do porta-voz diante da especulação: será que eu devia ter falado em cirurgia, quando ela era apenas uma possibilidade? Eu devia ter alimentado a hipótese? Achei e continuo achando que não.

Quando almoçava no restaurante do Caesar Park, com dois jornalistas, Aécio me chamou a um canto e me avisou: "Não fala nada, mas está praticamente tomada a decisão da cirurgia. Vá assim que puder para o hospital." Voltei para a mesa, disse para os jornalistas que haveria novidade importante até a tarde, e voltei correndo para o hospital. Ai cometemos um erro grave de comunicação. Entre a decisão de fazer a cirurgia e a sua realização, houve nesse dia uma série de preparativos.

P – Que horas foi isso?

Britto – A decisão foi consumada ali pelas 13h, mas a operação começou às 15h 20m. Nesse intervalo, o preparo dos médicos, um chamando o outro, aquela movimentação normal alimentou a boataria que já existia. E Brasília, pela primeira vez no episódio, soube da operação antes que eu descesse para anunciá-la oficialmente. Isso me criou um enorme problema, porque os jornalistas que estavam na porta do hospital acabaram sendo furados pela notícia da cirurgia pelos repórteres de Brasília. Aí aconteceu de tudo. Uma rádio da Argentina deu a informação antes que qualquer emissora brasileira: ela foi ouvida em São Paulo e no Rio Grande do Sul e a confusão ficou maior. O pessoal da imprensa ficou muito irritado, tivemos uma discussão forte, um pouco tensa, mas admiti a falha.

(Quarta cirurgia, terça-feira, 2 de abril. Tancredo recebe anestesia peridural (imóvel do peito aos pés). Aberta incisão de 10cm, Pinotti viu que secreção do 1º corte escorrera
Pág 134

para o abdômen e se depositou no saco de uma hérnia de 40 anos. A alça do intestino, presa ao músculo da hérnia, foi liberada e reconduzida ao seu lugar, eliminando a obstrução intestinal.)
Pág 135

14. A Semana do Medo

P – Afinal, por que a cirurgia?

Britto – Enquanto se lutava contra a infecção, o dr. Tancredo começou a se queixar de uma dor do lado esquerdo do abdômen, que ele tinha por hábito pressionar com a mão. Era uma hérnia, que ele sempre teve e que o surpreendeu, quando o dr. Resende comunicou que ela era a causa da quarta operação: "Puxa vida! Eu me dou bem com essa hérnia há 40 anos", reclamou. Ele tinha se queixado de muitas dores, na madrugada, um exame mostrou que a hérnia estava encarcerada. O Presidente foi levado para o Centro Cirúrgico,

"Estava se caracterizando um martírio. Havia aquela religiosidade. A fé das pessoas"
Pág 136

que é um conjunto de sete salas, formando um semicírculo com uma grande mesa no centro e largas janelas de vidro que permitem a visão. Do corredor do Centro Cirúrgico, eu via a movimentação dos médicos lá dentro, embora não visse o dr. Tancredo. Subitamente, dr. Pinotti, que operava, provocou uma grande manifestação lá dentro. Pouco depois, saiu de lá dr. Bruno Zilberstein, me dizendo: "Olha, localizaram um tremendo foco infeccioso, junto da hérnia...".

P – E isso era grave?

Britto – Quando eu desci para informar a imprensa, a avaliação dos médicos definia esta cirurgiazinha como de brincadeira. Tinha havido uma boa reação à anestesia peridural, a operação era uma cirurgia menor e, para realimentar o otimismo, tinha-se descoberto o primeiro foco infeccioso. Estava-se caçando este foco e, no meio de uma operação de hérnia, descobre-se o diabo do foco. Quando Pinotti saiu do Centro Cirúrgico, ele comemorou: "Seu Britto, não imagina, achamos o foco. Agora acho que vai. Agora vai". Até o dr. Resende ficou animado.

"O Presidente podia ressuscitar no Domingo de Páscoa ou morrer na Sexta-Feira da Paixão"

P – Apesar da Semana Santa?

Britto – O fato da quarta cirurgia coincidir com a Semana Santa começou a complicar muito a cabeça de todo mundo. Estava se ca-

Pág 137

racterizando, visivelmente, um martírio, e havia aquela religiosidade, a fé das pessoas. O fato de ser Semana Santa tornou o clima mais pesado. Tanto a idéia da recuperação, que levava à salvação, quanto a idéia do agravamento, que levaria à morte, identificava o dr. Tancredo com o martírio de Cristo. Numa conversa como Capitão Pimenta da segurança presidencial, ele, assustado, falou no que todos temiam: "Já imaginou, Britto, na Sexta-Feira Santa?". As pessoas começavam a ter medo do calendário. Começou a pesar muito, em todos nós, a simultaneidade das coisas, o paralelismo. O Presidente podia ressuscitar no Domingo de Páscoa ou morrer na Sexta-Feira da Paixão. A gente estava mexendo com um fenômeno de difícil definição, num país onde 1.000 pessoas rezavam permanentemente na porta do hospital. O episódio era politicamente complicado, clinicamente absurdo. E ganhava agora um componente místico-religioso. No meio daquela semana perdi um pouco a serenidade para analisar aquilo racionalmente. Uma semana depois, eu estava no hotel, tomando uma cerveja com Frei Betto, um homem extremamente inteligente, que deu um apoio psicológico fundamental a todos nós, e comentei com ele aquela semana terrível: "Frei Betto, lembra daquela história toda do dr. Tancredo morrer na Sexta-Feira Santa? Pois é, passou. Mas, já pensou se ele morrer no 21 de abril?". Frei Betto arrepiou: "E só o que falta!". Faltavam 10 dias para o fim.

"O dr. Tancredo, cansado, esgotado, triste, reage: 'Doutor, chega, me tirem desta máquina'"

P – O Presidente dava sinais de que percebia isso?

Britto – A imagem que me ficou, nesse drama, é a de uma luz que vai se apagando, pouco a pouco. Do começo até o fim, seguindo

"A gente começava a perder dr. Tancredo"

o relato dos médicos, a gente consegue definir quatro fases distintas do dr. Tancredo. Na primeira, é o dr. Tancredo que não quer se operar, resiste, é operado mas insiste em sair logo e assumir seu posto no Planalto, pergunta pelo Presidente Sarney, indaga pelo Ministério, pelo país. Na segunda, o dr. Tancredo é um paciente mais cordato, que reage como ser humano, preocupado com a dor, com o seu estado de saúde, que pensa mais em São João del Rey do que no Brasil, que se volta para si e para Deus. Na terceira, o dr. Tancredo, cansado, esgotado, triste pela consciência de seu estado, reage, como no dia 2, ao exame de cintilografia, com uma frase significativa: "Doutor, chega, me tirem desta máquina". Na quarta e última fase, já não é o dr. Tancredo que o país aprendeu a admirar pela vivacidade, pelo brilho, pelo olhar esperto: o dr. Tancredo está sedado, imobilizado, calado, impossibilitado de falar, incapaz de um simples gesto, o olhar apagado. Um dia Aécio saiu da UTI, já na terceira fase, depois da quinta cirurgia, e me disse chorando que não tinha mais encontrado aqueles olhos vivos do dr. Tancredo Neves. Quase na mesma época, o dr. Rui Gomide do Amaral veio da UTI até mim, sacudindo a cabeça, desconsolado. Eu perguntei o que havia: "Ele está com cara de perdedor, Britto". Aquilo me marcou muito: estas pessoas que têm experiência de UTI, ou seja, de vida e de morte, costumam dizer que, num determinado momento, o paciente assume a feição de quem vai perder para a doença. É uma coisa meio mágica, um instante em que muda a cor da pele, apaga o brilho dos olhos, murcha a vida, quase numa preparação para a morte. Nesta quarta-feira, dia 3, resolveram colocar em volta da sala onde estava o dr. Tancredo alguns lençóis, cobrindo as janelas, para evitar a curiosidade alheia e diminuir a intensidade de luz. Foi uma coisa simbólica: cheguei de manhã, vi aquilo e levei um susto. Aquilo marcou, para mim, a idéia do isolamento, da imagem que começava a se apagar. A gente começava a perder o dr. Tancredo.

Pág 139

(Saldo de 18 dias de internação: 4 cirurgias, 19h 50min na mesa de operações, três anestésias gerais, 30cm de corte na barriga, três laparostomia, duas sondas, bacteriemia, secreções nas fendas e nos pulmões, tosse, febre, alterações cardíacas e respiratórias, dores no abdômen, vômito, anemia, um tumor extirpado e 1cm a menos do intestino delgado.)

P – A derrota começou a se definir na quinta-feira, dia 4, com a quinta cirurgia?

Britto – Quando cheguei ao hospital, de manhã, os plantonistas me disseram que tinha havido sucessivas crises de bacteriemia. Eles conseguiam dobrar a crise reduzindo a temperatura, diminuindo a frequência cardíaca, controlando o coração à base de drogas. Levavam 30 a 40 minutos naquilo, chegavam a sair suados dali.

(Quinta operação, quinta-feira, 4 de abril. Na incisão do lado esquerdo frontal, Pinotti tirou material purulento. No flanco do abdômen, na outra incisão, retirou mais material e mais denso. No total, quase meio copo de pus.)

P – Desta vez, você anunciou a 5ª cirurgia antes que ela começasse.

Britto – Quando o Presidente desceu para o subsolo, para realizar os exames de ultra-sonografia e cintilografia que confirmaram dois novos focos no

abdômen, desci junto. Enquanto era feito este trabalho, conversava com dr. Bruno no corredor. As pessoas das salas próximas, excitadas, apareciam nas portas para tentar ver a passagem do Presidente pelo corredor do subsolo. Eu e o Major Fourreaux, da

Pág 140

"Pela primeira vez eu vi Pinotti com o rosto abatido. Tinha desaparecido aquele olhar triunfal"

segurança, saímos de porta em porta pedindo que as pessoas fechassem as portas, não olhassem, para preservar a privacidade do Presidente. Comecei a me sentir mal. Um médico cardiologista passou por ali e me levou para o pronto-socorro. Minha pressão estava altíssima, 18 por 14, me deram um comprimido e um calmante. Desci de novo e os exames tinham constatado a existência dos novos focos. Estava definida a 5ª cirurgia.

Eu, ainda me sentindo mal, com o pulso acelerado e sob efeito do calmante, subi para dar o boletim anunciando a nova operação. Eu não tinha mais forças, eu não queria ir, sentia uma revolta imensa por dentro. Aquele seria o pior boletim, pior do que o boletim da morte. Não suportava mais aquilo. Subi pelas escadas, para o exercício de respiração, mas continuava ruim. Me deu uma vontade imensa de ir embora, largar tudo... Pensei: "Vou embora, outro que pegue isso, não aguento mais". Pensava em ter que chegar lá, no auditório, mais uma vez com notícia ruim. Eu não tinha mais força para notícia ruim.

Li o boletim. Foi mais ou menos como soltar uma bomba. Eu só via aquela correria de gente, e voltei para o hospital. Subi angustiado, carente, estava precisando de carinho de mãe... Foi o meu pior momento em toda esta história. Entrei na UTI, dr. Tancredo ainda não tinha subido, e deparei com os médicos se fardando para entrar no Centro Cirúrgico. Parecia um time de futebol se preparando no vestiário para adentrar o gramado. Eu tinha esta imagem na cabeça, e tratei de botar toda minha carência para fora: "Como é, gente, o time está entrando em campo? Vamos lá...", tentei animar. Aí que eu me dei conta do silêncio, todo mundo quieto, ar de derrota na cara. Só aí prestei atenção na cara de Pinotti: pela primeira vez vi Pinotti

Pág 141

com o rosto abatido. Tinha desaparecido aquele olhar triunfal, aquele sorriso empenado. Ele estava para baixo. Pegou minha mão e, em tom de súplica, pediu: "Torça por nós". E ficamos os dois, ali, de mãos dadas. Dr. Resende passou por mim, balançando a cabeça, desconsolado. Mais um elo da corrente de confiança se quebrava. Descobri que também para os médicos aquilo tinha passado da conta.

Tive, então, uma reação curiosa: resolvi que ia entrar no Centro Cirúrgico. Pela minha cabeça passava a idéia de que iria acontecer alguma coisa ali, naquela hora. Achei que o Presidente ia morrer, algo assim. Entrei na rouparia e pedi, para espanto do funcionário que trabalhava ali, as roupas esterilizadas. O sujeito me olhou, estranhando, mas me entregou o jaleco. Eu já estava ali há dez dias, ele podia ter achado que eu já fazia parte da equipe. Voltei ao vestiário de onde os médicos tinham saído e só então me dei conta da loucura que ia fazer. Eu estava.., eu tinha perdido todos os referenciais de comportamento – e comecei tudo de novo. Devolvi a roupa ao funcionário, que continuava sem entender nada, e subi de volta para o 4º andar. E esperei – fosse lá o que fosse.

"Nós começamos a sentir ali que o clima era de morte"

P – E como estava o ambiente lá em cima?

Britto – Esta foi a cirurgia mais sofrida, acompanhada com maior sofrimento. A família estava toda reunida, derrubada. É preciso ser franco: ninguém mais ali acreditava que o Presidente não iria morrer naquela quinta-feira. Começou a juntar gente. Lembro do seu Antonio, irmão do dr. Tancredo, sentado na cadeira, esmagado. Ninguém falava ali dentro. Aí o pessoal começou a recorrer à tradicional saída do varandão: começaram a se organizar em grupos de dois

Pág 142

ou três e andar por ali. A irmã Esther, ao lado de outra religiosa, andava para lá e para cá, com um rosário entre os dedos, rezando o terço. Fui para uma janela com Aécio, que repetia, inconformado: "Não é possível, não é possível". Foi uma conversa muito contra o Destino, de desabafo, o reconhecimento da perplexidade. Pouco depois, foi a minha vez de dar uma caminhada pela varanda do 4º andar. Caminhei ao lado de Frei Betto, mas não tive coragem de botar a cara sobre o parapeito e olhar aquele povo lá embaixo. Acho que naquele dia estava amadurecida a idéia de que a guerra estava perdida e todos nós, no fundo, parecíamos ter chegado ao ponto em que não nos restava nada mais senão esperar o anúncio da morte.

P – Nem a fé do lado de fora ajudava?

Britto – Aconteceu nesse dia algo terrível: a TV estava ligada e a gente, depois de cinco cirurgias, sabia realmente que as coisas estavam chegando ao fim. E nesse dia apareceram alguns políticos que falavam como se o dr. Tancredo já tivesse morrido. "O processo vai continuar, as instituições estão firmes", coisas do gênero. Isso foi um golpe porque estávamos recebendo, pela televisão, não a vida mas a morte do dr. Tancredo. Nós começamos a sentir ali que o clima do país era de morte, de perda do Presidente. E isso serviu para achatar ainda mais, esmagar todos nós. Até ali a gente procurava ânimo na rua, na fé do povo. Aquela coisa na TV, a rua derrubou a gente. Como nós, a rua também não acreditava mais. Nós estávamos certos. Isso foi terrível.

P – E a reação dos jornalistas?

Britto – A partir desta 5ª cirurgia, as coisas mudaram muito na relação com os jornalistas. Os jornalistas, os assessores, todos nós estávamos tão cansados, tão marcados, tão frustrados, tão entristecidos,

Pág 143

que acho que a gente foi se humanizando ao longo deste episódio. Eu recordo de algo que marca muito, para mim, esta diferença que nos tornou muito mais solidários. Quando descia para anunciar a primeira, a segunda, a terceira, a quarta cirurgia, os jornalistas reagiam basicamente querendo ter a primeira informação. Eles encostavam em mim, me faziam perguntas, queriam saber como seria o boletim. Neste dia da 5ª cirurgia, estreou uma condição nova: formou-se um corredor de silêncio que me protegeu em todo o percurso entre o hospital e o auditório. Os meus colegas jornalistas caminhavam comigo, em silêncio, alguns pegavam em minha mão, faziam um afago na cabeça, davam um tapinha nas costas. Os jornalistas, solidários, pela primeira vez abriam mão do direito e do dever de me fazerem perguntas. Não havia perguntas a fazer. Ninguém queria discutir se havia erro ou não, onde estava a verdade. Todos nós, naquele momento, éramos vítimas da mesma situação. Nós éramos cúmplices e, por isso, solidários. Aquilo tudo me tocou muito e subi as escadas do auditório chorando.

P – Mas a 5ª cirurgia chegou a ter um início promissor, não?

Britto – Foi. Localizados os dois abscessos, os médicos abriram e um dos focos de pus era tão grande que de novo se pensou na hipótese de que aquele fosse o foco que disseminava infecção pelo organismo do Presidente. Mas, na segunda parte da cirurgia, ele passou mal, ao ponto do anestesista Rui Gomide do Amaral, no final da cirurgia, me confessar: "Foi uma luta". Eu estava naquela função de pombo correio, desci e soube das complicações: "A coisa está ruim. O homem está tendo problemas sérios", me contou o dr. Zilberstein. Eu subi e contei para Tancredo Augusto.

Uma hora e meia depois do término da cirurgia, o Presidente entrou em estado de choque, que durou quase uma hora: a pressão foi quase a zero. O capelão Leocir Pessini, do Hospital das Clínicas, desceu à UTI e lhe ministrou a Extrema-Unção.

Pág 144

P – A família assistiu?

Britto – Toda a família desceu junto e rezou, ao lado do capelão, a Oração dos Enfermos. Eram umas oito ou nove pessoas, Frei Betto junto, em torno do leito do Presidente. Dona Risoleta ficou na cabeceira da cama. O Presidente já tinha saído do choque quando a família subiu de novo para o 4º andar. Era a hora da missa tradicional das 18h. Pouco antes, como todas as tardes, algumas freiras, junto como capelão e o Frei Betto, arrumavam o altar e os paramentos, viravam os sofás e formavam ali um pequeno auditório de uns 40 lugares. Nessa quinta-feira, o sermão era sobre a morte de Cristo, que seria consagrada no dia seguinte. Era a preparação da morte, e todas as palavras da liturgia exaltavam a idéia de que o sacrifício iria valer a pena, que essa era a vontade de Deus. Dona Risoleta, de joelhos na primeira fila, começou a chorar, outras pessoas caíram em prantos. Era uma maldita coincidência: na verdade, falava-se de uma morte e vivia-se outra. Viviam-se duas mortes. Nesse momento entrou no salão o dr. Aluizio Neves, que vinha com uma informação defasada que, na hora, parecia ser a mais recente: o Presidente está morrendo cochichou ele para algumas pessoas. Estabeleceu-se um tumulto, uma correria, e todo mundo desceu novamente para a UTI. Era um alarme falso. A missa ficou interrompida.

P – Você encerrou o boletim das 19h 30m dizendo que o Presidente "recupera-se da anestesia e está acordado". o povo, do lado de fora do auditório, irrompeu em aplausos.

Britto – Só jornalista entrava no auditório, devidamente crê-

"Voltei para o hospital sob aplausos. Na verdade, batiam palmas porque o Presidente não tinha morrido"

Pág 145

denciado, para evitar que algum maluco circulasse por ali e se atirasse diante de uma câmera de TV, numa transmissão em rede nacional. Aquele auditório tinha se transformado no estúdio da maior rede de TV da história do Brasil. Algumas emissoras tinham instalado monitores lá fora. E o pessoal ficava ali, ajoelhado, ouvindo a leitura dos boletins. Quando eu saía do auditório, tinha imediatamente o meu ibope particular: era só observar o jeito com que aquelas pessoas me recebiam. Nesse dia aconteceu isso: voltei para o hospital abaixo de aplausos, evidentemente uma coisa inadequada para o momento. Na verdade, eles batiam palmas pelo fato do Presidente não ter morrido.

No dia da crise da quinta-feira, na hora da cirurgia, quando eu sai para a varanda para dar uma caminhada, dei de cara, como sempre, com aquele balão enorme, bonito, proclamando no céu SAÚDE, PRESIDENTE! Nesta Quinta-Feira Santa, ele me chamou a atenção por um detalhe que não pude comentar com ninguém: o balão começou a esvaziar.

P – No domingo de Páscoa, dia 7 de abril, o Presidente acordou, cumprimentou os médicos com as mãos e fez sinais pedindo que retirassem o tubo orotraqueal, que lhe impedia a fala e incomodava. Mas quem falou, nesta manhã, foi dona Risoleta.

Britto –Eu tinha descido para conversar com os jornalistas. Era um clima de Páscoa: Roberto Dualibi, com a esposa, distribuía chocolates entre os repórteres, quando subitamente, ali pelas 11h, a TV dá um flash do hospital. Entra dona Risoleta no ar e se instala aquele silêncio emocionado no auditório. Eu estava mais próximo da TV, elevei ao máximo o volume do som e mais uma vez perdi o controle – comecei a chorar. Não era bem o conteúdo do que ela dizia, a sua reafirmação de fé, o agradecimento ao povo, mas o que impressionava era essa coisa mágica de um ser humano se expor a tanto sofrimento, tanto cansaço, demonstrando ao mesmo tempo tanta firmeza e tanta emoção. Eu não conseguia distinguir, naquele discurso, o que era mais fantástico: se era a capacidade de ser lúcida e firme, apesar do

Pág 146

sofrimento e do cansaço, ou se era a capacidade de se emocionar com a dor e transmitir emoção, sinceridade. Foi a coisa mais impressionante que já vi em televisão. Nunca vira ninguém falando daquele jeito. Quando terminou, mandei que a assessoria transcrevesse aquilo, na íntegra, para distribuir aos jornalistas, e passei a ter a preocupação de que isso fosse bem aproveitado no horário nobre do domingo. Conversei, para isso, com o pessoal da Globo e da Manchete.

P – Por que essa preocupação?

Britto – Primeiro porque era um momento inesquecível de televisão. E eu achava, também, que estava presente ali uma manifestação de agradecimento a milhões de pessoas que tinham feito coisas que a gente nem sabia pelo dr. Tancredo. Aquilo me gratificou, pagou o valor que aquilo teria para todas as pessoas que dedicaram um minuto para pensar no dr. Tancredo, pessoas que escreveram cartas, que vieram a pé de muito longe apenas para abanar à distancia para dona Risoleta. Ao mesmo tempo fiquei curioso em ver se essas televisões iriam dar a parte em que dona Risoleta fazia algumas críticas à imprensa. Quase nenhuma deu.

Neste período ficou difícil, novamente, trabalhar com os médicos. É uma dificuldade diferente. Objetivamente não havia mais aquelas divergências de diagnósticos ou sobre a necessidade de operar ou não. Todo mundo estava de acordo sobre o que acontecia. Só que o que estava acontecendo já não interessava aos jornalistas. Eles agora queriam saber, como todos nós, o que iria acontecer: vão descobrir ou não o remédio para a infecção? Isso mudou muito a nossa conversa. Ficou difícil nosso diálogo com os médicos porque havia filosofias diferentes em jogo. Pinotti, mesmo derrotado, mantinha sua atitude de otimismo: "Britto, nós vamos para o Palácio, tudo vai dar certo", insistia, dando a impressão de que falava muito mais para ele mesmo do que para mim.

Pág 147

15. O Começo do Fim

P – Apesar do otimismo, a terça-feira se destacou por uma nova cirurgia – a traqueostomia.

Britto – O dr. Tarcísio Brito, um dos médicos da equipe do Pinotti especializado em pulmões, tinha me confirmado que a sonda orotraqueal colocada na 4ª cirurgia não poderia ficar com o dr. Tancredo indefinidamente. Além de incômodo e de prejudicar a assepsia dos pulmões, o tubo abria a possibilidade de um novo foco de infecção. A traqueostomia estava prevista, para mais dia, menos dia. Não

"Na saída da UTI para o comunicado, eu me despedi: 'Bem, lá vou eu anunciar mais uma cirurgia'"

Pág 148

havia como fugir dela. A esperança é que, antes de trocar o tubo, o Presidente tivesse recuperado sua respiração normal. Mas ele continuava dependendo da respiração assistida. A cirurgia é tão simples que o dr. Tarcísio, preparando-se para entrar no Centro Cirúrgico, sentou comigo na sala da UTI e explicou: "Ela é chamada de cirurgia Bic – em caso de aperto, um estagiário de Medicina corta a garganta com uma tampa de caneta Bic e faz o corte necessário para a traqueostomia".

Era tão simples que, quando saía da UTI para comunicar à imprensa, me despedi: "Bem, lá vou eu anunciar mais uma cirurgia...". Aí um médico, não lembro se o Gomide do Amaral, me prendeu numa discussão amistosa sobre o caráter da traqueostomia: era ou não era uma cirurgia?

P – E era?

Britto – Chegamos à conclusão de que tudo que tem anestesia e incisão é cirurgia. O médico não achava isso porque, normalmente, a traqueostomia é uma intervenção que permite que, seis horas depois, o paciente tenha alta e cuide de sua vida. Nesse caso, porém, era um paciente especial numa circunstância especial. No boletim, inclusive, usei a palavra "incisão" em vez de

"cirurgia". Neste intervalo em que se discute se vai ou não ser realizada a traqueostomia, um médico me pegou no 4º andar e avisou: "Tem dois senhores querendo falar com urgência como senhor". Eram dois homens bem vestidos, com gravatinha e pastinha na mão. Estranhei que duas pessoas tivessem furado o cerco da segurança e atingido o corredor do 4º andar. Fiquei curioso: "O que é?". Um deles explicou: "Nós queremos dizer que é indispensável que o senhor diga o nome do nosso respirador artificial que emprestamos para o Presidente. É muito melhor que o senhor diga a marca da máquina que...". Antes que ele continuasse, cortei, controlando a raiva: "Nós não temos mais nada a conversar. Retirem-se...", e dei as costas. Voltei para o salão fazendo um comício indignado.

Pág 149

Desci para anunciar a traqueostomia e, quando apareço no alto da escada do auditório, descubro que minha cadeira, na mesa de boletins, está ocupada por um ex-Presidente. Jânio da Silva Quadros estava lá, dando uma longa entrevista. Ele não parava de falar e preferi aguardar sentado numa poltrona nas últimas filas do auditório. Eu não queria interromper um ex-Presidente. Esperei uns dez, quinze minutos até que os jornalistas deram a entender que o porta-voz estava ali para um comunicado importante. Elegante, dr. Jânio me

cedeu o lugar, sentou-se no auditório e assistiu à leitura do boletim anunciando a 6ª cirurgia – a traqueostomia.

"Na cirurgia mais simples o Presidente sofreu a pior reação de todas, o momento mais dramático"

P – Às 18h 20m, você anunciou o "pleno êxito" da operação. Só que o paciente passava mal, não?

Britto – O Presidente saiu da mesa de cirurgia e eu sentei com os jornalistas, para uma conversa absolutamente descontraída. Tinha ido tudo bem, realmente. Li um boletim longo, dando todas as razões da traqueostomia, e nossa conversa se esticou. Ao sair do auditório, ainda dei uma ou outra entrevista para rádio e TV. Subi e levei um susto: nesses 40 minutos que eu tinha ficado fora do hospital, tinha mudado tudo. Nesse dia ninguém assistiu à missa – a família inteira desceu para a UTI. Era uma nova crise aguda do Presidente. Quando desci no 4º andar, não encontrei ninguém. Perguntei para um segurança o que estava havendo. "Deu problema lá embaixo", resumiu. Voei para o 3º andar, pela escada, e era muito simples saber se as coisas estavam bem ou mal ali: bastava abrir a porta da escada que dava para o corredor e ali, em vez do segurança e do funcionário administrativo de praxe, amontoavam-se cinco, dez pessoas atraídas

Pág 150

pela movimentação das crises. O vestiário tinha muito mais médico e a salinha do boletim, onde não cabiam mais do que 5 pessoas, já abrigava três seguranças, assessores, gente da família...

P – Quando você abriu a porta, viu o quê?

Britto – Que era rolo grosso. Na cirurgia mais simples, ao ponto de se discutir se deveria ou não chamar de cirurgia, o Presidente sofreu a pior reação de todas. O momento mais dramático. Era, de novo, uma iminência de morte. Aécio saiu da UTI extremamente abalado, revoltado, e teve uma crise brutal de choro. O coração do Presidente disparou como nunca e exigiu um esforço danado dos médicos para controlar a situação. Aquela noite os médicos estavam tão aturdidos, tão agitados, que quase não deu para contar com eles para o boletim. E eu não podia fazer o boletim sem Pinotti e Resende – e eles não iam parar o que estavam fazendo para me atender. Quando era algo mais rotineiro, fazia o seguinte: rascunhava o texto, pegava um dos médicos da equipe, checava com ele e mandava para Pinotti dar uma revisada final. Mas nesse dia a situação estava tão complicada que acabei pegando o professor Guilherme, explicando: "Professor, nós temos que dar uma comunicação, o negócio lá embaixo já vazou..."

"Chegou a me passar o sentimento de que o Presidente tinha, na verdade, morrido e voltado da morte. O coração parou"

P – Vazou como?

Britto – A geografia do hospital permitia que qualquer sujeito

Pág 151

atento soubesse do estado de saúde do Presidente sem nunca ter passado perto dele ou sem nunca ter estudado Medicina. Todo mundo saía do seu turno de trabalho normalmente entre 19h e 20h e não chegava ninguém à noite. Se o pessoal não saía, não era por causa de nenhuma festinha – é porque estava

dando problema. De repente, começava a chegar um monte de gente.

P – Por que, no boletim das 21h 17m, você reduziu um estado de choque, que quase levou à morte, a uma simples "alteração cardiovascular"?

Britto – O boletim foi feito assim e eu não sabia do estado de choque. Fiquei sabendo mais tarde. O dr. Guilherme é que desceu, depois, e deu uma entrevista falando do estado de choque e do fato do Presidente ter tomado descarga elétrica para reanimar o coração. Depois que encontrei Pinotti e Resende, fiquei sabendo que tinha sido a maior luta. O dr. Tarcísio Brito chegou a me passar o sentimento de que o Presidente tinha, na verdade, morrido e voltado da morte. O coração parou. E o que não dava quase para entender é como que ele tinha conseguido voltar. Naquela hora, a enfermeira-chefe, uma morena simpática, de óculos, balbuciava: "O homem está morrendo, o homem está morrendo..."

A gente estava lá, naquele sufoco, vendo a luta dos médicos, a ameaça da morte do Presidente, aquela coisa toda, e subitamente, de mansinho, veio lá de baixo, da rua, um som de música coral. Apesar da beleza da melodia e da competência do coral, lembro que aquela música sacra criou um clima terrível lá dentro. Desci e dei o boletim das 21h com música sacra ao fundo.

Às 22h, liguei para o Palácio do Jaburu, em Brasília, e avisei o Presidente Sarney do agravamento do estado de saúde do dr. Tancredo. Quem geralmente fazia estes contatos com Brasília era o Mauro Salles, mas desta vez coube a mim. Cheguei a avançar um pouco o sinal, transmitindo ao Presidente a sensação de que a gente estava com o jogo perdido. O processo infeccioso, que ninguém segurava, a qualquer momento atacaria de novo. O Presidente Sarney ficou aba-

Pág 152

"Repeti para o Presidente Sarney que se acontecesse o milagre, a gente comemoraria. Mas era preciso estar preparado para o pior"

lado, disse algo como "que coisa! inacreditável!", agradeceu e desligou. Eu estava um pouco preocupado com o Presidente Sarney. Mauro Salles, que tinha o encargo de informar o Planalto e os ministros, teve uma política de comunicação corretíssima, contando absolutamente tudo – não se pode proteger o Presidente da República e seus ministros a não ser contando tudo. Mas tenho a impressão que os médicos, Pinotti principalmente, apostavam num quadro muito otimista, nas conversas com o Presidente e com o dr. Ulysses. Algumas vezes a gente era surpreendido por declarações vindas de Brasília muito acima da realidade. Um dia, próximo dessa 6ª cirurgia, vi o dr. Pinotti contar ao Presidente Sarney que estava esperançoso, que achava que ia resolver, que ia demorar mas o Presidente ia se recuperar. "Vamos salvar o Presidente", garantia Pinotti. Fiquei pensando no risco político e humano daquilo. Se o dr. Tancredo morresse 24 horas depois, o Presidente Sarney ia sofrer um choque, como ser humano. E ele precisaria entrar firme na Presidência, desde o início. Resolvi lhe telefonar.

P – Quando?

Britto – Era um domingo à noite, 14 de abril, uma semana antes da morte. Liguei para o Jaburu, pedi para falar com ele e disse: "Presidente, o sr. me desculpe estar lhe incomodando. Mas estou lhe ligando pelo seguinte...". E descrevi um pouco a sensação de que os médicos, para nos manterem pé, e também para se manterem de pé, estavam ainda acreditando no que a evidência já informava que não aconteceria mais. Repeti para o Presidente

aquele raciocínio de que,
Pág 153

se acontecesse o milagre, a gente comemoraria. Mas era preciso estar preparado para o pior. E a minha sensação era de que as coisas tinham terminado.

(Tancredo está ligado a 11 tubos no corpo, 4 eletrodos no tórax e cercado por 1 tonelada de equipamento. Recebe 50 medicamentos e nutrientes, entre antibióticos, vitaminas, aminoácidos, analgésicos.)

P – O Presidente sobreviveu à 7ª cirurgia, e aparece então a bio-energia.

(Sétima cirurgia, madrugada de sexta, 12 de abril. Laparostomia exploratória começa com incisão de 20cm, 2 a mais do que as três cirurgias anteriores. Três abscessos localizados e drenados. Reação do organismo: coração dispara e a pressão arterial sobe.)

Britto – Neste último fim de semana, antes do fim, a família, que é muito religiosa, passa a tentar outras alternativas. Neste domingo, dia 14, cheguei ao 4º andar e encontrei ali uma figura nova – um homem de jeito diferente, magro, de meia-idade, com uma malinha pequena na mão. Largou a malinha e veio se apresentar: era o Frei Ugolino, que trabalhava com energização e era amigo da Irmã Esther. Tinha feito curso na Alemanha e fazia muito sucesso no interior de Santa Catarina, seu Estado natal. Agora vivia praticamente escondido no interior de São Paulo, pois não conseguia atender a todos que o procuravam. Ele exibia o livro de uma alemão, com quem estudara, e que tinha a teoria da bio-energia. O tempo todo ele era uma figura fora de ritmo, do nosso ritmo: era extremamente calmo, voz pausada, e tentava nos convencer que sua técnica funcionava: "Se to-
Pág 154

dos acreditarem nisso, vai dar certo". Ele fazia um trabalho com a gente, didático. Comigo, por exemplo, pegou minhas mãos e mostrou como liberar as energias, a partir de algumas massagens, alguns toques. A dificuldade é que Pinotti não gostou dessa história. O hospital tinha algumas normas e ele não queria que ninguém entrasse na UTI, como desejava o Frei. Mas eu estava convencido do contrário. "Dr. Pinotti", lembrei, "admitindo que não faça mal ao dr. Tancredo, isso pode fazer bem à família, às pessoas que buscam uma saída desesperada". Frei Ugolino entrou na sala da UTI, fez o seu trabalho no Presidente, saiu e foi embora. Dois dias antes do fim, ele foi chamado de volta. Desta vez, ele nem chegou a ver o Presidente. Ficou lá em cima, ajudando muito mais a família.

P – Você já tratava, a esta altura, da rotina para anúncio da morte?

Britto – Uma reunião em Brasília, dias antes, já tinha definido que o porta-voz comunicaria a morte ao país e o Presidente Sarney, logo em seguida, entraria em cadeia nacional de rádio e TV para falar a Nação. Na terça-feira, dia 9, antes de sair do hotel, redigi o texto inicial da mensagem que eu pensava anexar ao anúncio da morte. Achava que, naquele momento, o país deveria ouvir também uma afirmação de fé em tudo aquilo que o dr. Tancredo representava. Li o texto para o Ministro José Hugo e Mauro Salles fez o mesmo com o General Ivan, pelo telefone. A partir daí, eu o trazia sempre comigo, no bolso de dentro do paletó. Este texto pesava pra diabo! Só quem sabia de sua existência, ali, eram Pedrinho e Mauro Salles. Era um segredo que se tinha de

manter sob o maior sigilo. Eu brincava com Pedrinho: "Já pensou se este negócio cai por aí?". Um dia, quando procurava um papel com telefones, tirei sem querer o texto da carteira e Pedrinho me advertiu: "Cuidado com ele". Estava muito nervoso e acabei passando o texto a Pedrinho, que se tornou seu guardião até o dia da morte.

No domingo, 14 de abril, nova crise de bacteriemia tornou o risco de morte ainda maior. Uma nova varredura, em busca de novos

Pág 155

focos, mostrou alguma coisa atrás dos rins. Na avaliação, os médicos concluem que, tendo chegado próxima aos rins, a infecção tornava impossível qualquer cirurgia. Ou, simplesmente, a 8ª cirurgia. Foi nesse dia que ouvi, pela primeira vez, falar em hipotermia. As 14h 35m de domingo, desci para dar um novo boletim, definindo o estado do Presidente como "delicado".

"O que estou querendo dizer e... dei uma pausa, pensei e resolvi dizer: o caso é praticamente irreversível"

P – Falava em "irreversível"?

Britto – Não. O número de jornalistas, desta vez, era tão grande que não cabia no auditório, que tinha capacidade para 150 pessoas. Então fizemos nossa conversa informa no hall do auditório. Foi nossa reunião mais importante, para efeito de opinião pública. Até aquele dia eu falava em estado delicado, sério, grave, mas jamais tinha admitido a hipótese de um quadro irreversível. Eu sempre falava das dificuldades, mas nunca tinha dado o caso como encerrado. Embora, há dois ou três dias, tivesse aumentado o número de médicos que considerava o Presidente como um paciente terminal. Naquele domingo, sem falar nem consultar ninguém, fui disposto a esclarecer tanto quanto possível. Como o hall era muito grande e a maioria dos jornalistas não me veria, tive que subir numa espécie de tablado. E ficou uma situação um tanto cômica: era uma conversa reservada feita aos berros.

P – O clima era nervoso?

Britto – Os jornalistas queriam uma definição. Exigiam uma

Pág 156

definição. Eu subi no tablado e desenvolvi um raciocínio: todas as dificuldades não só permanecem, como estão aumentando. Aumentam os problemas dos pulmões, a crise renal, as dificuldades do coração – e nenhum tratamento está dando certo. Não descobrem qual a causa da infecção, a diálise... E fiquei quieto. Parei de falar. Interrompi minha análise. Aí o pessoal perguntou: "O que você quer dizer?". "O que estou querendo dizer é...", dei uma pausa, pensei e resolvi dizer: "'O caso é praticamente irreversível.'"

P – Foi uma ousadia?

Britto – Acho que não. Disse o que estava correspondendo ao que os médicos tinham me dito. E os médicos tinham uma avaliação ainda pior do que a minha. Precavido, ainda coloquei uma ressalva: "'praticamente". Mesmo assim, foi uma correria de jornalistas para todos os lados.

P – Qual foi a reação?

Britto – Uma gritaria generalizada. O pessoal perguntava: "Como?". E eu repetia: é praticamente irreversível. Exigiram maiores explicações e falei mais,

repetindo um pouco o que havia dito. Depois, para um grupo menor de jornalistas, aquele pessoal que fazia mais matéria de análise e de comentário, expliquei que os médicos estavam profundamente pessimistas. O quadro se agravava e, pior do que o agravamento, era a falta do que fazer – e era isso o que tornava o caso irreversível. Aí, subi e informei Mauro Salles de que tinha dado este quadro para a imprensa.

P – Ao meio-dia deste domingo, Pinotti havia informado à família que o estado do Presidente era gravíssimo.

Britto – Logo depois desta conversa, Aécio e Andréa aparece-
Pág 157

"A frase fundamental dos médicos era esta: 'Não há o que fazer, em lugar nenhum do mundo'

ram abraçados, chorando, na varanda do 4º andar. Ao lado, Tancredo Augusto enxugava os olhos. Na rua, lá embaixo, um grupo de 50 católicos se ajoelhou e começou a rezar um Pai-Nosso de mãos para o alto. Foi uma cena comovedora. Nós estávamos ainda no salão do 4º andar e, de repente, começamos a ouvir aquela voz que vinha lá de baixo. O coro crescia: "Pai-Nosso, que estais no Céu.." Aquela coisa foi emocionando todo mundo, fez-se um silêncio no andar e, na varanda, eu via Aécio e Andréa, abraçados.

(Terça-feira, 16 de abril Tancredo não emitiu uma única palavra nos últimos 12 dias, desde que recebeu a sonda orotraqueal. Está sedado há 4 dias, emagreceu, está inchado devido ao acúmulo de líquidos no organismo, tem manchas no rosto.)

P – O Presidente se transformava num paciente terminal?

Britto – No início dessa semana derradeira, todos nós tínhamos a certeza de que o quadro evoluía da pior forma possível e de que a morte era uma questão de dias, ou mesmo horas. A frase fundamental dos médicos era esta: "Não há o que fazer, em lugar nenhum do mundo. Não há nada mais a fazer". Restavam-nos duas hipóteses: ou acontecia o milagre, e tudo se resolvia, ou as coisas infelizmente seguiriam sua ordem natural. Nessa hora, procurei o professor Resende e pedi: "Professor, não quero fazer essa pergunta como porta-voz, mas como um ser humano sob tensão: como é que termina
Pág 158

"Só D. Risoleta não dava nenhuma prova de esmorecimento. Ela se enchia daquela coragem que emocionava a todos"

isso?". Com aquela paciência e sabedoria muito dele, Resende disse que o Presidente, pela saúde forte que tinha, em vez de sucumbir a um processo explosivo que culmina numa crise aguda repentina, provavelmente padeceria lentamente de uma doença que, a cada etapa, diminuiria mais e mais a resistência do organismo. Ela dominaria progressivamente os rins, o coração, os pulmões e, dizia ele, era preciso que estivéssemos preparados para uma morte cercada de muito sofrimento, para todos. E foi o que acabou acontecendo.

Os médicos, pouco a pouco, iam jogando a toalha. A cada dia vinha um ou outro médico para me dizer: "Olha, não tem mais jeito". Mesmo os mais otimistas capitulavam. Pinotti não chegava a esse extremo de dizer, mas ele mudara psicologicamente. Ele se abateu muito, passou a ficar muito quieto, pelos cantos: A família começou a se resignar. Aécio e Andréa, mais jovens,

eram naturalmente mais revoltados: "Isso é um absurdo. O país precisando tanto do vovô...". Tancredo Augusto passou a relembrar coisas do pai. As duas filhas eram mais fechadas. Só dona Risoleta, de fato, não dava nenhuma prova de esmorecimento. Ela aparecia cada vez mais cansada, triste, mas sempre que tinha gente por perto ela se enchia daquela coragem que emocionava a todos. Um dia entrei no quarto, não sei com que cara, mas podia imaginar pela cara daqueles que me olharam, preocupados. Devia estar com uma fisionomia péssima. Tomei uma reta, sacudindo a cabeça, e atravessei a sala. Dona Risoleta levantou-se, chegou perto de mim, me deu um abraço e animou: "Força, menino, força". Ela dizia para nós aquilo que todo mundo deveria estar dizendo a ela.

Pág 159

16. O Relatório Pinotti

P – Britto, e o que se pretendia dizer, afinal, com o "Relatório Pinotti"?

Britto – Este relatório é a coisa mais difícil de entender nessa história. Na quinta, dia 11 de abril, ouvi uma conversa de Pinotti na salinha da UTI com a dona Angelita Gama. Ela sugeria a Pinotti uma espécie de manifestação pública sobre a doença, alegando ter recebido manifestações de alguns colegas médicos reclamando que determinados aspectos de sua conduta profissional não estavam muito claros no caso. Ela achava que isso era uma coisa para se pensar...

P –A doutora estava mais preocupada com os médicos do que com o paciente?

Britto – Não. Ela fazia uma observação para Pinotti sobre a in-
Pág 160

compreensão que estaria surgindo na classe médica sobre alguns aspectos da conduta deles. Nesse momento, ela fez inclusive um registro muito simpático sobre a forma como eu transmitia as informações que eles davam. Ela disse que eu havia entendido o processo, mas que isso apenas não bastava. A gente mostrava nos boletins a realidade do momento, dizia dona Angelita, e era preciso fazer um relatório consolidado de tudo que fora tentado. E ficou nisso. No dia seguinte, sexta-feira, Pinotti procurou a mim e a Mauro Salles e disse que achava aquilo uma boa idéia. E contou que estava preocupado porque vinha recebendo alguns telefonemas de empresários, de políticos, que advertiam: "O país está parado, as ações na Bolsa estão caindo. Vocês têm que fazer alguma coisa para resolver esta situação!"

"Alertamos o Presidente Sarney e os Ministros para o relatório, que nós definimos como extremamente inconveniente"

P – Resolver como?

Britto – Definir o que estava acontecendo, o que iria acontecer.

P – Dizer se morre ou não morre?

Britto – Pelo que Pinotti me falou, eu entendi que eram essas as perguntas que as pessoas queriam que ele respondesse. Mas ele queria dar uma idéia geral do processo, até ali. Saí da sala com Mauro, um olhando para o

outro, sem nos falarmos, atravessamos calados o corredor do 4º andar, sentamos em nossa sala, fechamos a porta e

Pág 161

concordamos: aquilo não parecia coisa boa. Em nossa avaliação, não tinha sentido Pinotti escrever um relatório e me dar para ler à imprensa. Aquilo dava idéia de balanço final, prestação de contas, encerramento de caso. Não tinha sentido, também, que ele descesse até os jornalistas e não desse entrevista. Isso criaria um clima terrível com a imprensa: descer para quê, depois de 20 dias, se não vai anunciar a recuperação, não vai anunciar a morte e não vai responder perguntas?

O país estava querendo saber simplesmente isso: o Presidente se recupera ou não? Ficava cada vez mais evidente que o Presidente não conseguiria recuperar-se. A situação, naquele momento, era muito indefinida. Então, para que relatório? Eu e Mauro concordamos nesse diagnóstico: se não há respostas, ninguém deve falar. Tentamos falar com Pinotti, no sábado, mas a conversa ficou adiada para o domingo. A crise de bacteriemia do domingo jogou o assunto para segunda-feira. Nesse dia, eu e Mauro começamos a trabalhar contra o relatório.

P – O Pinotti já tinha se definido?

Britto – Não. Mas estava claro para nós que Pinotti ia tocar em frente. Disparamos alguns telefonemas para Brasília, alertando o Presidente Sarney e os Ministros José Hugo e Ivan Souza Mendes para a idéia do relatório, que nós definimos como extremamente inconveniente.

P – Qual foi a reação deles?

Britto – Ouviram, mas não interferiram. Procuramos então família. Explicamos a Tancredo Augusto e a Aécio o que estava sendo pensado e transmitimos nossa opinião contrária. Tancredo Augusto, no meio da sala, ponderou: "Nós não podemos impedir um médico de falar. É um direito deles. Agora, que esse negócio não vai ser bom, realmente não vai. A crise de domingo reforçou, em Mauro e em mim, a certeza de

Pág 162

que infelizmente não havia boas notícias a dar. E descer lá para acabar com a esperança não era correto. Decidimos procurar os médicos, na tarde de segunda-feira. Reunidos com Resende, Pinotti, Gomide do Amaral, Angelita Gama e o dr. Marcondes, provocamos o assunto: "O relatório que o sr. está pensando em fazer...". Pinotti me interrompeu para esclarecer: "Não, eu já comecei a fazer. A dra. Angelita já fez uma minuta do relatório". Nós não sabíamos da minuta, e tentamos argumentar: "Vocês estão sendo acusados por alguém? Quem é que está acusando vocês? Existe alguma entidade médica, algum colega, a opinião pública acusa vocês? Vão se defender de quem? Do quê?" Pinotti não cedia: "Não, mas não é defender..."

P – O relatório seria o quê, na visão dele?

Britto – A razão nunca ficou muito clara. Eu procurei criar o cenário para ele: "Professor Pinotti, o senhor desce, lê o relatório e fica duas horas lá respondendo às perguntas dos jornalistas. E vai ter que

"Na terça-feira Pinotti andava com a minuta no bolso, consultando os médicos. Eu dei uma olhada e fiquei escandalizado"

responder inclusive o que não dá para responder agora. E sabe o quê que eles querem saber? Morre ou não morre? O senhor tem resposta para isso? O senhor vai dizer que ele vai morrer? O senhor não tem respostas, não é hora de falar. É hora de concentrar tudo aqui, no tratamento do Presidente. Vai parecer que o senhor está se defendendo e isso vai ser má política para o senhor".
Pág 163

P – E ele?

Britto – Pinotti resistiu a tudo fortemente, dizendo que estava sendo pressionado. E aí repetiu aquela de políticos e empresários que ligavam. "O senhor diga a eles que está tratando do doente. Se der certo, ótimo. Se não der, o senhor terá cumprido o seu dever. Se alguém tiver alguma dúvida, que abra um processo", lembrei. Aí decidi botar mais um trunfo na mesa: "Professor, o Governo não tem interesse nisso. Ou o senhor diz que ele vai sobreviver, criando uma falsa expectativa com consequências políticas, ou diz que ele vai morrer". Observei que a família reconhecia o direito que os médicos tinham de fazer o relatório, mas todos concordavam que não era hora. Pinotti foi muito gentil, disse que entendia as ponderações, mas esperava que a gente entendesse que ele achava que era indispensável fazer isso.

P – Pinotti falava em nome pessoal?

Britto – Falava na dupla condição de médico e de chefe da equipe. O único médico que concordou com nossas ressalvas foi o dr. Gomide do Amaral, que também achou que não era bom mexer com isso agora. O dr. Guilherme concordava conosco, no início, mas depois mudou de opinião. Quem realmente estava determinado a fazer o relatório eram os doutores Pinotti, Pollara e Angelita. Na terça-feira, Pinotti andava com a minuta no bolso, consultando um médico ou outro; eu dei uma olhada e fiquei escandalizado. Fizemos um novo contato com Brasília e com a família insistindo que a idéia, no papel, era ainda pior.

Na quarta-feira de manhã, diante da determinação dos médicos, resolvemos não discutir mais. Mauro Salles convocou sua secretária particular, dona Juliana, e fizemos às 10h uma reunião a portas fechadas na sala da diretoria de serviços de esterilização da UTI. Estavam lá Pinotti, Pollara, Gomide, Angelita, Marcondes, dona Juliana, Mauro e eu. Fizemos inicialmente uma série de marcações de coisas que não deviam constar do relatório.

Pág 164

"O relatório jogava fora todo nosso trabalho, O país tinha aprendido a se preparar para a idéia da morte do Presidente"

P – Por exemplo?

Britto – Na primeira página, Pinotti reabria a guerra com Brasília, falando em tumor e se referindo à primeira cirurgia. Ora, por que Pinotti iria falar de uma cirurgia da qual não participou? o relatório é sobre as atividades de sua equipe, por que não começar a partir do dia 19 de março, quando a equipe de São Paulo entra no caso? Eu disse que aquilo reabriria a questão e isso não dava para entender. "A não ser", provoquei, "que o senhor queira mais uma vez reabrir a guerra com Brasília", O dr. Gomide nos apoiou nesta posição, mas Pinotti estava inflexível: "A doença não começou no dia em que entrei, a doença começou antes. Pela praxe médica, teria que haver a citação . Mauro também observou que, naquilo ali, principalmente no trecho em que descrevia as cirurgias feitas, não havia absolutamente nada de novo. O relatório não

passava de uma consolidação dos boletins.

P – Mas não era o que ele queria?

Britto – Mas para quê? Tudo ali já tinha sido dito.

P – Pois é: para quê?

Britto – Ele dizia que era por causa de uma série de incompreensões. Eu dividia o relatório em três partes. A abertura, onde havia aquele problema com Brasília, uma segunda parte com um longo

Pág 165

histórico onde incluía a parte de São Paulo e, por fim, a parte política, que colocava alguns problemas sérios. O primeiro deles é que Pinotti desejava, com o relatório, deixar público que o dr. Tancredo estava doente meses, ao ressaltar que "a história clínica correspondente à presença de infecção no organismo vem de um período que certamente precede à primeira intervenção cirúrgica". Mas existiam dois pontos realmente polêmicos no relatório: a frase dizendo que não havia indícios de lesões e a lembrança de que não era possível esperar resultados rápidos.

"Convencemos Pinotti que não cabia a ele se dirigir aos políticos. Isso parecia coisa de Presidente da República"

Quando lemos isso, Mauro e eu nos demos conta de que o relatório jogava fora todo o nosso trabalho: no divã coletivo que armamos, o país tinha aprendido a se preparar para a idéia da perda do dr. Tancredo. Agora, sem que o dr. Tancredo tivesse melhorado, tentariam vender a idéia de sua recuperação ("ainda apresenta perspectivas de cura"), o que fatia com que sua eventual morte se transformasse num choque para o país. Essa era uma idéia evidentemente triste, chocante, mas de alguma forma as pessoas tinham aprendido a conviver com ela. Este relatório teria uma repercussão terrível a nível político e psicossocial. Nós lembramos: "Professor, as pessoas vão dizer que o senhor está anunciando a cura". Ele reagia: "Não, não é isso que está escrito".

Levamos ainda outro argumento: o médico não pode ir à opinião pública e dizer que não acredita, que desiste. Ele é obrigado a dizer que luta, que acredita, que é otimista. Porque, então, a frase "é nosso dever persistir, obstinadamente, com todo o empenho, na busca da plena cura do Presidente"? O contrário seria possível? Dita

Pág 166

naquele contexto, a frase indicava que havia cura. Ou seja, reinstalava o otimismo novamente. Fizemos alterações pequenas de texto que retiraram frases ainda mais otimistas do relatório.

P – Por exemplo?

Britto – Ali onde termina o documento, na verdade terminava a 9ª página. Havia uma 10ª página, com quatro parágrafos, com uma mesma estrutura de texto e a mesma frase abrindo o parágrafo:

"Por isso pedimos paciência. Paciência ao povo, paciência às autoridades, paciência aos legisladores...". Conseguimos convencer Pinotti que, em primeiro lugar, não cabia a ele se dirigir aos políticos, a este ou aquele segmento. Isso parecia coisa de Presidente da República. E isso, por fim, não seguraria mais um rasgado otimismo. Pedir paciência, na atual conjuntura, significava pedir

um tempinho para resolver todos os problemas.

Pinotti, em princípio, não quis ceder e abrir mão desta página. Mas, com a ajuda da dra. Angelita e do dr. Gomide, Mauro e eu, com firmeza, conseguimos encerrar o relatório na 9ª página. Enquanto a gente discutia isso, dona Juliana ia datilografando com as correções. Nós não éramos responsáveis pelo documento, mas nosso problema era ajudar na informação à opinião pública. A reunião terminou por volta das 12h 30m e eu ainda insisti com Pinotti para que ele respondesse às perguntas dos jornalistas. Seria mais simpático. Ele achou melhor deixar para outro momento.

P – Ele não pediu que você lesse o relatório?

Britto – Não. Eles chegaram a cogitar disso, mas eu disse que achava melhor que ele lesse. Uma coisa tão importante, tão pessoal, cabia a ele transmitir ao país. O relatório só ficou pronto meia hora antes da apresentação, no auditório da imprensa. Mandeí avisar aos jornalistas que, às 16h, haveria um pronunciamento do dr. Pinotti.

É claro que Pinotti não poderia atravessar a rua a pé, como eu.

Pág 167

Então montamos um esquema e embarcamos, ele, Resende e eu, num carro da Presidência e saímos por trás do hospital. No caminho até o auditório, ainda avisei: "Professor, vou anunciar o senhor e assistir lá de baixo. Só queria lhe dar uma sugestão: acho muito perigoso e decisivo o jeito como o senhor vai ler essa relatório. Não pode ser nem uma coisa nervosa, nem uma coisa sorridente."

"Britto, o que vocês fizeram acaba com todos os jornalistas que trabalharam aqui. Desmoraliza a gente"

P – No papel, o texto não era ruim. A interpretação é que foi péssima, não?

Britto – Tratei de não ficar lá em cima, junto com ele. Anunciei o pronunciamento no microfone de baixo, passei a palavra para ele e sentei na primeira fila, entre os jornalistas. Pinotti começou a ler, muito nervoso, com problemas de respiração, sem acertar a pontuação. Eu tinha uma cópia comigo e acompanhava a leitura.

Em pouco tempo, Pinotti começou a se acalmar e relaxou por completo justamente no trecho final, quando levantava a bandeira da esperança. Mais calmo, relaxado, acostumado à luz da TV, liberou-se afinal para sorrir, coisa que não tinha feito até então. Eu estava de olho fixo nele, bem à sua frente: em toda a leitura do histórico da doença, Pinotti não sorriu uma única vez. Relaxou e abriu seu sorriso naquele maldito final. Quando vimos isso, um assessor me cutucou e me fez virar para olhar o auditório lotado de jornalistas: parecia que tinham entrado em parafuso. As pessoas não se olhavam. Ninguém entendia mais nada. E era realmente muito difícil de entender. Terminado o relatório, corremos para a escadinha do palco, para proteger Pinotti dos jornalistas, já que ele não queria dar entrevistas. Depois

Pág 168

que Pinotti e Resende saíram por uma porta lateral, fiquei só – com meus três assessores e mais de 400 jornalistas. Pedrinho virou para mim e disse: "Agora, te prepara". Foi um ótimo aviso: os jornalistas estavam divididos em dois grupos, um perplexo e outro irritado. Metade deles estava imobilizada nas poltronas, olhando para cima, meditando sobre o que tinha acabado de ouvir. A outra metade estava apenas esperando o início das hostilidades. Quando as

coisas se acalmaram um pouco e se estabeleceu um certo silêncio, propus, conformado: "Vamos lá". A gargalhada foi geral. O porta-voz legítimo desta ala irritada era o jornalista Mendes Ribeiro, da rádio Gaúcha, de Porto Alegre. Apesar de estar ao meu lado, com o dedo em riste, gritava e ecoava em todo o auditório: "Britto, o que vocês fizeram acaba com todos os jornalistas que trabalharam aqui. Desmoraliza a gente. Estamos há 4 ou 5 dias dizendo que o Presidente está mal. Há 3 semanas pedimos que Pinotti venha falar conosco. Pois bem, ele veio e disse que está tudo bem. De onde é que nós tiramos que o Presidente estava mal? Como é que nós ficamos agora? A imprensa brasileira está desmoralizada. Nós vamos apanhar na rua." O pessoal se empolgou com o Mendes Ribeiro.

P – Mas ele não estava errado?

Britto – Evidente que não. Ele fazia uma leitura simples e eficiente do relatório. Quem é que entendia daquilo? Pinotti. E Pinotti apostava na cura. Assim, como é que ficava quem dizia que não haveria cura? Eu propus que a gente lesse junto o relatório de Pinotti e tentássemos, juntos, entendê-lo. Eu não podia contar para aquelas centenas de pessoas a história verdadeira, com riqueza de detalhes.

Mostrei a eles minha tese sobre o relatório, que dividia em três grupos. A primeira página dava o destaque para o tumor benigno de Brasília. As sete páginas seguintes eram simplesmente a consolidação dos boletins, sua repetição sem novidade nenhuma. As duas últimas tinham, de um lado, a afirmação de que o Presidente tinha a doença há mais tempo e, de outro, carregavam nas palavras otimistas. Aí procurei raciocinar que Pinotti não poderia vir a público para dizer

Pág 169

"Quando Pinotti terminou sua peça as pessoas começaram a chorar e se abraçar"

que desistia, que estava tudo acabado. Médico nenhum faz isso. Vindo a público, ele só poderia dizer o que disse. Ele disse uma obviedade. Só que ele disse sorrindo, mas isso não mudava o quadro: o Presidente continuava tão doente quanto antes.

P – Os jornalistas não acharam estranho que Pinotti viesse a público para dizer uma obviedade?

Britto – Aí a conversa mudou de caminho. Os jornalistas evoluíram para o essencial, que não era discutir como estava o Presidente ou o que dissera Pinotti. Eles queriam saber porque os médicos resolveram fazer o relatório. Aí fiz uma leitura, sublinhando as mesmas frases com outra entonação:

"Prosseguir na luta, apesar de difícil..." – e sublinhava o difícil. Lendo assim,

sem sorrisos, o relatório mudou de tom. Os jornalistas entenderam e boa parte concordou comigo. Insistiram em saber porque fazer o relatório. Eu disse o que achava: "Talvez ele estivesse muito preocupado com a hipótese do Presidente vir a falecer e não haver espaço nem tempo para trazer esta explicação ao público". Os jornalistas se dividiram em outros dois grupos: um, mais desconfiado, achando que havia alguma coisa mais, não revelada, nesta história, e outro, mais realista, que começava a entender um pouco as razões que levaram ao relatório, mas também contrariados com o efeito que ele produziria na opinião pública.

Antes de subir para pegar o próximo boletim, ainda observei: "Fiquem tranquilos. A informação que vocês têm recebido é honesta. Dr. Pinotti não quis

dizer, não quer dizer, nem pensa, nem acha que o Presidente está curado. Ajudem a conter este otimismo exagerado."

Pág 170

P –Já havia evidências deste otimismo?

Britto – Quando subi, me descreveram duas cenas que acompanharam o relatório. Na principal loja de departamentos de São Paulo, o Mappin, os alto-falantes internos anunciaram que Pinotti iria falar: a loja parou. Balconistas, vendedores, consumidores, todos imobilizados. Quando Pinotti terminou sua peça, as pessoas começaram a chorar e a se abraçar. Na rua da Alfândega, no centro do Rio, a televisão começou a mostrar a fala de Pinotti. Quando terminou, foi saudado por uma salva de palmas. Assim que cheguei ao 4º andar, o Presidente acabava de ter mais uma crise – a pior crise dos últimos 20 dias. Meia hora depois, o mesmo Pinotti me entrega um boletim dizendo que "o estado do Presidente é grave". Peguei o boletim, olhei para o dr. Gomide e para o dr. Marcondes e disse: "Agora vocês vão ver a confusão que vai dar". E saí dali, irritado, Quando voltei ao auditório, com aquele boletim, os jornalistas entenderam tudo. Falei: "O dr. Pinotti tem as razões dele para falar. Quis falar, falou. Agora, não há razão para nenhum otimismo. A realidade, infelizmente, é esta do boletim."

"Eu não disse lá embaixo, mas lá em cima, na UTI, a opinião era uma só: paciente terminal"

Aí, com a ajuda de Mauro Salles, resolvi ligar para os diretores de jornal e de televisão pedindo que evitassem um clima de falso otimismo no país. Combinei com as televisões de entrar nos jornais em rede nacional para tentar baixar a taxa de otimismo. O clima de loucura que se instalou no país, entre as 17h e as 19h, chegou a um ponto de perplexidade, do dr. Roberto Marinho me telefonar para manifestar sua irritação e apreensão com aquilo tudo. "Britto, o que houve?", perguntava ele, sem entender. "Esse relatório não corres-

Pág 171

ponde à verdade, nós sabemos, Britto". Eu contei a história a ele e pedi-lhe que não deixasse o país ir dormir, naquela noite, pensando que as coisas tinham mudado ou melhorado. Em todas as minhas intervenções na TV, naquela noite, eu esclareci que o quadro continuava extremamente debilitado, extremamente delicado.

Pág 172

17. A Luz se Apaga

P – O Presidente, às 18h 30m, mergulhou numa nova crise, ao ponto do porta-voz anunciar que "este é o quadro mais crítico enfrentado pelo dr. Tancredo até hoje". O dr. Pinotti sabia disso?

Britto – Eu não disse lá embaixo, mas lá em cima, na UTI, a opinião era uma só: paciente terminal. No código médico, havia absoluta falta de esperança. O professor Resende, trocando a roupa no vestiário, com alguma dificuldade, extremamente cansado, virou-se para mim e falou, num tom pausado e triste: "Meu amigo ... perdemos". Foi com esse clima que eu desci

para ler o boletim que sucedia ao relatório Pinotti. Quando eu subia de volta, no final da tarde, um jornalista me diz que o Presidente havia morrido. Subi correndo, porque tinha aprendido a não desconfiar de boato.

Pág 173

P – E no guru do RÁ, o mentalizador Thomas Green Morton, quem confiava?

Britto – Eu soube depois que pessoas jovens, próximas a Aécio e a Andréa, tinham sugerido que esse Thomas Morton fosse até lá. Mas os netos do Presidente não o conheciam. Ele chegou na quinta-feira, circulou discretamente pelo 4º andar, acompanhado de um amigo de Aécio e chegou a dar uma demonstração, no final da tarde, na salinha da assessoria de imprensa.

P – Demonstração do quê?

Britto – Ele fez sair perfume das mãos de Aécio. As duas filhas do Presidente também assistiram. Dali, saiu com Aécio e foi para o hotel. Quando cheguei ao Caesar Park, tarde da noite, as pessoas estavam animadas com os poderes desse Thomas Morton. Fez novas demonstrações, entortando alguns garfos e pratarias do hotel e convertendo cruzeiro em dólar. No dia seguinte, as filhas fizeram um pedido a Pinotti para que ele pudesse entrar na UTI. Pinotti era otimista mas nem tanto. Vetou a entrada dele no quarto do Presidente. No dia seguinte, sexta-feira, tinha gente se saudando com RÁ no hospital.

P – Na sexta-feira, 19 de abril, um dia de surpreendente estabilidade, vai embora o Thomas Morton e é chamado o Warren Zapol, especialista em infecções pulmonares do Hospital Geral de Massachussets, que chegou a São Paulo no sábado.

Britto – No sábado, pouco depois das 9h da manhã, subi direto para o 4º andar, tomei a direção da sala onde trabalhava e, quando chego lá, encontro um sujeito sentado, com blaser, camisa de gola rolê preta, lendo "O Globo". Vi de longe, não sabia quem era, e fui em frente. Voltei dois minutos depois e notei ao seu lado uma mala

Pág 174

"Zapol fulminou: The man is going to die (O homem está morrendo)"

enorme com alguns adesivos em inglês. "Deve ser o nosso dr. Zapol", pensei. Me apresentei e, ao saber que era o porta-voz, Zapol declarou: "É muito importante que haja alguém como você, sempre, nesse tipo de episódio, porque médico, nessas horas, tem é que cuidar do paciente. Quem tem que falar é o porta-voz." Foi minha primeira conversa com ele.

P– Só vocês dois?

Britto – Aí chegou Mauro Salles, que o tinha recepcionado e fora chamar os médicos, lá embaixo. Mostramos os jornais do dia, para ele, e explicamos o que diziam sobre o caso. Relatei que o quadro era pessimista e o tom geral do noticiário era este. Ele observou. "Os jornais não estão errados, pelo que sei". E

começou a perguntar muito sobre o Presidente Sarney, perguntas de um americano curioso, querendo saber como se passavam os fatos no Brasil. Dali, ele foi para uma reunião de uma hora e meia no 2º andar, com os médicos, para uma análise ampla do quadro do Presidente. Dali ele foi levado para

examinar o Presidente. Terminado o exame, nós o reencontramos na sala do Diretor do Hospital das Clínicas, prestes a redigir seu comunicado. Quando chegamos perto dele, o dr. José Eduardo Monteiro aproveitou: "Como está o Presidente?". Sem nenhum vacilo, nenhuma premissa, com aquela objetividade saxônia, Zapol fulminou: The man is going to die. (O homem esta morrendo). Não foi uma coisa antipática, foi uma reação profissional. Subimos para almoçar, passava das 13h, e sentamos à mesa com ele. Eram uns 12 ou 13 médicos. Era uma conversa amena sobre o Brasil e ele, em certo momento, disse que só mesmo um homem tão amado quanto o dr. Tancredo poderia ainda estar mantendo aquele tipo de esperança. Zapol disse que qualquer paciente, colocado naquela situação, teria sido desenganado há muito tempo.

Pág 175

P – Manhã de 21 de abril de 1985. O Presidente Tancredo Neves está morrendo?

Britto – A primeira informação, no domingo de manhã, passada pelo pessoal do plantão da madrugada, era de que o Presidente registrava uma queda visível de atividade respiratória e dos sinais vitais, de hora em hora. Era

aquela imagem da luz que vai se apagando. Todos os médicos nos disseram que era improvável que o Presidente resistisse ao domingo. O Presidente poderia morrer a qualquer momento. A família foi chegando, foi juntando e ficando por ali. Por volta do meio-dia, o quadro estava tão grave que se passou, ostensivamente, a adotar algumas providências. Os funcionários do Palácio do Planalto, os aviões da Presidência, a EBN e a Radiobrás entraram em prontidão para entrar em cadeia nacional imediatamente.

"Dona Risoleta continuava com aquela compulsão heróica e admirável de ainda acreditar que havia uma saída"

Nós ficamos lá embaixo, na UTI, sentados. Esperando. Cada médico que saía comprovava a mesma coisa. O domingo foi uma grande e triste repetição que insistia em mostrar que o dr. Tancredo, a cada momento, andava um pouquinho mais para baixo.

P – As 8h 30m, a pressão caiu de 8 para 4 e o batimento cardíaco foi para 50. Os órgãos do corpo já não recebem mais o sangue, que circula escassamente pelos pulmões e pelo coração.

Britto – Os médicos todos começaram a chegar e a se concentrar dentro da UTI. A família inteira estava lá em cima, no 4º andar,

Pág 176

aguardando o momento. Os médicos se reuniram para uma avaliação, mas não há mais nada afazer. Tudo é uma questão de horas. O boletim das 16h 30m fala de "quadro extremamente crítico". Quando terminei de ler o boletim, subi e encontrei os médicos reunidos. O professor Marcondes dizia a Pinotti: "Não podemos ficar nisso. É preciso dizer que o quadro é irreversível. É preciso preparar o país. Vai acontecer a qualquer momento". Mas os médicos concordaram que não se poderia fazer isso sem informar antes a família. O boletim foi feito e dr. Gomide do Amaral e eu subimos para consultar a família. Encontramos Tancredo Augusto e explicamos: "Os médicos entendem que não há mais nenhuma esperança. É uma questão de horas. Eles acham que é importante, e nós também, que se faça uma comunicação intermediária entre essa de agora e a final, dizendo que a situação ficou irreversível".

"Dona Risoleta, eu vim aqui lhe dizer que, infelizmente, não há como ter mais esperança. O Presidente está morrendo"

Tancredo Augusto concordou, mas sugeriu que a gente mostrasse antes, para dona Risoleta, este boletim com a palavra "irreversível. Quando ela recebeu o boletim e leu, não acreditou.

Eram 18h 30m. "Mas isso não deixa nenhuma esperança", reclamou dona Risoleta. E sugeriu que se trocasse a expressão "estado definitivamente crítico" para "delicado" ou "extremamente delicado". Dona Risoleta, às 18h 30m do dia 21 de abril continuava com aquela compulsão heróica e admirável de ainda acreditar que havia uma saída. Dr. Gomide e eu sentamos num sofá, ao lado do restante da família, fechando uma espécie de retângulo, ouvindo com atenção a leitura forte e corajosa que dona Risoleta fazia do boletim corrigido por ela, expurgado do termo definitivo.

Pág 177

Naquele mundo sem esperança, dona Risoleta era a única que ainda acreditava. Ela pediu a caneta emprestada ao dr. Gomide e corrigiu, na margem esquerda, o texto que lhe incomodava. O médico, em nome da equipe, concordou com as duas alterações. Trinta e oito dias depois, ali acontecia um dos episódios mais admiráveis desse drama: a firmeza e a fé daquela senhora, faltando apenas 4 horas para o marido morrer, ao lado da cumplicidade bonita que estabelecia entre os médicos, os parentes e os assessores. Todos respeitavam a última vontade de dona Risoleta, mesmo sabendo que era um respeito inútil, que não alterava a realidade mas era absolutamente necessário. Dr. Gomide e eu fomos aos médicos e ao dr. Pinotti, entregando a ele o boletim corrigido por dona Risoleta e seu apelo. Os médicos concordaram. Datilografei o boletim, li para a imprensa e voltei para o 4º andar. Ao retornar,

dr. Marcondes mais uma vez pedia a Pinotti um boletim falando em irreversível. Mais uma vez era preciso dobrar dona Risoleta. Eram pouco mais de 19h. Dona Angelita, por ser mulher e uma das pessoas mais próximas de dona Risoleta, foi escalada para convencê-la. Foi até seu apartamento e, de maneira firme mas carinhosa, explicou: "Dona Risoleta, eu vim aqui lhe dizer que, infelizmente, não há como ter mais nenhuma esperança. O Presidente está morrendo". Dona Risoleta olhou bem para ela, confiando num mínimo de dúvida, e tentou: "Não há mesmo mais nenhuma esperança?". Dona Angelita resistiu: "Não, nenhuma esperança". Dona Risoleta pediu licença, voltou-se, ficou sozinha no quarto alguns minutos e só chorou quando as filhas foram para junto dela, no quarto. A partir daí, refeita, começou a tomar providências. Mandou preparar seu vestido preto e reapareceu em pouco tempo, com a expressão de choro, mas forte. Nós fomos tratar do boletim da irreversibilidade. Mas havia um problema: não poderíamos dar este boletim e ficar um largo tempo com o país dominado pela expressão. Ele deveria sair apenas meia hora, uma hora antes do boletim derradeiro. Dr. Marcondes estava certo: não era possível simplesmente descer e anunciar a morte. Mas também não era possível falar em irreversível e ficar 8, 10, 20 horas esperando pelo fim. O que fazer?

Era preciso aguardar um sintoma, um sinal de que o Presidente

Pág 178

tinha se encaminhado para a reta final. O boletim do irreversível foi redigido por volta das 19h 30m. Foi um boletim terrível. Dr. Marcondes, Mauro e eu sentamos os três, sozinhos, na sala. Ninguém comentou nada. Dr. Pinotti aprovou e ficamos esperando a reta final.

"Vi algumas meninas, jovens repórteres, fechando os olhos e soltando o choro"

Nesse momento, todos os médicos se reuniram na UTI. Foi um momento bonito, de mútuos consolos. Estava todo mundo quase chorando. Eu fiz um testemunho, muito emocionado, de como a gente tinha aprendido, naqueles vinte e poucos dias juntos ali dentro, a admirar a garra de cada um, a luta de todos. A gente tinha se transformado num grupo só, numa turma só, numa família. Eram pouco mais de 21h. Dr. Gomide levantou e disse: "Gente, está na hora do boletim do irreversível". O Presidente tinha entrado na reta final. Fui autorizado a descer. Levava o boletim no bolso e, ao meu lado, Pedrinho e Mauro Montoryn, da minha assessoria. Avisei para eles: "Não sei se consigo ler, eu não estou bem". Caminhamos juntos. Foi um negócio emocionante: descemos de mãos juntas, braços dados, e quando atravessamos a rua em silêncio, as pessoas também emudeceram. De repente nós nos transformamos em 20, 30, 40 jornalistas que caminhavam em silêncio para o anúncio que poderia ser o último.

Eu lembro do Clóvis Rossi, um sujeito imenso, profissional admirável, com aquela afetividade toda, passando a mão em minha cabeça e dando um tapinha encorajador nas costas. Consegui chegar ao boletim meio estabilizado, já em condições de ler o boletim. Mas quando entrei ali e vi todas aquelas pessoas rigorosamente em silêncio, gente que por todas as formas, gestos e acenos levantava para cumprimentar e solidarizar-se, tive uma noção exata do que iria passar

Pág 179

para o país, através das câmeras: naquele universo de 300 pessoas, aquela notícia fazia aumentar minha emoção.

Subi as escadas, pedi para que não deixassem ninguém me entrevistar, e sentei à mesa para ler o penúltimo boletim. Não consegui ler direito. No momento em que leria a palavra "irreversível", vacilei, gaguejei e só então a pronunciei como quem se livra de um fardo. "Características de irreversibilidade"... , disse com algum esforço. Desci dali envolvido novamente neste magnífico manto de silêncio, rodeado estranhamente por jornalistas que não fazem perguntas, jornalistas que entendem que em determinados momentos alguma coisa se sobrepõe à notícia, à própria emoção. Quando subia a escada de volta para o hospital, vi algumas meninas, jovens repórteres, fechando os olhos e soltando o choro.

"O Dr. Gomide saiu do quarto de cabeça baixa, virou-se para mim, botou a mão no meu ombro direito e falou: 'Amigo, terminou'"

Quando eu passava pela rua, no caminho do hospital, um sujeito atrás da corda, quase no escuro, gritou: "Valeu, Britto, valeu". Comecei a chorar. Encontrei a família toda reunida na UTI. Os médicos tinham saído todos e cederam lugar para a família. Tentamos achar um Padre para dar a Extrema-Unção e não achávamos. Estávamos tão atarantados que não nos demos conta que o Padre Leocir estava do outro lado da UTI, atendendo um paciente. Padre Leocir veio, deu a Extrema-Unção. Permanecem todos rezando em torno do Presidente. Na salinha da UTI e no corredor, todos nós – médicos, enfermeiros, assessores – estamos juntos, abraçados. Em volta da cama, estavam Tancredo Augusto e a esposa, as duas filhas do Presidente, Aécio, Andréa, Ângela, a irmã Esther, Aluizio Neves e dona Risoleta, na cabeceira, tocando no ombro do Presidente.

Pág 180

Vi, nesse momento, um rapaz da segurança fazendo o último bloqueio

antes da sala do Presidente e, atrás dele, no vidro da porta, aquele cartaz de "Muda Brasil" com a foto do dr. Tancredo que permaneceu o tempo todo ali na UTI. "Se o Presidente morrer, eu quero aquele cartaz para mim", pedi, como se fosse uma coisa incerta. De vez em quando saía lá de dentro um médico que avisava: "Está acelerando, está indo rápido demais".

Eu tinha combinado com eles que, tão logo houvesse a morte; alguém me avisaria, eu desceria e daria a notícia. Imediatamente após, faríamos uma reunião grande envolvendo imprensa, segurança, protocolo, governo estadual, para acertar os próximos passos. E continuamos esperando.

Exatamente às 22h 24m, dr. Gomide do Amaral saiu do quarto com a cabeça baixa, caminhando devagar, virou-se para mim, levantou o braço esquerdo e botou a mão em meu ombro direito. E falou: "Amigo, terminou"

"As pessoas se entregaram a dor de saber a morte do Presidente. Aquele microcosmo ali era o Brasil"

Eu o abracei, peguei o pedaço de papel que pesava no meu bolso há três semanas, me abracei ao Pedrinho. Desci os três andares pelas escadas, sozinho, chorando, e cobrando de mim mesmo que não podia aparecer no auditório em lágrimas. Quando saí da UTI, descí ouvindo os primeiros sons de choro. Fiz um enorme esforço de auto-contenção para reprimir o pranto e atravessei a rua em direção ao auditório. Não olhei para ninguém. Passei de cabeça baixa e ninguém me perguntou porque. Entrei no auditório, dei uma parada, olhei bem para aquilo, era a última vez que entraria ali, e disse para mim: "Calma, é preciso ter calma". O medo que eu tinha, naquela hora, era de desatar um choro incontrolado. Era preciso que aquele mo-

Pág 181

mento histórico fosse um momento sereno, para que não desencadeasse uma série de episódios negativos.

Sentei de novo na mesa do microfone, tirei o papel do bolso e coloquei na minha frente, do lado esquerdo, para que eu pudesse me socorrer dele se a emoção fosse demais.

"Cheguei ali 10 minutos depois da morte. Junto a porta da UTI, abraçados aos prantos, dona Risoleta, Pinotti e Resende"

Eu tinha lido tanto aquele texto que a essência do que eu queria dizer estava nítida na minha cabeça. Pedi calma às pessoas, que pareciam mais agitadas do que eu, e achei importante começar minha fala com um "lamento", que caracterizaria tudo. A carga de dizer que o Presidente havia morrido, de alguma forma, se consumiu no "lamento informar". Aquela coisa que eu temia durante 38 dias, dita nas duas primeiras palavras, parece de alguma forma ter contribuído para que os jornalistas ouvissem melhor a segunda parte, o meu texto. Não sei se estava precisando sentir isso ou se isso realmente aconteceu, mas o fato de ter visto aquilo me deixou mais firme, mais forte para ler o texto.

As pessoas, tendo entendido, se entregaram à dor de saber da morte do Presidente. Aquele microcosmo, ali, era o Brasil. Eu disse com muita firmeza aquele texto. Eu estava acreditando piamente naquilo. Terminei, descí da mesa e saí, com as pessoas abrindo caminho. Muita gente no auditório se abraçava, chorando. Subi correndo, pois queria ver e abraçar a família. Cheguei ali uns dez minutos depois da morte. Junto à porta da UTI, abraçados, aos prantos, dona Risoleta, Pinotti e Resende. A família toda chorava e cada médico que entrava e saía, chorando, era consolado pela família. Abracei dona Risoleta, Mauro Salles, Aécio.

Pág 182

O Presidente precisava ser levado para o subsolo, para o preparo da autópsia. Era preciso proteger a família: Pinotti, Resende, Mauro e eu começamos a puxar o pessoal para fora, para levá-los para o 4º andar. Resende levou dona Risoleta e, quando se abriu a porta do 4º andar, eu ouvi o som do Hino Nacional. Estava começando na televisão, naquele momento, o canto do Hino pela Fafá de Belém. Com a mesma sedução do flautista de Hamelin, nós nos deixamos atrair pelo canto. E nos concedemos o choro intenso, sem freios, generalizado. Fui para a varanda, olhei para baixo e o povo gritava o nome dele.

Pág 183

ANEXOS

Durante trinta e oito dias, a cena transformou-se em rotina, na suíte reservada à família e aos assessores do Presidente Tancredo Neves, no Instituto do Coração em São Paulo: agentes de segurança atravessavam rapidamente a sala. Cada um deles com imensas caixas de papelão nos braços. Dentro das caixas, centenas de telegramas e cartas. Ninguém conseguiu contar quantas. Vários milhares. Primeiro, eram despejadas numa grande mesa, disputando espaço com os telefones diretos que ligavam o Hospital ao Planalto, ao Congresso. Depois, eram classificadas. O Presidente Tancredo e Dona Risoleta recebiam a maior parte da correspondência. Ela era colocada novamente em caixas e entregue aos assessores do Presidente. O jornalista Antônio Britto, pela função de porta-voz, também recebeu centenas de cartas, que foram guardadas. Uma pequena mostra do que o povo brasileiro escrevia ao Instituto do Coração.

"Estou lhe escrevendo para comunicar que eu gostaria de doar um dos meus rins para o nosso Presidente pois só com este rim ele viverá. Sonhei bastante vezes com isto."

(Motorista desempregado Luiz Lima, Paranaguá, Paraná)

Pág 187

"Nossa família é muito pobre mais é rica em fé em Deus. Nós todos os dias rezamos para o nosso Presidente tão querido."

(Edila Moreira, Acampamento da Ceb, Núcleo Bandeirante, Distrito Federal)

"Estamos enviando a relíquia milagrosa de Madre Teresa de Jesus. Sua canonização está dependendo de apenas mais um milagre. Faça com que esta relíquia chegue até ele."

(Grupo de reflexão, Tubarão, Santa Catarina)

"Mostre esta oração ao padre, à irmã, aos filhos, aos médicos do Presidente. Pergunte se pode colocá-la embaixo do travesseiro do nosso Presidente. Se não aceitarem, ponha no vidro do quarto."

(Terezinha Moraes, Sobradinho, Distrito Federal)

"Eleji esta fecha. para que la gloria del hijo de Dios llegue hasta el Hospital y derrame su amor."

(O argentino Carlos Calmarini, escrevendo de Corrientes)

No auditório do hospital, o porta voz, em pé, expressão alegre, diz: "O presidente está bom". Ao lado dele, um grande cartaz, em verde amarelo, com

um homem, faixa presidencial no peito. E uma frase. "Viva o Presidente".
(Desenho de Marcos Moura, paulista, de São Paulo, 8 anos)

"Me surgiu uma idéia: uma corrente humana do Rio a São Paulo, saindo do Cristo Redentor até o Instituto do Coração e rezarmos com as mãos dadas. Assim o Presidente ficará bom. A corrente tem que terminar aí em São Paulo, o último elo tem que ser as mãos do

Pág 188

Presidente. Senhor assessor não hesite em convocar o povo pois este é o caminho."

(Jorge Costa, Bonsucesso, Rio)

"O dr. Tancredo seria a solução do País. Quando aparece uma pessoa que possa melhorar este País acontece este fracasso. Eu quero que você me fala se foi militar ou quem foi que atirou no senhor Tancredo. Eu sei que as coisas estão escondidas mas para mim você pode escrever dizendo o que aconteceu."

(José Carlos, mineiro)

"Pedi à minha mãe que me ajudasse a lhe escrever para dizer que eu, Luciano, e meu irmão Marcelo até fizemos uma musiquinha de oração para Nossa Senhora Aparecida proteger o Presidente."

(Luciano, mineiro de Uberaba, sete anos)

"Em nome do Brasil, de todo o povo, da Nação tão prejudicada, tão cheia de malfeitores, em nome de Deus, pelo amor ele chame o medium do dr. Fritz."

(Florinda Alves, carioca)

"Deus veja tudo isso logo
a lágrima, o desespero e o choro
marcando o rosto do povo.
Salve vovô Tancredo
Sinta a nossa fé, a da vovó Risoleta.
Deus o senhor é pró Tancredo
Disso ele e todos nós temos certeza.
Somos filhos da natureza."

(Antonio Vieira, Teresópolis, Rio de Janeiro)

Pág 189

"O objetivo desta carta é informar a você que:

1 – se o presidente necessita de algum órgão no qual possa ser feito o transplante, diga aos médicos que já encontrou o doador.

2 – se o presidente necessita de sangue diga aos médicos que já encontrou o doador. Observação: tipo de sangue: O positivo."

(Walter Nogueira, Fortaleza)

"Sou pobre, casado, separado, tenho uma filha com seis anos. Sou desempregado. Tenho 33 anos. Até hoje nada consegui mas mesmo assim tou feliz porque tenho saúde. E estou disposto a ajudar o Presidente. Estou oferecendo tudo que for possível ou necessário de mim. O que eu quero mesmo é ver o Presidente de pé para salvar nosso País que está precisando muito do senhor."

(Ademar, São Gonçalo, Rio de Janeiro)

Pág 190

LAUDO DE BIÓPSIA

Nome: Tancredo de Almeida Neves

Endereço:

Est. Civil: Casado

Sexo: Masculino

Cor: Branca

Data do Nasc: 75 anos

Naturalidade:

MATERIAL REMETIDO: Tumoração do intestino delgado

O material enviado consiste de segmento de tecido de forma ovalada medindo 6cm em seu diâmetro, com superfície externa lobulada, revestida parcialmente por muco liso e opacificado, com áreas de espessamento. Num dos pólos nota-se área medindo 1,5cm de diâmetro desprovida de cápsula, recoberta por fibrina.

A consistência é firme e elástica e a superfície de corte é irregular, com áreas firmes, esbranquiçadas, com extensas áreas irregulares de aspecto necrótico e hemorrágico.

O exame histológico revela estrutura densamente celularizada composta principalmente por fibras musculares lisas. Esta se dispõe em feixes entrecruzados. Os núcleos são por vezes hipercromáticos, notando-se raras figuras de mitose. O estroma exhibe fibras colágenas, com vazos engurgitados e paredes hialinizadas. Alguns mostram trombose.

A intenso infiltrado de polimorfos nucleados e linfócitos, que predominam junto às áreas periféricas.

DIAGNÓSTICO HISTOPATOLÓGICO: Leiomioma, pediculado, do intestino delgado. Sugere-se controle do paciente devido ao comportamento biológico do tumor.

DATA: 19/3/85

MÉDICO: Dr. Hércio L. Miziara e Dra. Waldete C. Moraes

Laudo de biópsia do dia 19 de março, comprovando que o divertículo, na verdade, era um leiomioma (tumor).

Pág 191

GDF – SECRETARIA DE SAÚDE

FUNDAÇÃO HOSPITALAR DO DISTRITO FEDERAL.

Aos 15 dias do mês de março de 1985, fizemos o exame macroscópico da peça nº 907/85, do paciente TANCREDO DE ALMEIDA NEVES, em companhia da Dra. Waldete Cabral Moraes, Chefe da Unidade de Anatomia Patológica e Citologia do HBDF.

No dia 19 de março o laudo foi elaborado por nos dois, sendo que os cuidados que tomamos para a sua não divulgação foi o mais completo possível: a peça foi cortada e guardada e as lâminas confeccionadas em nosso laboratório particular, fora do Hospital.

Nem mesmo os colegas da Unidade viram o material.

Apos a conclusão do laudo (em anexo) este foi entregue em duas cópias ao Dr. Pinheiro da Rocha; este encaminhou uma cópia para a família. No dia seguinte fomos chamados para uma reunião pelo Dr. Pinheiro da Rocha, contando com as presenças dos Drs. Renault Mattos Ribeiro, Gustavo de Arantes Pereira, Tancredo Augusto Neves, filho do paciente, e do Jornalista Antonio Britto, Porta-Voz da Presidência da República, na sala de chefia da

Unidade de Terapia Intensiva.

Nesta reunião sentimos que naquele momento e devido as circunstancias e os comentários que já envolviam o público e a imprensa, seria mais prudente não divulgar o laudo, visto que se tratava de um tumor, muito embora benigno, mas que poderia causar um impacto e boatos dos mais desagradáveis.

Ficou resolvido, e nos concordemos que seria feito um outro laudo com o diagnóstico de Diverticulite mantendo portanto, a impressão clínico-cirúrgica. cont.....

Pág 192

GDF – SECRETARIA DE SAÚDE
FUNDAÇÃO HOSPITALAR DO DISTRITO FEDERAL

- Cont. -

Naquele momento não houve imposição de quem quer que fosse, e nem caberia tal atitude. Foi apenas um entendimento em que nós médicos concordemos e com o qual o Dr. Tancredo Augusto também aceitou, ressaltando que a família nos deixava totalmente a vontade e dizendo repetidas vezes que não queria interferir nas decisões médicas.

Nós assumimos total responsabilidade pelo laudo falso, visto que dentro das normas éticas que regem a Sociedade Brasileira de Patologistas, tal procedimento encontra amparo legal porque na maioria das vezes representa uma atitude humanitária.

Somente voltamos a nos envolver com este caso quando por solicitação da família e em especial, pelo Dr. Thales de Britto, Professor Titular de Anatomia Patológica da USP, fomos a São Paulo levar parte da peça e as lâminas para nova reavaliação do caso (relato em anexo).

Nossa viagem se deu no dia 11 de abril próximo passado e retornamos no dia 13.

Brasília DF., 20 de abril de 1985

Dr. Hélcio Luiz Miziara

Medico Patologista – CRMDF-034

Neste relatório, o patologista assume a responsabilidade pelo falso laudo.

Pág 193

Boletim

Apesar de todas as medidas extraordinárias que vem sendo aplicadas no sentido de manter as condições respiratórias e cardíacas, vimos que as condições clínicas tem se agravado nas últimas horas.

Estão sendo observadas alterações adicionais indicativas de agravamento da insuficiência de múltiplos órgãos e sistemas.

Neste momento, o quadro clínico é bastante crítico, atingindo características de irreversibilidade.

(Esboço, em folha de computador, do penúltimo boletim médico, o que termina falando em "irreversibilidade". Uma hora depois seria o boletim da morte.)

Pág 194

Boletim Médico

Transcorridas 45 horas da intervenção cirúrgica a que se submeteu o

Exmo. Sr. Presidente Tancredo Neves, a equipe médica, após o exame
procedido esta tarde, considera muito boa a evolução pós-operatória.

Brasília, 22 de março de 1985.

(Boletim Médico de 22 de março.)

Pág 195

Senhores:

Lamento informar que o Exmo Sr. Presidente da República, TN, faleceu as
..... horas e minutos no Instituto do Coração em São Paulo. A equipe
médica que o assistiu emitiu este documento.

(Esboço do boletim "do dia da morte" que Britto trazia pronto já há 10 dias.)

Pág 196

HOSPITAL DAS CLÍNICAS DA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE
SÃO PAULO

Peridural

16:15

Pinotti

Hérnia Encarcerada

Lado esquerdo

Inginal

(Esboço do boletim que informa sobre a operação de hérnia (a quinta), que
teve apenas anestesia peridural.)

Pág 197

(Anotações em folha de papel mostrando o número de dados e resultados que
ajudavam Brito a compor o boletim.)

Pág 198

20º CARTÓRIO DE REGISTRO CIVIL

SUBDISTRITO - JARDIM AMÉRICA

Município e Comarca da Capital do Estado de São Paulo (Brasil)

Alcebiades Nascimento Moreno - Oficial de Registro Civil

José Calábria - Oficial maior

CERTIDÃO DE ÓBITO

Livro 183

Folha 109

Número 81656

Certifico que, no livro competente de ÓBITOS, deste cartório, foi lavrado
o assento de Doutor Tancredo de Almeida Neves falecido no dia 21 de abril de
1985, às 22 horas e 20 minutos, no Instituto do Coração do Hospital das
Clínicas, do sexo masculino, de cor branca, profissão, Presidente eleito do
Brasil, natural de São João Del Rey, Estado de Minas Gerais, residente em
Brasília, Distrito Federal com 75 anos de idade, estado civil casado, filho de
Francisco de Paula Neves e de Antonia de Almeida Neves, falecidos. Era casado
com Risoleta de Tolentino Neves, deixando três filhos maiores de nomes:
Tancredo Augusto, Inês Maria e Maria do Carmo. Deixou bens. Não deixou
testamento.

Atestado de óbito firmado pelo Dr. Edgard Augusto Lopes que deu como

causa da morte e doença: falência de múltiplos órgãos, septicemia e leiomioma de intestino adcedado (op)

Sepultado no Cemitério de São João Del Rey, Estado de M. Gerais.

Foi declarante Mauro Bento Dias Salles.

Observações: Registro lavrado em 22 de abril de 1985.

Eu (assinatura de José Calábria) oficial maior datilografei.

O referido é verdade dou fé.

São Paulo, (Jardim América) 22 de abril de 1985.

(assinatura do oficial de registro civil Alcebiades Nascimento Moreno)

Cartório: Rua Teodoro Sampaio, 1121 - CEP 05405 - São Paulo - SP

Certidão: Cr\$ 4.400

T.A.S.J.:Cr\$ 880

Total: Cr\$ 5.280

(Certidão de óbito de Tancredo - original)

Pág 199

DECLARAÇÃO DE ÓBITO Nº

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

MINISTÉRIO DA SAÚDE

Óbito Fetal: não

Nome: TANCREDO DE ALMEIDA NEVES

Data do óbito: hora:22:20; dia 21; mês 04; ano 985

Estado civil: casado

Sexo: MASC

Data Nascimento: 04.03.910

Idade: 75

Local da ocorrência: hospital

Endereço: Hospital das Clínicas da F. M. U.S.P. - Instituto do Coração

Município: São Paulo

Residência Habitual: SQS 206 Bloco J Apto. 501

Município: Brasília - DF

Ocupação Habitual do Falecido: Presidente Eleito do Brasil

Naturalidade: Minas Gerais

Grau de Instrução: Superior

Filiação: Nome do pais: Francisco de Paula Neves/F. Nome da Mãe: Antonina de Almeida Neves/F

Causa da Morte:

a) Falência de múltiplos órgãos

b) Septicemia

c) Leiomioma de intestino abcedado (Op)

Nome do Médico: Edgard Augusto Lopes

CRM: 11.315

Data do atestado: 22.04.1985

Endereço do médico: Instituto do Coração

Telefone: 2827766

Assinatura:

(Declaração de óbito)

Pág 200

O entrevistador

Luís Cláudio Cunha

Gaúcho de Caxias do Sul, 34 anos, casado, pai da gaúcha Gabriela e do brasiliense Diego, começou no jornalismo na "Folha de Londrina", PR, em 1969. Trabalhou na "Zero Hora" (1970) e na Editora Abril entre 1972 e 1983. Chefiou a sucursal da revista VEJA em Porto Alegre, até 1980, quando se transferiu para Brasília. Lá, chefiou a sucursal da VEJA, ISTOË, editou o "Informe JB" do JORNAL DO BRASIL em 1983 e atualmente chefia a sucursal da revista AFINAL em Brasília. Ganhou o Prêmio Esso de Jornalismo, em 1979, junto com JB Scalco, pela série de reportagem sobre o seqüestro dos uruguaios publicada na revista VEJA, onde cobriu a morte e o funeral de outro presidente: Juan Domingo Perón, em 1974.